Telemaco Borba

# Actualidade Indigena

PARANA'—BRAZIL

CORITIBA
*Typ. e Lytog. a vapor Impressora Paranaense*
1908

O Sr. Coronel Telemaco Borba, paciente observador criterioso, resolveo reunir em volume, sob o titulo *Actualidade Indigena no Paraná*, seos estudos respeito ao aborigene.

O trabalho se recommenda, já pelo assumpto que merece o carinho de nossos patricios, mormente quando o assassinio impune e a criminosa incuria concorrem para anniquilar elemento preciosissimo a nossa nacionalidade; já porque fructo de observação directa por dilatados annos.

Escriptas em differentes epochas, as partes do livro não guardam, quiçá, rigorosa unidade, — o que de resto não prejudica o valor documental dos capitulos.

Infelizmente, não poude o auctor fazer a revisão typographica, nem conhecia o revisor os dialectos, louvando-se apenas na orthographia dos *originaes*, cuja uniformidade andava prejudicada, porque diversos os copistas.

A resalva de uma *errata*, se bem que afeiando a obra, se fez necessaria, comquanto insufficiente. Em

outra edição, taes senões serão mais facilmente evitados.

Ao amigo que me distinguio com sua confiança, cabe-me pedir reiteradas excusas. Não me supprio a boa vontade a incompetencia, mao grado o excessivo escrupulo.

Retiro Saudoso (Coritiba), 14 de Agosto de 1908.

DARIO VELLOZO.

Ao sabio Amº Erasmo Braga,
offerece o velho. Telemaco Morosini Borba
Tibagy, Paraná, 25-5-09.
Esquecer? porque? os velhos vivem da
lembrança!

## Ao leitor

O pouco que, a respeito dos indigenas deste Estado, neste folheto escrevemos, é devido á observação que, pelo convivio com elles, desde 1863, temos feito, sem consultar opiniões de escriptores, que não conhecemos, que delles tenham *por ventura* tractado.

Apezar de nossa ignorancia, percebemos que este folheto é imperfeitissimo, tanto pelo estylo, como pela falta de correcção ; mas, cada um dá do que tem e como póde.—Se não nos lembrassemos que os indigenas tendem a, em breve, desapparecer ; que poucos são os que se preoccupam com estes assumptos, que a maior parte de nossos patricios até os julgam ociosos e desnecessarios, não teriamos nos dado ao trabalho de escrever as observações que colligimos. Ellas ahi vão ; desejamos que sejam uteis aos estudiosos. Garantimos, sob nossa palavra de homem velho, que escrevemos só a verdade, sem nada inventar.

Tibagy, Novembro de 1901.

*Telemaco M. Borba.*

## Breve noticia sobre os Indios Caingangues, que, conhecidos pela denominação de Coroados, habitam no territorio comprehendido entre os rios Tibagy e Uruguay. (*).

### HISTORICO

Dizem, estes Indios, que seos antepassados habitavam o territorio das actuaes comarcas de Castro e Guarapuava, de onde dirigiam seos assaltos aos habitantes das órlas do sertão e aos tropeiros e viajantes que percorriam a estrada que do Estado do Rio Grande do Sul se dirigia a este. Quizeram oppor-se ao povoamento de Guarapuava, que atacaram no principio; mas foram vencidos, dizem elles, em um grande combate onde perderam muita gente; depois desse desbarato continuaram seo velho systema de sorprehender traiçoeiramente, tanto os desprevenidos habitantes dos campos de Palmas e Guarapuava, como aos descuidados tropeiros; mas, neste seo modo de proceder, de vez em quando, soffriam grandes revezes, e as represalias por parte dos habitantes daquellas regiões, coadjuvados pelos caciques *Condá* e *Viry*, eram-lhes sempre funestas.

---

(*) Esta noticia foi escripta em 1882; encontra-se na Revista da Sociedade de Geographia de Lisboa (no Rio de Janeiro) e na *Chorographia* de S. Paraná.

Em 1856 ou 57 foram atacados, em seos toldos do valle do Piquiry, pela gente do cacique Viry, que lhes matou muitos guerreiros,aprizionou alguns e queimou-lhes os ranchos. Desanimados, por este e outros revezes, grande numero delles vieram procurar nossa amizade, aprezentando-se, em 1858, na colonia militar do Jatahy, onde era então Director o Major reformado Thomaz José Muniz, que bem os recebeo e tractou, annuindo a seos pedidos de paz.

O Governo tractou de aldeal-os em São Jeronymo, e depois tambem em São Pedro de Alcantara; em São Jeronymo ainda existe grande numero delles, mansos e industriosos, graças aos esforços que para os civilizar tem empregado o virtuoso e dedicado missionario Frei Luiz de Cemitille.

Os de São Pedro de Alcantara, desgostosos do procedimento de especulação que com elles tem Frei Timotheo de Castel-nuovo,de lá teem se retirado e hoje, pacificamente, habitam os sertões dos valles do Tibagy e Ivahy. Os que ainda não se domesticaram,mas, que tambem não nos teem assaltado, vivem vagando pelos sertões do Piquiry baixo, Ivahy e Iguassú. Em 1876, explorando o Piquiry, tivemos pratica e tracto com elles, em seos arranchamentos; nessa occasião conseguimos que vinte e cinco delles viessem ao Jatahy, onde então residiamos, brindando-os com facas, fouces e machados; tornaram satisfeitos a seos toldos.

São estes Indios bem conformados, de estatura regular, peito largo, cheios de corpo, mãos e pés pequenos, dedos finos, cabeça regular, testa e olhos pequenos, estes um pouco obliquos, maçans do rosto salientes, nariz pequeno e um pouco chato, bocca grande, labios grossos, dentes grandes e bem dispostos, orelhas pequenas, pescoço curto; arrancam os cabellos do corpo,inclusive os das sobrancelhas e pestanas; os da cabeça, tanto homens como mulheres, os trazem

tonçurados como os frades, com uma larga corôa no centro ; são de côr baça e feições grosseiras e feias.

## VESTUARIO

As mulheres andam cobertas, da cintura para baixo até os joelhos, com uma tanga de um tecido feito por ellas com fibras extrahidas da ortiga grande ; os homens andam nús, mas teem, quasi todos, uns grandes mantos, *curú-cuxa*, feitos tambem com fibras de ortiga, com os quaes dançam em suas festas e cobremse nas noites frias.

## SYSTEMA SOCIAL

Vivem reunidos aos magotes de 50, 100 e mais individuos, sob a direcção de seos caciques, porém em todo o tempo a autoridade destes é quasi nulla; é só por meios persuasivos, brandos, e dadivas que podem conservar algum ascendente sobre seos companheiros, isto é, conserval-os em seos toldos; no momento em que abandonam estes meios de dominio, ficam isolados de seos *subditos*, e até seos proprios filhos e parentes os abandonam á procura de outro chefe mais liberal e menos despotico. Geralmente os caciques, e ainda os que mais trabalham, são os que menos objectos teem, pois é de regra entre esta gente, que nunca se deve negar o que é pedido; e uma das maiores injurias que se lhes pode dirigir é chamal-os de poucos liberaes,—*deicamá*.—E' gente de caracter altaneiro e independente que não presta obediencia a ninguem ; e só por meio de dadivas e boas maneiras se póde delles conseguir alguma obediencia.

## CRENÇA SOBRENATURAL

Acreditam em um ente bom, a que chamam *Tupen*, que os dirigirá na outra vida, ou terra de abun-

dante caça, onde viverão sem trabalho caçando antas gordas, sem necessidade de correr pelos mattos para apanhal-as, pois ellas mesmas se lhes virão offerecer ás suas flechas; isto dá-se em relação ás almas dos valentes; as dos covardes, ficam morando na terra, alimentam-se com minhocas e arrebatam as almas das creanças para viverem com ellas na terra; estas almas, —*vaecopri*, são muito temidas pelas mães dos recem-nascidos. Ha alguns entre elles, os mais velhacos, que se inculcam como tendo correspondencia, por mei o de sonhos, com *Tupen*, e predizem os tempos bons ou maos, e as occasiões para as boas caçadas; estes, geralmente, são os velhos caciques que se servem deste meio para não serem abandonados por seos companheiros.

## SENTIDOS

Teem a vista, o olfacto e o ouvido de uma sensibilidade e delicadeza extraordinarias; enchergam à grande distancia, e lhes é cousa facilima o seguir pelo matto o rasto da caça, do inimigo ou dos de sua gente. O seo olfacto faz-lhes conhecer com certeza e distinguir a approximação das cobras e outros animaes nocivos. Ouvem e distinguem, à distancia, o pizar macio e traiçoeiro do tigre.

## HABITAÇÕES

Não teem habitação permanente; geralmente se mudam todos os annos, á proporção que vão rareando os meios naturaes de sua subsistencia.

Quando encontram local abundante em caça e mel, constroem grandes ranchos, de 25 a 30 metros de extensão, cobertos e cercados com folhas de palmeira, sem nenhuma divisão interna, com uma pequena abertura em cada extremidade, servindo de porta, por

onde só pode passar, abaixada, uma pessoa ; no centro destes ranchos accendem os fogos para cada familia ; dormem sobre cascas de arvores, extendidas no solo, com os pés para o lado do fogo, indistinctamente homens, mulheres e creanças.

Nunca varrem seos ranchos ; quando estes ficam muito sujos e cheios de pulga, os queimam e constroem outros.

## UTENSILIOS

Muito poucos utensilios teem, e estes compõem-se geralmente de : Uma panella de barro (*cócron*), um machado de pedra (*póbéng*), um pequeno pilão (*craie*), cuja mó geralmente é de pedra, uma peneira, um cesto (*queinhe*), algumas cuias, porungos ou cabaças (*rundia*), e pequenas lascas de pederneiras, (*toi*), que lhes servem de instrumentos cortantes. Os que vivem nos aldeamentos e suas immediaçõesjá teem alguns outros objectos e utensilios dos que usamos.

## ARMAS

Suas armas são : arcos (*uy*), flechas (*dou*) e lanças (*urúgurú*), todas muito bem feitas e de madeira fortissima. As pontas das flechas são de osso de macaco e bugio e algumas de ferro.

Em seos assaltos, que são sempre dados á traição, servem-se de cacetes de madeira dura, os quaes deixam sobre os cadaveres de suas victimas ; os que vivem na aldêa de São Pedro de Alcantara, já uzam armas de fogo que lhes vende o missionario Director.

São bons atiradores, tanto com flechas como com espingardas ; raramente erram o alvo que vizam.

## CAÇADAS

Para fazerem suas caçadas, reunem-se aos grupos de dez a vinte individuos, grande quantidade de

cães, quasi sempre magros ; seguem o rasto da caça até della se approximarem ; quando esta os percebe, soltam os cães e com grandes alaridos acompanham-os até alcançal-a e matal-a. Se é caça grossa, anta *(oyoro)*, tiram-lhe as entranhas, dão o sangue aos cães e deixam-a dentro d'agua ; n'outro dia vão conduzil-a a seos ranchos, onde assam pelo modo seguinte : fazem no chão uma cova, proporcional ao tamanho da caça, põem-lhe fogo dentro e muita lenha, sobre esta quantidade de pedras ; quando as pedras estão vermelhas e a lenha reduzida a brazas, forram a cova com folhas de palmeira, deitam nella a carne com o couro, previamente queimados os pellos, e a cobrem com as mesmas e outras folhas e muita terra por cima de tudo.

Ao outro dia descobrem a carne que está perfeitamente preparada, é muito saborosa, e assim a comem sem adubo. A caça miuda comem assada sobre as brazas, ou em pequenos giraos, e algumas vezes tambem cozida, depois de primeiramente moqueada ; caçam os passaros em choças, com um laço na ponta de pequenas varas, laçando-os pelo pescoço.

## ALIMENTAÇÃO

Alimentam-se de peixes, que apanham em seos *parys*, mel, fructas, caça, para apanhar a qual são destrissimos e grandes corredores no matto ; de algum milho, abobora e feijão que por acaso plantam. Tendo o que comer, comem a toda a hora que lhes vem o appetitte. Comem todos juntos á mesma panella, de cocoras, servindo-se das mãos ou de pedaços de taquara ou madeira para levar o alimento á bocca.

Quando teem o que comer,são grandes comilões ; porém, o pouco tambem basta a muitos, e cada um satisfaz-se, ás vezes, com um só bocado. Como no territorio onde vivem a caça é muito abundante, não co-

mem certos animaes e escolhem aquelles cuja carne é mais a seo paladar. As caças que mais apreciam são: a anta, o macaco (*caiêre*), bugio (*gongue*), porcos do matto, (*crengue*), tatetos (*ókxá*), quaty (*xeê*); comem muitas hervas do matto e entre ellas a ortiga grande, caragoatá e uma especie de alga ou musgo de ramos mui finos e delicados que nasce nas pedras das cachoeiras dos grandes rios. Não comem a carne dos veados, (*carubé*), pacas (*cocamé*), cotias (*quexóngue*), e outros animaes. Quando acabam de comer limpam as mãos no cabello e logo depois vão lavar todo o corpo ao rio, o que fazem todas as vezes que comem de dia.

## CASAMENTOS

Estes Indios são polygamos, cazam-se com quantas mulheres podem e os querem receber; geralmente, porem, não passam de quatro a seis, e estas quasi sempre da mesma familia. Não cazam com as filhas dos irmãos, que consideram como suas, preferindo, entretanto, as filhas das irmans para suas esposas; julgo ser este o motivo de tão poucas brigas e resingas no *lar domestico* delles. Os homens não tomam mulher antes dos 18 annos ou 20; nessa edade, quando encontram mulher ou menina de seo gosto, pedem-a ao pae, fazendo-lhe algum presente; se este annue ao pedido, o noivo fica aggregado á familia da noiva, que, se é moça, fica-lhe pertencendo, sem necessidade de ceremonia alguma; se esta é ainda menina, fica o noivo, pela mesma forma aggregado ao sogro, a quem faz todo o serviço, como seja: caçadas, roças, lenha, etc., até que a noiva attinja de dez a doze annos. Desse tempo em diante, ou continúa na companhia do sogro, ou procura outra familia, levando a mulher; mas, isto raras vezes acontece.

E' muito raro os maridos abandonarem as mulhe-

res ; mas estas, quando moças, com facilidade os abandonam para unir-se a outro ; quando se dá este caso, escondem-se no matto seis ou oito dias; se nos primeiros dias o marido os encontra, e o amante não é valente, aquelle lhe applica uma boa sova de pao e a infiel volta ao lar que tinha abandonado, sem mais nada lhe resultar do que um accrescimo de affeição por parte do marido.

## PARTOS

Quando se sentem proximas de dar á luz, se é de dia, vão ao matto com uma companheira ; logo depois do parto entram na agoa dos arroios, lavam-se com o recem-nascido e vão para seos ranchos, onde continuam a tratar de seos misteres, como se nada lhes houvesse acontecido. Os maridos tratam as mulheres com muita brandura, consultam-as em seos negocios, andam quasi sempre juntos e com os filhos, para os quaes são amorosos ao ponto de nunca os castigar ou mesmo reprehender com aspereza ; pelo que, estes, pouco respeito lhes tem, chegando ao ponto de, quando grandes, os maltratarem, até com pancadas, como temos presenciado. As mães andam sempre com os filhos novos ás costas, embrulhados em *curús* e com uma faixa larga de imbira passada pela cabeça para os supportar ; amamentam-os por dous a quatro annos, geralmente até terem outro.

## MEDICINA E ENTERROS

Quando algum adoece, tratam-o por meio de fricções, com summos de hervas e plantas delles conhecidas; se teem alguma dôr local, passam sobre a parte uma larga imbira que apertam envolvendo a parte dolorida ; o tratamento é feito sempre junto a um grande

fogo,perto do qual conservam o doente. Se este peiora, reunem-se junto delle todos os parentes; principiam as mulheres a chorar e os homens a dizer-lhe—*que não se vá ainda; que o hão de tratar muito bem e dar-lhe muito presente. Se percebem que não escapa da molestia, promettem enterral-o com curús novos, bonito arco e flecha, grande collar de contas e ter cuidado das suas mulheres e filhos.*

Se morre, immediatamente o enterram, deitado, com seo arco, flechas, curú e machado, em uma cova superficial, forrada e coberta com madeiras e terra por cima destas; fazem seos vinhos e convidam os visinhos para levantar a sepultura, carregando terra em cestos,deitando-a sobre esta,até tomar a forma de uma pyramide conica, de dous a quatro metros de altura e seis a oito de diametro na base; concluido este serviço, dirigem-se todos ao rancho de onde sahio o morto e principiam todos, sentados ao redor de um comprido fogo, a beber o *quiqui* e cantar as acções do morto; depois de já um pouco *quentes*, levantam-se cantando e dançando, aos saltos compassados, ao som do maracá (*xii*), vão dando volta ao grande fogo, e assim continuam, ora sentados, ora em pé, sempre cantando e sempre bebendo, até acabar o vinho; então, vão lavar-se ao rio e dormir. As mulheres, filhas, mãe e irmans do morto, choram-o ainda por muitos dias. Para as creanças não constroem estas pyramides; enterram-as em covas rasas e não fazem festa.

## INSTRUMENTOS MUZICAES

Seos instrumentos de muzica, se é que tal nome se pode dar a taes objectos que produzem sons confusos e discordes, são: businas de chifres de boi ou de taquaras (*oaquire*), flauta de taquara (*coquè*), maracás (*xii*), apitos de taquara, e mais um instrumento de ta-

quara fina, encabada em uma cabaça furada nas extremidades (*ōtōrèrè*).

## HOSPITALIDADE

Quando algum selvagem se approxima de algum toldo dos de sua nação, occulta-se junto ao local em que os habitantes costumam tomar agoa, até que conheça algum de seos parentes; então, fala de seo esconderijo e diz quem é; o que ouve, vae contal-o aos outros que se preparam para receber o hospede. O parente mais proximo deita-se, cobre a cara com o *curú*, a mulher prepara alguma cousa de comer e espera; o visitante entra sem cumprimentar e sem nada dizer, vae deitar-se junto ao que está com a cara coberta; a mulher deste põe-lhes deante a comida e diz ao marido que coma com o seo parente que veio de longe; este senta-se, convida ao outro e comem juntos; depois o visitante conta a que anda; o que tem succedido em sua morada; o que vio e lhe aconteceo no caminho; se narra a morte de algum parente, é motivo para grande choro por parte das mulheres que o rodeam, dando grandes gritos, em copioso pranto, procurando consolal-o. Geralmente nestas visitas fazem suas festas de *goiofá*. São muito francos do que teem em seos ranchos; quando alguem chega a elles, a primeira cousa que fazem é perguntar se tem fome; nos dias de abundancia nem isso fazem; sem nada dizer, vão pondo deante da pessoa a comida dizendo—coma—(*acó*); nunca negam a comida que se lhes pede; do pouco que teem comem juntos.

## MODOS DE PREPARAR SUAS BEBIDAS FERMENTADAS

Preparam duas qualidades de bebidas fermentadas, cujo fundo principal é o milho (*nhára*); a que é feita só de milho e agoa chamam—*goifá*—quando a

esta addicionam mel de abelha chamam-n'a *quiquy*. Para preparar o *goifá*, soccam o milho, depozitam-o em grande quantidade de agoa morna, em grandes coches de madeira, collocados perto do fogo e todos os dias mechem-n'o; quando cessa a fermentação, está prompto e principiam a bebel-o cantando e dançando de noite e de dia, até cahirem de bebedos e o *goifá* acabar-se.

Nestas occasiões convidam os visinhos que sempre pressurosamente acorrem.

O *goifá* é de gosto azedo, amargo e desagradavel ao paladar. O *quiquy*, como atraz dissemos, é o *goifá* com addicionamento de mel de abelhas silvestres, é menos desagradavel, porém mais embriagante. Quando bebem seos vinhos, não comem, e a cada momento estão vomitando, continuando porém a beber até cahirem de ébrios; se na festa algum fica briguento e incommoda, as mulheres o tiram para fora; amarram-o de pés e mãos até sarar da bebedeira. Fazem do milho uma outra bebida, especie de mingao ralo, a que chamam—*goiocupry*—(agoa branca); o modo de preparal-a é: primeiro dando uma ligeira torrefacção ao milho, o que fazem pondo este em cestos misturados com brazas e agitando-o ao ar; trituram-o depois, e o depozitam em grandes vasos de barro, *cocron-bang*, junto a um fogo grande; põem-lhe agoa até encher os vasos e assim os deixam por uma noite; ao outro dia sentam-se algumas mulheres velhas ao redor dos vasos, vão tirando o milho com as mãos, mastigando-o com muito vagar e tornando a deposital-o nos mesmos; depois de vinte e quatro horas deste processo, bebem-o e dizem que é muito agradavel e substancial.

## ROÇAS

Para fazerem suas roças, escolhem mattas pouco frondosas, quebram com cacetes os mattos miudos, de-

pois de secco este, põem-lhes fogo e está prompta a roça. As mulheres são que fazem as plantações; servem-se, para este fim, de cavadeiras de pao, para fazer as covas, onde depositam a semente, depois de passal-a pela bocca, para humidecel-a. Não costumam fazer depositos de seos mantimentos; quando precizam vão tiral-o das roças. Do milho verde e tambem do secco, fazem uns grandes bolos *(emin)*, assados na cinza, envolvidos em folhas de *caètè*; conservam-se por muitos dias; é geralmente a alimentação que carregam em suas excursões e caçadas. Quando viajam não teem pressa; a mesma cousa é para elles viajar ou caçar; onde encontram vestigios de caça, mesmo viajando, perseguem-na e ahi param até comel-a. Em seos trabalhos são tambem muito indolentes; quando teem fartura, comem e dormem e, em todos os tempos, quando trabalham, é por poucas horas, de manhan; o resto do dia empregam em dormir e a tarde em passear.

## ENFEITES E ORNATOS

Por enfeites e ornatos teem-o nas occasiões de suas festas uma especie de camisas sem mangas *(craninin)*, muito apertadas, que lhes descem até as cochas; umas bellas corôas de pennas de varias cores *(arangretára)*, muito elegantes; seos grandes mantos, que arrastam garbosamente; grandes collares de contas brancas ou dentes de animaes; outros, depois de já suados, espalham pela cabeça grande quantidade de pennas miudas que, com o movimento vão se adherindo á cara e resto do corpo; a maior parte pinta o corpo simplesmente com carvão e assim se julgam vistosos e bonitos. (1)

(1) Uzam como enfeite e tambem para preserval-os dos espinhos e mordeduras de cobra, uns cordões finos, feitos da casca do *cipó imbé*, que lhes envolvem as pernas do tornozelo ao meio destas, e dahi para cima até a curva.

## JOGOS E DIVERTIMENTOS

Costumam fazer um exercicio e divertimento que chamam *caingire*, que parece, e realmente é, um verdadeiro combate, comquanto não resulte das offensas nessas occasiões recebidas nenhuma inimisade. Para fazer este divertimento, preparam um largo terreiro, cortam grande quantidade de cacetes curtos, que vão depozitando nas duas extremidades deste; convidam os de outros arranchamentos para se divertirem; acceito o convite, preparam tambem seos cacetes, e, carregados com elles, vêm se approximando cautelosamente do logar do *divertimento*; alli chegados, sahem-lhes os outros a combater; arremessam-se mutuamente os cacetes com grandes vozerias, simulando um verdadeiro combate, até que um dos grupos abandona o terreiro, soffrendo, por essa causa, grande vaiae apupos. As mulheres, cobertas com uma especie de escudo feito de cascas de arvore, vão ajuntando os cacetes que são arremessados,e depositando-os junto aos combatentes; quando algum destes cae mal ferido, ellas o retiram do terreiro e tratam. Nestas luctas sempre ha grandes ferimentos, contusões, olhos furados e dedos quebrados; mas, dahi não procede nenhuma inimizade. Os que sahem mais mal tratados, em peiores circumstancias, são considerados os mais valentes (*turumanin*), e como taes gabados. Aconselhando, n'uma occasião, a que abandonassem este mao divertimento, disse-me uma india velha:—«Você não quer que minha gente se divirta mais com este brinquedo, mas nós hoje não temos mais guerra com vocês para nos exercitar; sem este brinquedo nossos homens hão de se tornar fracos e medrosos como mulheres, o que não convem, porque no matto ainda ha gente brava, que pode nos atacar e a vocês; se não estivermos exercitados como nos defenderemos? E,

de mais, este brinquedo que você vê, no meo tempo, era proprio só das creanças; os homens tinham outros mais serios, nos quaes sempre se dava alguma morte; mas, por essa causa nunca brigámos e sempre faziamos o enterro como amigos.»

Tambem uzam este divertimento de noite e chamam-lhe *pingirê* porque os cacetes são accesos em uma das extremidades; dá o mesmo resultado que o *cángire*, apenas com o accrescimo das queimaduras. Exercitam-se desde pequenos na lucta corporal; o que derriba um, tem que supportar a prova de todos os outros que o queiram experimentar, até que, exhausto de forças, succumba a seo turno. Todos os outros seos brinquedos e divertimentos, são sempre mais ou menos grosseiros e brutaes.

## CARACTER MORAL

São alegres, communicativos, curiosos, muito amigos de indagar das cousas que não conhecem; aprendem com facilidade o que se lhes ensina, mas, são muito inconstantes e pouco dedicados aos trabalhos intellectuaes. Guardam pouco o que promettem, não se envergonhando da falta de lealdade e cumprimento de sua palavra; sentem até prazer dos logros que nos pregam.

Para ser por elles respeitado e obedecido, é necessario que se lhes dê alguma prova de superioridade physica, com o que se tornam tão doceis e obedientes, quanto antes eram altaneiros e insolentes. Costumam, os parentes, pedir desforra ou pagamento de algum mao trato physico que os seos soffreram; neste caso, ou se lhes paga na mesma moeda que levou o parente, ou se lhes dá qualquer objecto de pouco valor, com o que, em ambos os casos, se retiram satisfeitos, promptos a tirar desforra na primeira occasião favoravel que se lhes depare.

## LINGOA

Falam um idioma muito guttural, nada parecido ao Guarany; não pronunciam o L, o R forte e o Z. Das palavras que conheço, do idioma delles, só duas : *Pirá*, peixe, e *Piraju*, são da lingoa Guarany e teem a mesma significação em uma e outra ; e *Kèfé*, faca, que é parecida com *Kicé*, faca, do Guarany. Nada entendem de navegação. Não sabem construir canoas. São pouco nadadores.

II

## LENDAS OU MYTHOS DOS INDIOS CAINGANGUES

1

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados. Só o cume da serra *Crinjijimbé* emergia das agoas.

Os *Caingangues*, *Cayurucrés* e *Camés* nadavam em direcção a ella levando na bocca achas de lenha incendidas. Os *Cayurucrés* e *Camés* cançados, afogaram-se; suas almas foram morar no centro da serra. Os *Caingangues* e alguns poucos *Curutons*, alcançaram a custo o cume de *Crinjijimbé*, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das arvores; e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer; já esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a á agoa que se retirava lentamente.

Gritaram elles ás saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando tambem o canto e convidando os patos a auxilial-as; em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um açude, por onde sahiram os *Caingangues* que esta-

vam em terra; os que estavam seguros aos galhos das arvores, transformaram-se em macacos e os *Curutons* em bugios. As saracuras vieram, com seo trabalho, do lado donde o sol nasce; por isso nossas agoas correm todas ao Poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as agoas seccaram, os *Caingangues* se estabeleceram nas immediações de *Crinjijimbé*. Os *Cayurucrés* e *Camés*, cujas almas tinham ido morar no centro da serra, principiaram a abrir caminho pelo interior della; depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas: pela aberta por *Cayurucré*, brotou um lindo arroio, e era toda plana e sem pedras; dahi vem terem elles conservado os pés pequenos; outro tanto não aconteceo a *Camé*, que abrio sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, e os seos, os pés que incharam na marcha, conservando por isso grandes pés até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agoa e, pela sêde, tiveram de pedil-a a *Cayurucré* que consentio que a bebessem quanto necessitassem.

Quando sahiram da serra mandaram os *Curutons* para trazer os cestos e cabaças que tinham deixado em baixo; estes, porem, por preguiça de tornar a subir, ficaram alli e nunca mais se reuniram aos *Caingangues*: por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. Na noite posterior á sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres, *ming*, e disseram a elles:—vão comer gente e caça—; e os tigres foram-se, rugindo. Como não tinham mais carvão para pintar, só com a cinza fizeram as antas, *oyoro*, e disseram:—vão comer caça—; estas, porem, não tinham sahido com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem; perguntaram de novo o que deviam fazer; *Cayurucré*, que já fazia outro animal, disse-lhes gritando e com mao modo:—vão comer

folha e ramos de arvore —; desta vez ellas, ouvindo, se foram : eis a razão porque as antas só comem folhas, ramos de arvore e fructas.

*Cayurucré* estava fazendo outro animal ; faltava ainda a este os dentes, lingoa e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz-lhe ás pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe :—Você, como não tem dente, viva comendo formiga—; eis o motivo porque o Tamandoá, *Ioty*, é um animal inacabado e imperfeito.

Na noite seguinte continuou e fel-os muitos, e entre elles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucré* fazia estes animaes, *Camé* fazia outros para os combater; fez os leões americanos (*mingcoxon*), as cobras venenosas e as vespas. Depois de concluido este trabalho, marcharam a reunir-se aos *Caingangues*; viram que os tigres eram maos e comiam muita gente, então na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de arvore e, depois de todos passarem, *Cayurucré* disse a um dos de *Camé*, que quando os tigres estivessem na ponte puxassem esta com força, afim de que elles cahissem na agoa e morressem. Assim o fez o de *Camé* ; mas, dos tigres, uns cahiram á agoa e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas ; o de *Camé* quiz atiral-os de novo ao rio, mas, como os tigres rugiam e mostravam os dentes,tomou-se de medo e os deixou sahir : eis porque existem tigres em terra e nas agoas. Chegaram a um campo grande, reuniram-se aos *Caingangues* e deliberaram cazar os moços e as moças.

Cazaram primeiro os *Cayurucrés* com as filhas dos *Camés*, estes com as daquelles, e como ainda sobravam homens, cazaram-os com as filhas dos *Caingangues*.

Dahi vem que, *Cayurucrés*, *Camés* e *Caingangues* são parentes a amigos.

## 2

## NHARA

Meos antepassados alimentavam-se de fructos e mel; quando estes faltavam, soffriam fome. Um velho de cabellos brancos, de nome *Nhara*, ficou com dó delles; um dia disse a seos filhos e genros que, com cacetes, fizessem uma roçada nos taquaraes e a queimassem. Feito isto, disse aos filhos que o conduzissem ao meio da roçada; alli conduzido, sentou-se e disse aos filhos e genros: — Tragam cipós grossos.— E tendo estes lh'os trazido, disse o velho:—Agora vocês amarrem os cipós a meo pescoço, arrastem-me pela roça em todas as direcções; quando eu estiver morto, enterrem-me no centro della e vão para os mattos por espaço de tres luas. Quando vocês voltarem, passado esse tempo, acharão a roça coberta de fructos que, plantados todos os annos, livrarão vocês da fome.— Elles principiaram a chorar, dizendo que tal não fariam; mas, o velho lhes disse:—O que ordeno é para bem de vocês; se não fizerem o que mando, viverão soffrendo e muitos morrerão de fome. «E, de mais, eu já estou velho e cançado de viver.» Então, com muito choro e grita, fizeram o que o velho mandou e foram para o matto comer fructas. Passadas as tres luas, voltaram e encontraram a roça coberta de uma planta com espigas, que é o milho, feijão grande e morangos. Quando a roça esteve madura, chamaram todos os parentes e repartiram com elles as sementes. E' por esta razão que temos o costume de plantar nossas roças e irmos comer fructas e caçar por tres ou quatro luas. O milho é nosso, aqui da nossa terra; não foram os brancos que o trouxeram da terra delles. Demos ao milho o nome de *Nhara* em lembrança do velho que tinha este nome, e que, com o seo sacrificio, o produzio.

3

## CANTO E DANÇA

Não sabiam cantar nem dançar. Em suas reuniões bebiam o *quiquy*, sentados junto ao fogo; sua bocca, porem, estava fechada; por esse motivo suas festas eram monotonas, e, salvo a alegria produzida pela embriaguez, tristes. Dezejavam aprender a cantar e dançar, mas não havia quem os ensinasse; as outras gentes ainda não existiam. Um dia em que homens de *Cayurucré* andavam caçando, encontraram em uma clareira do matto um grande tronco de arvore cahido; sobre elle estavam encostadas umas pequenas varas com folhas; a terra junto ao tronco muito limpa; examinando-a pareceo-lhes ver umas como pequenas pégadas de creanças; admiraram-se disso; á noite, em seus ranchos, contaram o que tinham visto e convidaram os outros a irem examinar o que seria. Ao outro dia foram todos, approximaram-se cautelosamente do tronco e escutaram; dahi a pouco viram um pequeno purungo, na ponta de uma varinha, que se movia produzindo um som assim: *xi, xi, xi*; as varas que estavam encostadas ao tronco, começaram a mover-se compassadamente, ao mesmo tempo que uma voz debil, porem clara, cantava assim: — *emi no tin rè... è, ê, è. Andò chò caê voá á. Ha, ha, ha. Emi no tin rè ê. E, è, è. Emi no tin rè.....*

Comprehenderam que aquillo era canto e dança, decoraram as palavras, sem com tudo as entender; approximaram-se do tronco e só viram as varas e os pequenos purungos. Examinaram o chão e não encontraram nenhum esconderijo; ficaram sem saber quem seriam os dançadores. Passados dias voltaram á clareira uzando das precauções anteriores; viram o pequeno purungo e as varas mover-se e a voz cantar:

—*dou camá corô ê, quê agnan kananban. Côyogda emi nô ting. É qui matin... É qui matin.*—Decoraram o canto, approximaram-se do tronco e só viram o pequeno purungo, as varas e pégadas pequenas no chão. Examinando o purungo, encontraram dentro delle pequenas sementes duras, de côr preta. Prepararam outros eguaes; fizeram uma festa, dançaram, e, abrindo a bocca, cantaram os cantos que tinham ouvido, fazendo com as varas nas mãos os movimentos que tinham visto.

Com o tempo foram compondo outros cantos e inventando outras danças; mas, em suas festas principiam sempre por estes. Passadas algumas luas destes factos, *Cayurucré* que sempre procurava descobrir quem seriam seos mestres de canto e dança, andando caçando, deparou com um Tamandoá-mirim, (*Cacrekin*). Levantando o seo cacete para matal-o, o Tamandoá ficou de pé e principiou a cantar e dançar as modas que elles tinham aprendido. Então conheceo *Cayurucré* que este tinha sido o seo mestre de canto e dança. Depois de dançar, o Tamandoá disse a *Cayurucré* : Dá-me teo cacete que eo quero examinal-o para te dizer a que sexo pertencerá o filho que tua mulher logo te dará. Deo-lh'o *Cayurucré*, e elle depois de dançar disse :—Eu fico com o cacete, teo filho é homem.

Isto ha de servir de signal a tua gente; quando encontrarem commigo e me derem seos cacetes, se eu ficar com elles seos filhos serão homens, mas, se os deitar fora, depois de ter, com elle na mão, dançado, serão mulheres.

Os Tamandoás sabem muitas outras cousas mais; pensamos que elles são as primeiras gentes que aqui existiam antes de nós, e que por velhos não sabem mais falar. Não os matamos. Quando os encontramos, sempre lhes damos nossos cacetes; se elles os segu-

ram, ficamos alegres, porque nossas mulheres nos darão filhos homens.

4

## COMO CONSEGUIRAM O FOGO

Só *min-àràn* tinha fogo; não o queria dar aos Caingangues; estes comiam a carne da caça crua ou secca ao sol. Dezejavam ter fogo, mas não o sabiam produzir. *Fyietô*, que era um Cayurucré esperto, disse: —*min-aràn pin iemé iètmô*, eu vou trazer o fogo de *min-aràn*. *Min-àràn* não era Caingangue, não sabiam de que gente era, vivia só com a mulher e a filha; transformou-se, *Fyietô*, em filho de gralha branca, (*xakxó*), e foi boiando á tona d'agoa até onde estavam se banhando a mulher e a filha de *Min-aràn*.

Esta, quando o vio, pedio á mãe que o pegasse, levaram-o á casa e, como estivesse molhado, para enxugar-se, puzeram-o sobre as achas de lenha que estavam ao fogo. *Min-arân* era muito desconfiado, vendo-o espicaçar com o bico um tição disse: – «isto não é filho de passarinho; parece que quer nos roubar o fogo, vamos matal-o.» Mas, a filha o impedio chorando. *Fyietô* continuou a espicaçar o tição e quando conseguio separar um graveto com fogo, fugio com elle no bico. *Min-aràn* correo atraz de *Fyietô* e quando ia alcançal-o este entrou em uma fenda de pedra *Min-aràn*, introduzio na fenda o cacete, procurando matal-o, mas, *Fyietô* desviava-se para os lados; depois deo um murro no proprio nariz, apanhou o sangue que delle sahia, esfregou-o no cacete. *Min-aràn*, vendo o cacete ensanguentado, pensou que tivesse morto *Fyietô* e disse á mulher:—Já o matei, olhe aqui o sangue delle, e mostrava o cacete; ninguem terá fogo senão eu. Passados poucos minutos, *Fyietô* sahio da fenda,

subio a uma palmeira, tirou desta um ramo secco, accendeo-o no graveto e foi arrastando-o por um campo grande que se incendiou. *Min-arân* vendo o fogo no campo correo a apagal-o; não o conseguindo ficou triste por ter outras gentes que pudessem ter fogo, e morreo. O campo queimou por muitos dias; todas as gentes guardavam fogo e principiaram a açar a carne nelle. Quando nos acontece apagar-se o fogo em nossos ranchos, o produzimos friccionando uma *vareta* de madeira dura sobre uma pequena cova feita na extremidade inferior dum ramo secco de palmeira.

# III

# COMBRO'

## Narrativa Caingangue

Em uma tarde do mez de Maio de 1886, achava-mo-nos reunidos á margem de um ribeiro, junto de um grande fogo, debaixo de bellas e copadas arvores que principiavam já a derrubar as folhas. Perto do fogo se viam : cestos de pinhões, apanhados de fresco ; algumas jacutingas mortas (*Penelope*) ainda sem depenar ; indios caingangues construiam, com folhas de palmeira, um abrigo para a noite. Eu e o cacique *Arãkchó*, recostados e fumando nossos cigarros, discorriamos sobre as guerras passadas entre a minha gente e a gente delle, fazendo-lhe notar as vantagens que, tanto a elles como a nós, resultam deste estado de paz. E' verdade, me disse elle, nós soffriamos falta de muitas cousas e viviamos sempre sobresaltados ; mas vocês tambem não tinham a liberdade de entrar em nossos sertões e viver descançados ; para você fazer idea do que eram meos antepassados, vou lhe contar a historia de *Combró*, que era pae do pae da mãe de meo pae. Naquelles tempos minha gente não tinha ferramenta ; seos machados (*Beng*), eram de pedra, (*pó*). Serviam-lhes de facas pequenas lascas de quartzo (*toi*) ; *Combró* era um chefe guerreiro e valente *turumani* ; elle já sabia que os brancos (*Tong*) tinham machados e facas (*Hefé*), que cortavam melhor que os

delles; querendo adquiril-os a seo modo, convidou seos companheiros (*Kaporon*), para ir em demanda destes objectos.

Na primeira casa que encontraram na orla do sertão, trucidaram seos habitantes, levando tudo que lhes pareceo util. Emquanto andava *Combró* nesta empreza, outros selvagens assaltaram seo arranchamento, matando alguns guerreiros, aprizionando muitas mulheres, entre as quaes uma das de *Combró*. Este, indo em perseguição delles, alcançou-os, desbaratou-os, retomando sua mulher e outras. Os brancos, descobrindo o morticinio, feito por *Combró*, na casa por elle assaltada, reuniram os indios alliados, e foram em perseguição delle; depois de muitos dias de caminho, descobriram o toldo em que estavam habitando, cercaram-no para assaltal-o de madrugada; á noite uma india que ia ao rio tomar agoa, vio um vulto perto do caminho, mas lhe pareceo que fosse um *toco*; na volta, não o vendo mais, contou isso ás suas companheiras. Pensando estas que fossem inimigos que andassem *bombeando*, choraram o resto da noite. Pela madrugada os brancos assaltaram o toldo matando os poucos homens que alli estavam, entre estes *Xhakringó*, que foi queimado, aprizionando as mulheres e creanças, conseguindo alguns escapar. Quando *Combró*, que regressava de retomar uma de suas mulheres, chegou a seo incendiado toldo e foi pelos fugitivos informado do occorrido, convidou os seos companheiros e foi em seguimento dos brancos; deparou com estes acampados junto a um ribeiro e vigilantes; ouvio e conheceo o choro de seo filho, enchendo-se de furor ao ver um branco castigal-o para calar-se; assaltou-os, mas foi repellido, morrendo-lhe muitos guerreiros.

Ao outro dia assaltou-os de novo na occasião em que almoçavam, sendo morto por uma bala que lhe

atravessou a cabeça. Seos companheiros, vendo-o morto, fugiram e os brancos sahiram ao campo sem serem mais perseguidos. *Tandó* e *Cohí* eram filhos de *Combró*. *Tandó* tinha sido creado entre os brancos que o tinham aprizionado, quando mataram o pae. Aos dezoito annos fugio para os seos, suggestionado por sua mãe que lhe dizia que devia vingar a morte de seo pae. Por sua valentia, em pouco tempo tornou-se chefe dos seos, e então tratou de vingar-se daquelles que julgava serem os causadores da morte de seo pae e do seo captiveiro. Reunio seos guerreiros, dirigio-se aos campos de Guarapuava e chegando á orla do sertão, mandou, á noite, alguns guerreiros explorar a posição occupada pelos indios mansos. Os exploradores disseram ao voltar que os indios mansos estavam com os brancos, habitando em casas cobertas e cercadas de taboas e que achavam difficil atacal-os com vantagem. Ouvido isto pelos guerreiros, deliberaram abandonar a empreza nesta occasião; mostrando-se *Cohí* contrario a esta resolução, dizendo que: *cabeças de branco tambem se quebravam com bons cacetes*; mas sua opinião, por singular, não foi adoptada. Determinaram a retirada, deixando seos cacetes amontoados, como signal de que disistiam do intento de combater. Pela manhan os indios mansos encontraram estes cacetes, conduziram-os a seo toldo e ficaram de sobreaviso. Tinham *Tandó* e os seos andado apenas uma hora quando encontraram, nos galhos de uma arvore, um bando de quatis; limparam bem o chão em baixo da arvore e puzeram-se a atirar cacetes nestes animaes, e quando estes atiravam-se ao chão os perseguiam até matal-os. *Cohí*, perseguindo um, apanhou-o pela cauda e o aprezentou a *Tandó*, dizendo-lhe: «*Como você não tem coragem de quebrar cabeça de nossos inimigos, quebre ao menos a deste quati.*» Você aqui já diz isso, respondeo-lhe *Tandó*, quanto

mais não dirá quando chegarmos a nossas casas e você vir as nossas mulheres! Voltemos contra nossos inimigos, companheiros, ou *Cohi* nos envergonhará em nossas casas; quem quizer viver como as pedras, que não morrem, vá para casa! Voltaram, e á noite, assaltaram o toldo dos indios mansos; a lucta foi renhida, morreram muitos companheiros de *Tandó* e indios mansos. Estes fugiram. *Duhi*, o chefe delles, ficou dentro de uma casa onde resistia só. *Tandó* incendiou a casa e desafiou-o a combate singular. *Duhi* principiou a cantar seo canto de guerra, que era assim: «*Voha ihó voá ihó icutenia*», e saltou para fora com uma faca em cada mão. Quando se approximou de *Tandó* atirou-lhe uma dellas, este a apanhou e arremeteo contra elle. Travaram a lucta, faca contra faca, braço a braço, e assim foram luctando, até cahirem ambos em uma grande cova; nesta occasião *Duhi* poude passar a faca atravez do corpo de *Tandó*, continuou a empurral-a até ficar cravada na terra; este, que estava de baixo, enfiou-lhe tambem sua faca nas costellas, atravessando-lhe o coração e matando-o instantaneamente. Emquanto durava esta lucta os indios mansos aprizionaram a mulher de *Tandó* e a levaram para Guarapuava.

*Tandó*, não podendo levantar-se, chamou *Cohi* para ajudal-o, este desenterrou a ponta da faca, limpou-a e tirou-a do corpo de *Tandó*; collocaram-no em uma padiola e o carregaram para o sertão, onde sarou.

Passados dous annos deste acontecimento, o capitão dos brancos mandou a mulher de *Tandó*, com presentes, convidal-o a fazer pazes e viver com elle. Esta andou muitos dias por picadas de ha muito abandonadas; já muito longe, estas pareciam muito frequentadas. Uma manhan ouvio latidos de cães e gritos; arremedou o assoviar do macaco, responderam-

lhe perto ; dahi a pouco avistou *Tandó*, que a ella se dirigia ; este, approximando-se reconheceo-a e ella desatou em pranto. «Porque choras, em vez de te alegrares ? Eu estou alegre por te ver, minha mulher, disse-lhe *Tandó*» ; e dando-lhe a mão para levantar-se conduzio-a ao seo toldo, onde ella entregou-lhe os presentes e o convite do capitão dos brancos.

A' noite, reunida a tribu, consultaram se deviam ou não acceitar tal convite; quasi todos foram de opinião que se fizesse pazes. *Cohi*, porem, dizia : «Que os brancos eram bons, mas, os indios mansos maos e traidores, por esta razão, se os outros quizessem, que fossem, que elle ficaria.» Resolvida a partida, chegou *Tandó* e os seos companheiros á povoação de Guarapuava ; o capitão dos brancos o recebeo bem, fazendo com elles e os seos um tratado de paz ; fez-lhe muitos presentes de machados, fouces, facas e fazendas. Deo-lhes uma casa para nella pernoitarem. Já alta noite bateram á porta e entraram dous indios mansos, que perguntaram a *Tandó* se queria milho para comer ; este disse-lhes que sim e elles sahiram. Os companheiros de *Tandó* disseram-lhe que era melhor irem dormir no matto, para evitar alguma traição dos indios mansos ; respondeo-lhes que fossem elles, se quizessem, que elle não tinha medo e que tinha confiança no capitão dos brancos. Seos companheiros retiraram-se, deixando-o só com a mulher. Dahi a pouco entraram quatro indios mansos, trazendo um pouco de milho que deram a *Tandó*, e, perguntando-lhe pelos companheiros, disse-lhes que se tinham retirado. Quando *Tandó* estava assando o milho, os quatro indios cahiram sobre elle a facada e o mataram. A mulher correo a dar parte ao capitão dos brancos. Este, ao amanhecer, reunio todos os indios mansos, e mostrados pela mulher de *Tandó*, os matadores de seo marido, os mandou prender. Mandou a mulher de *Tandó*

contar esta occurrencia aos seos e convidal-os a voltar ; mas elles não o quizeram fazer e continuaram a viver nos mattos em continua guerra com os brancos e indios mansos. Contou-me esta historia a mãe de meo pae, mulher muito velha, com os cabellos todos brancos, que a ouvio de seo pae que era irmão de *Tandó*.

Acabava de ouvir esta historia, que me narrava o cacique, quando minha attenção foi dispertada por longinquos sons de busina. «São meos companheiros que voltam da caçada, disse-me elle, e dão signal de que ella foi abundante.»

# IV

## CANTOS PARA QUANDO FAZEM ENTERRAMENTOS

1.º

*Cagmá, iengvè, oanan eiò ohó iá, engô que tin, in fimbré ixan an ióngóngue, iamá que nò ò caicá, katô nô ó eká maingvè.*

Traducção livre: Passe com cuidado a ponte.

Viva bem com os outros; assim como elles vivem bem, você tambem pode viver. Lá você ha de ver muita cousa que já vio aqui em minha terra, assim como o gavião. Teos parentes hão de vir te encontrar na ponte e te levarão com elles para a tua morada.

2.º

*Comá comá cô ondiê, ê ni moni tá, goyo-bangus tarê uo can ien caindè rain tarè, ciokang ien.*

Traducção livre: Passe bem pela ponte do rio grande; chegando ao campo diga aos outros:—Eu estou aqui.

Coma bem as fructas do *comá* e vire as pedras que têm limo antes de passar.

3.º

*Iá ia há vè perá iè mè, aiê ienô, vexei corendiê.*

Traducção livre: Vá-se embora, viva bem como os outros que estão lá.

## V

## Principio de pequeno vocabulario da lingoa Caingangue ou Coroado (*)

| Portuguez | Caingangue | Portuguez | Caingangue |
|---|---|---|---|
| Agoa | Gôyo | Cahir | Cuten |
| Amanhan | Guaeca | Caminho | Iaprï |
| Amargo | Cayá | Canoa | Cankéi |
| Amarrar | Tókefiran | Cêra | Deya |
| Anta | Oyôrò | Campo | Rè |
| Anus | Déguene | Capivara | Crendeng |
| Arara | Cáéi | Casa | In |
| Arco | Ui | Cauda | Dére |
| Arrancar | Cōnōn | Carrapato | Tire |
| Assar | Iaquexunde | Capoeira | Engohú |
| Azedo | Fá | Cemiterio | Vaiqueiei |
| Abobora | Pehú | Cerca | Ró |
| Balaio | Crê | Cesto | Quenhê |
| Barriga | Indú | Chega, basta | Enguetecá |
| Beber | Cron | Chuva | Táá |
| Beiço | Ianteque-fuere | Cobra | Pan |
| Bocca | Ianteque | » cascavel | Xachá |
| Bolo, pão | Emin | « urutú | Deneman |
| Bom, Bonito | Chitáguy | Comer | Con |
| Braço | Ipé | Comprido | Feiê |
| Branco | Copri | Conheço, sei | Quevânherá |
| Brigar | Inhon | Correr | Venuôra |
| Bugio | Góng | Cortar | Quênan |
| Buraco | Dōro | Cozinhar | Déi |
| Cabeça | Crin | Curto | Ruro |

(*) O r é sempre brando, tanto no principio como no meio das palavras.

| Portuguez | Caingangue | Portuguez | Caingangue |
|---|---|---|---|
| Chifre | Nicá | Jacaré | A'pa |
| Dança, festa | Vaicóquefú, Vaigreme | Jacú | Pein |
| Dedo | Ninguè feiè | Jaguatirica | Grumt-xin |
| Deite fóra | Fondiá | Jarivá palmeira | Tain |
| Dente | Nhá | Joelho | Itfacrin |
| Dia | Coran | Junto | Ambre |
| Diga | Haqué | Ladrão | Peiuia |
| Doente | Cangate | Lago, lagoa | Orendig |
| Doce | Grein | Laranja | Nerinhe |
| Dormir | Noronan | Lança | Orúgurú |
| Duro, forte | Tára | Lecenço | Quiui |
| Escrever, riscar | Rane | Leite | Nongeye |
| Espere | Tóre | Limpar | Prum |
| Estrella | Crin | Levante-se | Negára |
| Espinho | Xói | Leve, pouco pesado | Cavuy |
| Estrada | Yapribang | Ligeiro, lesto | Cúri |
| Excremento | Nhafá | Lavar | Cupêia |
| Espelho | Veieveie | Lingoa | Nonê |
| Faca | Kefé | Linha | Uafê |
| Fazer | Handêra | Logo | Queyene |
| Farinha | Métêfú | Longe | Coranguê |
| Féde | Cocré | Lontra | Fókféiê |
| Filho | Coxin, Cren | Lua | Quexá |
| Fogo | Pin | Lucta | Ruruia |
| Fraco | Croyó | Macaco | Cayere |
| Flecha | Dou | Machado | Béng |
| Frio | Cuchá | Macuco | Uô |
| Fundo | Diguede | Magro | Cayó |
| Gato | Mik-xin | Mandioca | Comin |
| Geada | Cocrirê | Maleita, febre inter. | Nhônhôro |
| Genro | Iambré | Manco | Tincoré |
| Gissara, palmeira | Fenêen | Manso | Canheran |
| Gordo | Tangue | Maracá | Héi |
| Grande | Bong | Marido | Bém |
| Hoje | Ori | Matar | Tere |
| Homem | Paï | Matta | Cacant |
| Hontem | Aranquê | Mão | Ningué |
| Irman | Vee | Mãe | Ian |
| Irmão | Rengré | Mao, que não presta | Coré |
| Jaboticaba | Máá | Medico | Cafangue |

| Portuguez | Caingangue | Portuguez | Caingangue |
|---|---|---|---|
| Medir | Cambut | Papagaio | Cantou |
| Medo | Camé | Parente, amigo | Caicá |
| Mel | Manque | Pao | Cá |
| Méde | Imafi | Pé | Pem |
| Menino | Paixin | Pedra | Pó |
| Mentira | O'ne | Peixe | Pirá |
| Membro viril | Engré | Pelle | Fuère |
| Mergulhe | Putequeia | Pello | Quequi |
| Meo | Ixon | Penna | Feiê |
| Minhoca | Nhónnhón | Pente | Oaicurêia |
| Milho | Nhara | Pequeno | Hin |
| Miudo, pequeno | Canxire | Perdiz | Coiampêpê |
| Moço | Queron | Perto | Cacó |
| Molhado | Brere | Perna | Fá |
| Montanha | Crin | Pesado | Cufuiangue |
| Morder | Pram | Pescoço | Induï |
| Muito | Iti | Pinheiro | Fuangue |
| Mosquito | Cáran | Pintado | Conguère |
| Mulher | Pron | Planicie | Pandoi |
| » moça | Tetan | Plantar | Crande |
| Nadar | Abarambraia | Pombo | Petecoin |
| Nhambú | Dé | Preguiçoso | Nhênhêrê |
| Não | Uó | Preto | Haig |
| Não quero | Deia | Procurar | Canéra |
| Noite | Cutè | Porco do matto | Creng |
| Nó de pinho | Canchê | Pulga | Campó |
| Olhe | Canera | Quati | Xê |
| Olho | Canê | Quebrar | Capeque |
| Orelha | Negrein | Queimar | Pôro |
| Osso | Cucá | Quente | Arannhèguete |
| Ovo | Crein | Rabo | Bú |
| Ourinar | Iei | Rato | Coxin |
| Paca | Cocamé | Rapido, corredeira | Góó |
| Pae | Iong | Raso, baixio | Parére |
| Palha de milho | Nharafuère | Remedio | Vaecaquetá |
| Panno | Curú | Roça | Iapan |
| Passarinho | Haxin | Rio | Goio |
| Pato | Peimbéng | Ruin | Ianguê |
| Panella | Cocron | Sogro | Cacran |
| Partido | Góó | Salto, cachoeira | Crung |

| Portuguez | Caingangue | Portuguez | Caingangue |
|---|---|---|---|
| Sapato | Pentóró | Eu | Ig |
| Sente-se | Nira | Tu | Ha |
| Sim | Hê | Elle | Fag |
| Sol | Aran | Meo | Ixon |
| Sujo | Cavey | Teo | Aton |
| Surdo | Cutude | Delle ou delles | Fagton |
| Surrar | Mram mion | — | — |
| Tamandoá | Iótï | Um | Pire |
| Tateto | O'kxá | Dois | Rengré |
| Terra | Gá | Tres | Faktom |
| Thesoura | Ioaria | Quatro | Cangrá |
| Tigre | Mim | Cinco | Patecrá (*) |
| Torto | Pondó | | |
| Trabalhar | Arannharannha | | |
| Trovão | Táárêrê | | |
| Tucano | Gron | | |
| Ura | Petpuêre | | |
| Valente | Turumanï | | |
| Vamos | Tóna | | |
| Eu vou junto | Iambretin | | |
| Veado | Cambe | | |
| Velho | Cofá | | |
| Venha | Acantin | | |
| Vento | Caneá | | |
| Vermelho | Coxon | | |
| Vagarosamente | Comére | | |
| Xarco | Oré | | |

(*) O *h* é sempre aspirado.

# VI

## DIALOGO NA LINGOA DOS CAINGANGUES

Fome. *Cokire.* Eu tenho fome. *Icokirititi.* Não tenho
Eu fome muito.
fome. *Cokire-ton.* Passear. *Anguei.* Vou passear. *Anguei-tin.*
Fome não tenho. a vir. Ver vou.
Como está? *A' ha-man?* Estou bom. *Heinhe.* Comer. *Có.* Quer comer?
*Ha-ma-iene?* Quero comer. *Coi-que-mo.* Quer comer carne de Anta?
Comer quero.
*Oyõro-t-nin-coi?* *Quemo.* Come peixe? *Pirá coi-que?* *Coi-qve-mo.*
Anta carne come? Como. Peixe come? Como.
Caçar *Nhecrei.* Eu vou caçar. *Inhecrei tin.* Casa. *In.* Eu vou á
Eu caçar vou.
minha casa. *I in ara tin.* Mulher. *Pron.* Minha mulher está em minha
Eu casa para vou.
casa. *I pron i in ta nin.* Pai. *Jóng.* Meo pae foi passear. *I jóng anguei*
Eu mulher, eu casa está. Eu pae passear.
*uêre.* Parente. *Caicá.* Meos parentes vieram ver-me. *I caicá i vei*
foi. Eu parentes
*cantin.* Fazenda. *Curú.* Vou comprar fazenda. *Curú caidme tin.*
eu ver vieram. Fazenda comprar vou.
Pão. *Emin.* Minha mulher está fazendo pão. *I prõm emin hãne.*
Eu mulher pão fazendo.
Está cozinhando feijão. *Arangró dêi mo.* Milho. *Nhára.* Vou plan-
Feijão cozinhando.
tar milho. *Nhára cran tin.* Roça. *Epan.* Vou fazer roça. *Iapan hãu*
Milho plantar vou. Eu roça fazer.
*tin.* Molestia, doença. *Cangá.* Meo filho está doente. *Cangate i cochin-né*
vou. Doente eu filho é.
Remedio. *Vaecáquetá.* Vou procurar remedio. *Vaecáquetá cane i tin*
Remedio procurar eu vou.

Meo pae morreo. *Terê i óng*. Vou enterrar meo pae. *I óng peyut tin.*
Morreo eu pae. Eu pae esconder vou.
Vou colher minha roça *Iapan fãn tin.*
Eu roça quebrar vou (*quebrar milho*, é phrase roceira).
Matei Guarany. *Guarany i tên.* Sou amigo do branco. *Fóng i quêvênherá*
Guarany eu matei. Branco eu conheço.
Sol. *Aran*. Sol nasceo. *Aran âcãn cuten*. Sol entrou. *Aran putque.*
Sol mergulhou.
Lua. *Quexá*. Lua cheia. *Quexá banh*. L. nova, *Quexá tan.*
» grande » não tem.
Lua crescente. *Quexá bang-chin*. Lua mingoante *Quexá chin.*
» grande-pequena. » pequena.
Dia. *Coran*. Manhan. *Coxang*. Amanhan vou á serra. *Crin.*
Serra
*ara-i-tin uaeca*. Estrella, Serra, Cabeça. *Crin* Minha cabeça
para eu vou amanhan.
dóe. *Cangate i crin*. Estrella bonita. *Crin hê*. Caminho. *Epri.*
Cabeça eu dóe.
Caminho longo. *Tayanguê epri*. Rio, agoa. *Goyo*. Terra. *Gá.*
largo caminho.
Vento. *Concá*. Vou passar rio grande. *Goyo-bang capan*
Rio grande outra
*ãrã-i-tin*. Noite. *Cutée.*
margem para eu vou.
Terra onde eu moro é boa. *I iamá enga hê*. Fogo. *Pin*. Queimar. *Pôrô*
Eu onde moro terra boa.
Queimou minha casa. *I in pôrô*. Vento derribou arvore. *Cá braimbrai*
Eu casa queimou. Arvore derribou
*cancá*. Festa. *Vaigrene*. Meo pae faz festa casa delle. *Vaingrene*
vento.
Festa
*tane i ióng ti in*. Está bom? *Humá-hê?* (E' o cumprimento que
faz eu pae delle casa.
se dirigem quando se encontram.)

---

## VII

## ENSAIO DE CONJUGAÇÃO DE VERBOS EM CAINGANGUE

| PORTUGUEZ | CAINGANGUE |
|---|---|
| Ter | Tõo |
| | *Tempo presente* |
| Eu—Tenho | Tõo—inhi |
| Tu—Tens | Tõo—anï |
| Elle—Tem | Tõo—tini |
| Nós—Temos | Tõo—êimanti |
| Vos—Tendes | Tõo—ayangue nanti |
| Elles—Teem | Tõo—'hangue nanti |
| | *Preterito imperfeito* |
| Eu—Tinha | Tõo—inhive |
| Tu—Tinhas | Tõo—anive |
| Elle—Tinha | Tõo—tinive |
| Nos—Tinhamos | Tõo—ein nan tinve |
| Vos—Tinheis | Tõo—ayangue nan tinve |
| Elles—Tinham | Tõo—h'ague nan tinve |
| | *Futuro* |
| Eu—Terei | Tõo—nimo queyene in |
| Tu—Terás | Tõo—queye nimo 'ha |
| Elle—Terá | Tõo—queye nimo ti |
| Nós—Teremos | Tõo—queyene nan timo ein |
| Vós—Tereis | Tõo--nantin mo queyene ayangue |
| Elles—Terão | Too—nan tim mo queyene'hague |

(1) O h' aspirado.

| PORTUGUEZ | CAINGANGUE |
|---|---|
| Ser | Hena |
| | *Tempo presente* |
| Eu—Sou | Oé—in |
| Tu—Es | Un é—ha |
| Elle—E' | Ueu—ti |
| Nós—Somos | Ue—ein |
| Vós—Sois | Oé—ayangue |
| Elles—São | Un eú—'hangue |
| | *Preterito imperfeito* |
| Eu—Era | Enecá—in |
| Tu—Eras | Venve—ha |
| Elle—Era | Enecá—ti |
| Nós—Eramos | Enecá—ein |
| Vós—Ereis | Enecá—ãyangue |
| Elles—Eram | Guenve—hague |
| | *Futuro* |
| Eu—Serei | Gue nimo in |
| Tu—Serás | Gue nan timo ha |
| Elle—Será | Gue nimo ti |
| Nós—Seremos | Hãna ein |
| Vós—Sereis | Hãna ayangue |
| Elles—Serão | Hãna hague |
| | *Futuro composto* |
| Eu—Hei de ser | Enerique mon 'hãna in |
| Tu—Has de ser | Enerique mon á 'hãna |
| Elle—Ha de ser | Enerique mon ti 'hãna |
| Nós—Havemos de ser | Enerique mon ein 'hãna |
| Vós—Haveis de ser | Enerique mon ayangue 'hãna |
| Elles—Hão de ser | Enerique mon hague 'hãna |

| PORTUGUEZ | CAINGANGUE |
|---|---|
| Fazer | Hane |

*Indicativo—tempo presente*

| | |
|---|---|
| Eu—Faço | Hadmo in |
| Tu—Fazes | Hadmo á |
| Elle—Faz | Hadmo ti |
| Nós—Fazemos | Hadmo ein |
| Vós—Fazeis | Hadmo ayangue |
| Elles—Fazem | Hadmo hague |

*Preterito imperfeito*

| | |
|---|---|
| Eu—Fazia | Hatinve in |
| Tu—Fazias | Hatinve á |
| Elle—Fazia | Hatinve ti |
| Nós—Faziamos | Hatinve ein |
| Vós—Fazieis | Hatinve ayangue |
| Elles—Faziam | Hatinve 'hague |

*Futuro*

| | |
|---|---|
| Eu—Farei | Hadmo in hãna |
| Tu—Farás | Hadmo á hãna |
| Elle—Fará | Hadmo ti hãna |
| Nós—Faremos | Hadmo hãna ein |
| Vós—Fareis | Hadmo hãna ayangue |
| Elles—Farão | Hadmo hãna hague |

*Futuro composto*

| | |
|---|---|
| Eu—Hei de fazer | Queyene hadmo hãna in |
| Tu—Has de fazer | Queyene hadmo hãna á |
| Elle—Ha de fazer | Queyene hadmo hãna ti |
| Nós—Havemos de fazer | Queyene hadmo hãna ein |
| Vós—Haveis de fazer | Queyene hadmo hãna ayangue |
| Elles—Hão de fazer | Queyene hadmo hãna hague |

| PORTUGUEZ | CAINGANGUE |
|---|---|
| Ir | Timo |
| | *Indicativo—tempo presente* |
| Eu—Vou | Timo in |
| Tu—Vás | Timo á |
| Elle—Vae | Timo ti |
| Nós—Vamos | Moimo ein |
| Vós—Ides | Moimo ayangue |
| Elles—Vão | Moia 'ha K mon |
| | *Preterito imperfeito* |
| Eu—Ia | Kevenve in |
| Tu—Ias | Kevenve á |
| Elle—Ia | Kevenve ti |
| Nós—Iamos | Moi kevenve ein |
| Vós—Ieis | Moi kevenve ayangue |
| Elles—Iam | Moi kevenve hague |
| | *Preterito perfeito* |
| Eu—Fui | Uere in |
| Tu—Foste | Uere a 'jure |
| Elle—Foi | Uere ti 'jure |
| Nós—Fomos | Congœue ein |
| Vós—Fostes | Uere ayangue |
| Elles—Foram | Congœue hague |
| | *Futuro* |
| Eu—Irei | Timo hãna in |
| Tu—Irás | Timo hãna á |
| Elle—Irá | Timo hãna ti |
| Nós—Iremos | Moimo hãna ein |
| Vós—Ireis | Moimo hãna ayangue |
| Elles—Irão | Maimo hãna hague |

(1) O 'h é aspirado.
(2) O 'j como no hespanhol.

| PORTUGUEZ | CAINGANGUE |
|---|---|
| *Futuro composto* | |
| Eu—Hei de ir | Enerique mon timo hãna in |
| Tu—Has de ir | Enerique mon timo hãna á |
| Elle—Ha de ir | Enerique mon timo hãna ti |
| Nós—Havemos de ir | Enerique mon timo hãna ein |
| Vós—Haveis de ir | Enerique mon timo hãna ayangue |
| Elles—Hão de ir | Enerique mon timo hãna hague |
| Querer | Keimo |
| *Indicativo—Tempo presente* | |
| Eu—Quero | Keimo in |
| Tu—Queres | Keimo a |
| Elle—Quer | Keimo ti |
| Nós—Queremos | Keimo ein |
| Vós—Quereis | Keimo ayangue |
| Elles—Querem | Keimo hague |
| *Preterito imperfeito* | |
| Eu—Queria | Keimo in hãna |
| Tu—Querias | Keimo a hãna |
| Elle—Queria | Keimo ti hãna |
| Nós—Queriamos | Keimo ein hãna |
| Vós—Querieis | Keimo ayangue hãna |
| Elles—Queriam | Keimo hague hãna |
| *Preterito perfeito* | |
| Eu—Quiz | Keve in |
| Tu—Quizeste | Keve á |
| Elle—Quiz | Keve ti |
| Nós—Quizemos | Keveu ein |
| Vós—Quizestes | Keveu ayangue |
| Elles—Quizeram | Keveu hague |

| PORTUGUEZ | CAINGANGUE |
|---|---|
| | *Futuro* |
| Eu—Quererei | Hê Keimo in |
| Tu—Quererás | Hê Keimo á |
| Elle—Quererá | Hê Keimo ti |
| Nós—Quereremos | Hê Keimo ein |
| Vós—Querereis | Hê Keimo ayangue |
| Elles—Quererão | Hê Keimo hague |
| | *Futuro composto* |
| Eu--Hei de querer | Enerique mon keimo in |
| Tu—Has de querer | Enerique mon keimo á |
| Elle—Ha de querer | Enerique mon keimo ti |
| Nós—Havemos de querer | Enerique mon keimo ein |
| Vós-Haveis de querer | Enerique mon keimo ayangue |
| Elles—Hão de querer | Enerique mon keimo hague |
| Falar | Un-hi |
| | *Indicativo—Tempo presente* |
| Eu—Falo | Un-hi in |
| Tu—Falas | Un-hi nha |
| Elle—Fala | Un-hi ti |
| Nós—Falamos | Un-hi ein |
| Vós—Falaes | Un-hi ayangue |
| Elles—Falam | Un-hi hague |
| | *Preterito imperfeito* |
| Eu—Falava | Un-hi tinve in |
| Tu—Falavas | Un-hi tinve á |
| Elle—Falava | Un-hi tinve ti |
| Nós—Falavamos | Un-hi tinve ein |
| Vós—Falaveis | Un-hi tinve ayangue |
| Elles—Falavam | Un-hi tinve hague |

| PORTUGUEZ | CAINGANGUE |
|---|---|
| | *Preterito perfeito* |
| Eu—Falei | Un-hi 'jure in |
| Tu—Falaste | Un-hi 'jure a |
| Elle—Falou | Un-hi 'jure ti |
| Nós—Falamos | Un-hi 'jure ein |
| Vós—Falastes | Un-hi 'jure ayangue |
| Elles—Falaram | Un-hi 'jure hague |
| | *Futuro* |
| Eu—Falarei | Un himo hãna in |
| Tu—Falarás | Un himo hãna á |
| Elle—Falará | Un himo hãna ti |
| Nós—Falaremos | Un himo hãna ein |
| Vós—Falareis | Un himo hãna ayangue |
| Elles—Falarão | Un himo hãna hague |
| | *Futuro composto* |
| Eu—Hei de falar | Enerique mon un himo in |
| Tu—Has de falar | Enerique mon un himo á |
| Elle—Ha de falar | Enerique mon un himo ti |
| Nós—Havemos de falar | Enerique mon un himo ein |
| Vós—Haveis de falar | Enerique mon un himo ayangue |
| Elles—Hão de falar | Enerique mon un himo hague. |

## NOMES E PALAVRAS

| Portuguez | Caingangue | Portuguez | Caingangue |
|---|---|---|---|
| E' meio dia | Aran enendo canxaka | Estou com vergonha ou envergonhado | Imá 'hat |
| Pôr do sol | Aran pulkêcan | Onde encontrou? | Amá ti catan ten? |
| Sol nasceo | Aran tan juikêca | Encontrei | Ti catoi ten |
| Noite | Cutê | Esquecer | Cayatun |
| Meia noite | Cutê xi 'hat | Não esqueça | Quire cayatun |
| Lua | Quexá | Não entendo, não sei, não conheço | Kicactin |
| Lua cheia | Quexá vuvú | Sei, entendo, conheço, manso | Kei Kanheró |
| Lua nova | Quexa ton ti jura | Prisioneiro | Veinaê |
| Lua mingoante | Caxá que | Matta | Uain |
| Lua crescente | Quexá xatan | Xará, tocaio | Yimbré uïgy |
| Estrella | Crin | Homem | O'ngré |
| Estrellas (as 3 Marias) | Criniú fúi | Aldeia, logar de morada | Emá |
| A via lactea (nebulosa) | Crin araniróya | Familia | Veincren |
| Um grupo de pequenas estrellas brilhantes ao Nordeste | Crin pan | Avô | Cacran |
| Nuvem | Caicangón | Avó | Ban |
| Trovão | Tarêrê | Pae, tio | Yóng |
| Raio | Tánê | Mãe, tia | Nan |
| Relampago | Tacópcopkô | Filho | Coxin |
| Nevoeiro | Crônhôn | Filha | Coxitfi |
| Pouco | Pire tinin | Tu és homem bom | Amá 'he niti uan |
| Não acaba | Tonk ton tinin | Dormir | Noro |
| Canto | Eingin | Quero dormir | Noro Keimo |
| Estou triste | Imá cangat | Eu vou dormir | Noro timo in |
| Estou alegre | Imá hê titi | Espere, quieto | Tore, meysne |
| Estou brincando | Icangire ou Icayune | | |

# 2.ª PARTE

## VIII

## CAYGUA'S E GUARANIS

Os Cayguás e Guaranis que, em pequeno numero, actualmente habitam as florestas do districto do Jatahy, municipio do Tibagy, viviam, anteriormente, ao anno de 1854, percorrendo a margem occidental do rio Paraná, na zona comprehendida entre o rio Pardo, a montante, e grande parte do territorio Paraguaio, no valle do Paraná, donde, a convite dos sertanistas Lopes e Elliot, então a serviço do Barão de Antonina, immigraram em numero de 400 a 600 individuos, e vieram estabelecer-se no Aldeamento de São Pedro de Alcantara, na margem esquerda do rio Tibagy, em frente á colonia militar do Jatahy.

Em 1876, foram cruelmente desimados pela terrivel epidemia da variola, que os reduzio ao pequeno numero que existe, talvez uns 200 individuos.

Na margem occidental do Paraná, existem ainda, varias cabildas destes indigenas, em estado de domesticidade, guardando, porem, com a tenacidade propria de sua indole, seos antigos usos e costumes. Sobre a origem delles, narraram-nos uma lenda que irá publicada.

### ASPECTO PHYSICO

Geralmente o aspecto physico desta gente é agradavel, principalmente nas mulheres ; os homens são de compleição robusta, carnudos, musculosos, estatura

acima da media, rosto ovalado, cabeça regular, cabellos pretos corredios e asperos, alguns, arruivados; olhos grandes e de expressão branda; nariz bem feito, um pouco grosso; bocca regular, dentes bons e bem dispostos, pouca ou nenhuma barba, mãos e pés regulares.

As mulheres se usassem os enfeites e atavios das nossas, fariam inveja a estas; tal é a perfeição e delicadeza de suas formas. Os homens uzam como vestimenta uma tanga, (*Rambeó*), de algodão, e um pequeno poncho do mesmo tecido; as mulheres, uma tunica sem mangas, (*potica*), tambem de algodão, com orificios por onde passamos braços, e tudo fabricado por ellas, em teares primitivos, nos quaes fabricam tambem umas vistosas cintas que servem para segurar as tangas.

Os homens uzam o cabello aparado, na frente, por cima das sobrancelhas, e lateral e posteriormente por baixo das orelhas; as mulheres deixam-o crescer todo e uzam penteal-o de varios modos.

## CARACTERES MORAES

São extremamente desconfiados; raramente se mostram expansivos; é difficilimo obter-se-lhes a confiança, mas, conseguida esta, são leaes e dedicados. Pacientes em extremo, nunca abandonam o que emprehendem. Gastam annos na construcção de uma canoa, mas a concluem embora já deteriorada. Passam noites consecutivas sem dormir, espreitando a caça que se approxima dos *barreiros*, para feril-a e matal-a. Na pesca, levam dias de linha em mão, aguardando que algum *dourado* as estire, e passam horas e horas de arco em punho, esperando a approximação dos *corimbatás*. São de indole e expressão branda. Nunca atacam as outras tribus de lingoa e raças differentes;

mas, atacados, são pertinazes na defeza, e considerados dos melhores atiradores de frecha. Suas *Uirapê*, são timidas pelas tribus que os avizinham.

Como trabalhadores agricolas, são assiduos e resistentes. Como canoeiros são preferiveis á nossa gente, tanto por sua pericia, como pela satisfação que mostram no exercicio deste mister. Afeiçoam-se ás pessoas que os tratam com delicadeza, do mesmo modo que aborrecem os que os tratam com desdem. A maior afronta que se lhes pode fazer, é tratal-os com desprezo ou ameaçal-os de castigo corporal.

## HABITAÇÃO

A construcção de suas casas *roy*, é differente da dos Caingangues. Constroem-as com grandes forquilhas altas, de madeiras fortes ; cobrem-as, até a altura das linhas latteraes, com folhas de palmeira ; das linhas para baixo, formam as paredes de paos roliços, bem unidos, amarrados com cipós. No interior das casas, que geralmente comportam grande numero de habitantes, fincam postes de madeira que servem para amarrarem as redes em que dormem, por cima das quaes dependuram seos arcos, frechas, outras armas e seos enfeites. Cada familia, ou casal, tem seo fogo no qual cosinha. Nas noites frias collocam brasas e alguns tições por baixo da rede para aquecer-se. Por dentro e ao redor de suas habitações, vêm-se sempre variedade de passaros e animaes silvestres por elles domesticados.

## UTENSILIOS

Seos utensilios domesticos, são : Panellas de argilla (*iapepó*) ; balaios (*iacá*) ; peneiras (*urupen*) ; porungos para carregar agoa (*quiacuá*) ; cuias (*iá*) ; fa-

cas (*quicè*); machados (*gei*); facão de madeira (*uirapè*); cestos de carregar (*munacun*); redes para dormir (*quiá*); colheres de madeira (*intan*); pilão (*enguá*); fusos para fiar e poucos outros pequenos utensilios.

## ARMAS

Uzam como armas offensivas: arcos de madeira (*uirapá*); frechas (*rui*) de madeira durissima, farpadas de um só lado, embutidas em haste de taquara ou madeira; clavas de madeira (*uirapè*), de forma de um pequeno remo. Todas estas armas são grosseiramente fabricadas.

## ENFEITES E ORNATOS

Ornam-se os homens, nas occasiões de suas festas, com coroas ou cocares (*geguacá*), de pennas amarellas; collares e braceletes de pequenas sementes pretas (*tucambi*), enfeitados com as pennas vermelhas e com arulas extrahidas dos tucanos. Pintam, tanto homens como mulheres, o rosto com a tinta vermelha do urucú e a preta do genipapo, formando linhas e desenhos interessantes. Os homens uzam diariamente, no labio inferior, o *tembetá*, cilindro longo lusidio e transparente, feito da resina do *Jatahy* ou da do *Guasçatunga*.

## CAÇADAS

Apanham a caça grossa em armadilhas e mundeos, que armam ao redor dos *barreiros* e nos trilhos pelos quaes passam, dirigindo-se aos *bebedouros*, as antas (*borery*); veados (*guaçú*); porcos montezes (*tajaçú*); tatetos (*taetetú*); até os proprios tigres (*jagua-*

*relê*) nem sempre escapam a estes artificios. A caça miuda, pacas (*geixá*); cotias (*acutí*) e outros são apanhados em pequenos mundeos.

Os macacos (*cahi*); bugios (*carajá*) e quatis, são mortos a frecha assim como a caça de penna. Na pesca servem-se de anzoes (*pindá*),covos (*juquiáú*) e das frechas. Desde pequenos se exercitam no manejo dos arcos, frechas, bodoques e pelotes, caçando passarinhos e pequenos animaes, pelo que se tornam, quando grandes, optimos caçadores.

## AGRICULTURA

Cultivam em pequena escala: o milho (*abaty*), feijão (*comandá*), aboboras (*anday*), batatas doces (*getei*), amendoins (*manduvy*), bananas (*pacová*), canna doce (*taquarêê*), algodão (*mandiú*), mandioca (*mandió*) e fumo (*penten*). Fazem as roçadas servindo-se do *uirapê*; queimam as roças e as mulheres as plantam, cuidam e colhem; *colhem*, é um modo de dizer, porque, á excepção do milho, do feijão e dos amendoins que recolhem para as habitações, as outras plantas vão buscal-as ás roças á proporção que dellas necessitam para as necessidades diarias.

## ALIMENTAÇÃO

Alimentam-se dos productos das roças, de caça, pesca, fructos silvestres e mel. De milho fazem bolos (*bujapé*), assados na cinza, envolvidos nas folhas do *traquá*; comem-o tambem cosido, ou assado, quando verde. Depois de secco o comem cosido e d'elle tostado fazem a farinha que chamam *abaticui*. O feijão usam-o cosido em seos *jupepós*. A carne e o peixe comem-os cosidos ou assados em moquens. São como todos os indigenas, glotões quando têm abundancia, e

sobrios na escassez. Francos e hospitaleiros. O caldo da canna e do milho, depois de fermentados, dá-lhes a bebida a que chamam *cauin*, pela qual são apaixonadissimos, e que produz a embriaguez. Uzam estas bebidas apenas nas occasiões de suas festas; mas, n'essas occasiões a fabricam em grandes quantidades.

## FESTAS

Escolhem, para occasião de festas, os tempos de fartura, produzidos pelo amadurecer das plantas de suas roças.

Os homens conduzem e moem, em engenhos rudimentares, grandes quantidades de canna de assucar, que depozitam para fermentar em coches de madeira.

Quando a fermentação está ficando completa, convidam os parentes e visinhos das tabas proximas, que pressurosos accorrem á festa. No terreiro da morada do chefe que dá a festa, fincam um poste de madeira de metro e meio de altura, onde collocam o *maracá, geguacá, tucamby* e collar d'este. Estando todos reunidos, formando circulos ao redor do poste, armados com seos enfeites, dirige-se o chefe ao poste em que estão seos enfeites, põe ao pescoço o collar, o *geguacá* á cabeça, nos pulsos o *tucamby*, toma o maracá com a mão direita, conservando na esquerda uma especie de bastão curto enfeitado de pennas; movimenta o maracá e dirije uma saudação a *pahy nhanderú tubixá*—Sol, nosso avô grande;—pede-lhe que lhes dê paz, boas colheitas, abundantes caçadas e os livre das emboscadas dos inimigos.

Depois vae recuando até o circulo formado pelos companheiros; sacudindo o maracá, avança, seguido de todos, aos passos compassados, ao som do maracá, até junto ao poste, cantando todos—*É, é, é, é, é.*—Depois formam circulo, sempre cantando e dançando.

As mulheres, servem-lhes em *cuias*, o caoin em abundancia. Os que se vão embriagando são retirados do circulo e levados ás redes. Quando os homens por embriagados dormem, as mulheres reunem-se e principiam a imital-os nas danças e cantos, que são dirigidos a *jacy*, (a lua), e na bebedeira, até ficarem por sua vez cahidas, á excepção de algumas velhas que se abstem do caoin para cuidal-as.

Estas festas continuam emquanto dura o caoin.

## CAZAMENTOS

Os jovens quando se affeiçoam a uma donzella, pedem-n'a ao pae, que impõe ao pretendente o preço pelo qual lhe cedem as filhas; geralmente o pagamento é feito em especie, machados, foices, roupas, armas, raramente em dinheiro. Depois de satisfeito o ajuste, fazem uma festa onde abunda o caoin; os noivos não bebem, mas os convidados se embebedam, e, no meio da enorme algazarra produzida pela embriaguez, aquelles sahem despercebidamente, acompanhados pela mãe da noiva, que a vae instruindo nos misteres de sua nova posição de futura mãe de familia, deixando-os deitados na rede de nupcias, que deve ser fabricada pela noiva. Passam a lua de mel em excursões venatorias, pescas, procura de abelheiras, e... sempre unidos no praser e nos soffrimentos. O genro vive com o sogro com quem trabalha. São monogamos.

## PARTOS

Na occasião dos partos, os maridos constroem um pequeno rancho, onde as mulheres, ajudadas de uma velha, dão á luz os filhos, que conduzem aos ranchos da habitação, collocam em uma pequena rede armada junto á do casal; se é macho, o pae ata por cima

da rede um pequeno arco com frechas diminutas, um pequeno gegacuá e outros enfeites ; de vez em quando lhe estira os braços, e diz-lhe : que seja forçudo e valente.— O pae do recem-nascido é obrigado a ficar deitado na rede, guardando-se de certos alimentos, por espaço de oito dias ; a mãe apenas abstem-se da lide domestica por tres dias.

São muito amorosos e cuidadosos dos filhos machos até attingirem a edade de dez a doze annos ; d'ahi em diante já não os cuidam e menos alimentam, obrigando-os a tratarem por si proprios de sua subsistencia, bem pouco se importando que se vão a outras tribus, ou mesmo a nações diversas. Das filhas tratam e cuidam até casal-as.

## CEREMONIA DE FURAR OS LABIOS

Estes indigenas fazem, no labio inferior, um orificio onde trazem, como ornato e distinctivo da tribu, o *tembetá*, feito de resina de Jatahy ou Guassatunga. A ceremonia de furar o labio é uma das festas mais importantes que fazem, reunindo-se para ella, ás vezes, os habitantes das tabas de toda uma região.

Quando os meninos, *(colomy)*, attingem a edade de dez a doze annos, os paes se reunem, fabricam *caoin* em grande quantidade,—preparam pequenos *tembètás*, *geguacás* e *tucambis*,—convidam os parentes e o *furador de labios*, para exercer seo mister. Principiam a festa pondo por um dia os *neophytos* a jejum ; ao segundo dia dão-lhes o *caoin* em quantidade a embebedal-os ; quando estão embriagados, se approxima o *furador*, armado de um osso de ponta agudissima que applica sobre o labio inferior do menino, produzindo um orificio, onde introduz um pequeno *tembetá* ; o pae conduz o filho á rede, põe-lhe sobre a cabeça o *geguacá*, nos pulsos o *tucambi* ; a mãe cobre-

o com pennas de côres vivas, e o deixam dormindo. Nos primeiros dias subsequentes á operação, alimentam-se com mingaos. Depois de ficar cicatrisado o orificio, vão substituindo gradativamente os *tembetás* por outros mais grossos e compridos. A festa de furar o labio dura por quatro a cinco dias, sempre acompanhada de grandes borracheiras.

## MEDICINA

Conhecem as qualidades curativas de muitas hervas, raizes e plantas, que administram interna ou externamente por meio de fricções e emplastros. Pretendem tambem curar soprando a parte doente, applicando as mãos e retirando-as, como praticam os magnetisadores. Uzam amuletos, ossos de cobra, sapos e outras hervas, a que attribuem effeitos toxicos; presumem que com estes meios, podem produzir a morte das pessoas a que são desafeiçoados. Quando doentes deitam-se nas redes, põem por baixo destas brazas e hervas que produzem muito fumo; chega o curandeiro, (*pagé*), que faz seos *passes*, administrando-lhes ao mesmo tempo algum medicamento, (*mahan*). Os *pagés* vivem em choupanas isoladas nas florestas; são temidos por todos como podendo causar males e até a morte.

## MODO DE SEPULTAR

Enterram os homens em covas fundas, feitas junto de grandes arvores; carregam o morto na rede em que fallece, introduzem esta com o cadaver na sepultura e prendem-a de maneira a não tocar o fundo, fazem por cima do cadaver um forro de paos roliços, para evitar o contacto deste com a terra; põem esta por cima até sobresahir do solo. Collocam as armas e

utensilios do morto encostados á arvore ; em cima da sepultura fincam uma estaca na qual dependuram o *geguacá*, *tucamby*, *maracá* e collares do morto. Depositam na sepultura vasos de argilla, contendo *caoin*, batatas, e mandiocas assadas ; estas provisões são renovadas de tempos a tempos, geralmente até nascer matto na sepultura.

## INSTRUMENTOS MUSICAES

Uzam o *maracá* que é feito de uma pequena cabaça, encabada em uma varinha curta, com sementes duras no interior ; o *taquarussú*, feito de uma haste do *bambú giganteum* que produz um som abafado de tambor e que lhes serve para marcar o compasso em suas danças ; o *Jeroki*, especie de apito, feito da raiz de uma qualidade de araçá.

## SYSTEMA SOCIAL

Estes indigenas vivem reunidos em tabas ou aldeas em numero de cem e mais individuos que respeitam a autoridade de um chefe local, *Tubixá* que a seo turno é tambem subordinado a um chefe geral da região, *Tubixá Guassú*, que convoca estes *Tubixás* para as grandes deliberações. Tanto o *cargo* de *Tubixá*, como o de *Tubixá Guassú* são hereditarios, mas não reconhecem o direito de primogenitura, sem certos requisitos essenciaes, como sejam : a valentia, perspicacia, calma e moderação. Quando o primogenito do chefe não tem estas qualidades, escolhem outro dos irmãos a quem entregam o symbolo do commando e que por esta circumstancia é obedecido e respeitado por todos.

O chefe não trabalha, mas dirige todos os homens da aldêa em seos labores. Destribue a porção de caça

e outros alimentos, conforme a necessidade de cada familia; apasigua as pequenas dissensões; marca o tempo e disigna os homens para as caças e pescarias; serve de sacerdote nos casamentos; acompanha os caçadores nas grandes caçadas, dirigindo-os. Todas as manhans, deitado em sua rede, dirige, cantando, uma saudação ao sol; pedindo que lhes dê paz, bom tempo, boas caçadas e que faça a terra produzir bons e abundantes fructos; incita seos companheiros a imitar os passarinhos que dão o exemplo de acordar e levantar cedo e tratar da vida; determina a faina diaria.

Seo modo de dirigir é brando. Quando é commettida alguma falta, reprehende o culpado e manda-o que não continue, sob pena de ser expulso da aldêa. Se ha algum homicidio, o assassino é julgado pelos homens da aldèa, e, se não foge, é executado a garrote. Aos envenenadores, matam enforcados, passando-lhes ao pescoço cipós que são tirados por todos os presentes, arrastando-os até completa asphyxia. Geralmente as habitações e roças são feitas em commum. Não conhecem o direito de propriedade do solo, a não ser para gentes de lingoas differentes; mesmo neste caso, em relação a grandes zonas de caçadas. Em conclusão, o systema social é brando, quasi patriarchal, com seo pouco de barbaro e communista.

## RELIGIÃO

Não notámos, entre estes indigenas, vestigios do que geralmente se chama religião. Existe entre elles tradições e superstições. Temem o raio e o trovão, a que chamam *Tupan*; pensam que o raio é signal de colera do trovão, que acreditam ser um ente poderoso, que se vinga dos homens, por meio do raio, quando está zangado. Acreditam em sêres como o *Anhan*, que

cuida das florestas; no *Caapóra*, que guarda a caça, e vinga-se dos caçadores que matam esta, quando prenhe ou criando filhos novos. Acreditam que os mortos ficam vagando perto dos logares onde são sepultados, e que têm as mesmas necessidades materiaes dos vivos; dahi o costume de depositarem alimentos sobre as sepulturas.

## LINGOA

Falam o *Guarani* actual, um pouco modificado do antigo; damos um exemplo breve do *Guarani* actual, e para complemento o dialogo seguinte: Fome. *Aepá*. Tenho fome, *che aepá*. Não tenho fome, *ta che aepá*. Bolo, *Beiapé*. Minha mulher vae fazer bolo. *Che rombérecó ojapó beiapé*. Bolo bom, *Beiapé poran etè*. Casa, *roy*. Minha casa. *Che roy*. Pae, *Rú*. Vou a casa de meo pae, *cherú de roy ahata pè*. Caminho, *Tapé*. No caminho encontrei meo cunhado, *rupé anantin che avajá*. Caçar, *Ajocá*. Eu cacei tigres e antas, *che ajocá jáguarètè, ajocá emborevi*. Meo filho está doente, *cheray embaè racy*. Roça, *cohê*. Vou passear em minha roça, *Ahata agecatá, che cohè py*. Queimar, *ocai*. Minha casa queimou, *che roy ocai*.

## LENDA GUARANY

Em 1874, viajava eu, pela primeira vez, no grande rio Paraná. A tripolação de minha canoa era composta de indios Guaranis. Entre elles ia o cacique João Roberto. Ao findar de uma noite, já os johós principiavam a dar seos lamentosos pios; os aracuans cantavam; era madrugada. O cacique João Roberto sentou-se na rede em que dormia e com voz pausada e um pouco rouca, cantou em lingoa guarani. Eu não entendia o canto, mas notei que elle começava sempre

pelas palavras: *Nhaderamoitubixa*, que quer dizer nosso avô grande. Depois que acabou de cantar, perguntei-lhe o que significavam aquellas palavras de seo canto. Respondeo-me que era uma saudação ao sol e a *Nhandejara*, pois este era o avô grande e aquelle o pae dos guaranis. Pedi-lhe que me explicasse isso e elle me disse: que era uma historia longa, que desde os primeiros tempos os paes contavam aos filhos e estes a seos filhos. Eu não contei isto a nenhum *Cavahy*, accrescentou, mas a você, que é nosso amigo, eu contarei hoje á noite; agora não, porque é preciso viajar, os bugios pretos estão roncando, é signal que temos vento forte, e neste nosso Paraná,com vento forte não se pode viajar. Aproveitemos emquanto é cedo e elle não vem. A' noite, no pouso, disse-me: «Elles eram só dous, marido e mulher; esta estava gravida; o marido fez uma roça, queimou-a, mandou a mulher plantar. Logo que ella voltou o marido disse-lhe: Vá trazer milho verde para comermos. Ainda agora plantei a roça e você já quer que tenha milho verde, respondeo a mulher. Vá, o milho já está bom, disse-lhe o marido. Mas a mulher que estava cansada, não queria ir; então elle lhe disse: vá, porque meo filho, que você traz, tambem tem vontade de comer; esta zangada disse: Você diz que o filho tambem tem vontade de comer, pois saiba que elle não é seo. O marido ouvindo isto entristeceo e foi-se, deixando a mulher. Esta não vendo o marido, affligio-se e principiou a procural-o; achou seo rasto e seguio-o. Encontrou o cajado delle fincado junto a um olho d'agoa, seguio o rasto, mas a terra estava secca e perdeo-o. Não podendo seguil-o chorava.

O filho que ella trazia no ventre lhe disse: siga o caminho á direita. Quando chegou ao cimo de uma serra avistou o marido que principiava a descer outra, perdeo-o de vista; adiante de onde o tinha visto achou

uma encruzilhada, ficou irresoluta e chorava ; o filho disse-lhe : siga á esquerda, meo pae vae perto. Logo adiante tinha umas flores,o filho pedio-as, a mãe indo apanhal-as foi mordida por um marimbondo que nellas bebia mel. Em outra encruzilhada, o filho disse-lhe que seguisse á direita, e vendo umas flores pedio-as ; a mãe indo apanhal-as foi mordida por uma vespa grande; com a dôr encolerisou-se e deo com a mão sobre o ventre onde estava o filho, ralhando com elle. Quando deo com outra encruzilhada perguntou ao filho por onde tinha ido o pae, mas este não quiz mais responder. A mãe tomou á esquerda e foi dar á casa dos tigres : era uma grande gruta á beira de um precipicio ; á entrada estava deitada a avó dos tigres ; a mulher perguntou se tinha visto passar seo marido e a avó dos tigres disse-lhe que os unicos sêres vivos quevia, eram só seos netos que agora andavam caçando e que se a vissem tambem a comeriam. A mulher estando com fome pedio-lhe alguma cousa para comer e ella deo-lhe uma perna de veado, *guassú*. Acabava apenas de comer, quando sentio passadas dos tigres que vinham chegando. A velha, *(Jary)*, a escondeo debaixo de uma peneira (*urupema*). Os tigres, (*jaguaretê*), foram entrando com suas caças mortas ; uns traziam passarinhos, inambús, macucos, (*inambú-guassú*), outros veados, *guassú*, tatetos, (*taetetú*), porcos do matto (*tajassú*), por ultimo veio um tigre que não tinha caçado ; chegado á porta farejou e disse : Hù, hú, hú ! minha avó tem carne boa escondida, mas eu hei de comel-a. E entrando foi direito á peneira e vio a mulher, tirou-a para fora e matou-a. A velha pedio que lhe deixassem o filho que a mulher tinha no ventre, para ella comer, porque a carne devia ser mole e ella não tinha dentes. Os tigres comeram a mulher e deixaram os filhos, (eram dous, gemeos), em uma gamella ; a velha foi espetar as creanças e não

o pôde conseguir porque elles desviavam-se da ponta do espeto. A velha pegou em uma pedra (*itá*) para quebrar-lhes a cabeça; mas elles sempre desviavam-se; pol-os depois em um pilão (*enguá*) e elles saltavam quando ella erguia a mó. Cançada, a velha deixou-os no chão; quando os tigres foram caçar, o maior dos irmãos *Derekey* (1) levantou-se e pedio á velha que lhe fizesse um arco e flechas para caçar. A velha o fez e elle caçava passarinhos para si e para a velha, que com isto vivia alegre; mas o irmão menor, *Derevuy* (2) não comia e chorava de fome. Então o irmão maior procurou nos escrementos dos tigres e achou os ossos da mãe; juntou-os, mas faltava o osso da coxa e um braço; collocou-os na forma natural, foi collocando tambem a carne; estava já com os seios promptos, quando *Derevuy* saltou sobre elles para mamar e desmanchou-os. *Derekey* tornou a principiar a collocal-os, e o irmãosinho, impaciente por mamar, desmanchou-os. *Derekey* desanimou de reconstruir sua mãe; o irmão chorava, e elle, encolerisado, deo com o pé no tronco de uma arvore, furando-a vio que della sahiam uns pequenos insectos. Metteo a mão e esta veio molhada, levou-a á bocca e era doce, era mel; então deo ao irmão, e este, quando tinha fome, ia ao tronco, bebia mel e assim se foi creando.

A abelheira era das que chamamos Mandaçaia, (*caipotá*). Quando as furamos, nunca lhes comemos os filhos, sempre deixamos algum mel para creal-os; isto em lembrança de ella ter alimentado nosso pae. E elles foram crescendo, caçavam muitos passaros que comiam e davam á velha tigreza; esta vivia satisfeita e os estimava.

---

(1) *Erekey*, significa irmão mais velho.

(2) *Erevuy*, significa irmão mais moço.

Em uma occasião, em que elles andavam caçando, viram um jacú e uma arara (*guaá*); dahi guarani. Preparava *Derekey* sua flecha para matal-a, quando a arara lhe disse : Para que vive você matando os passaros, para dal-os a comer á tigre *jary* que comeo tua mãe, em logar de matal-a e aos netos e procurar teo pae ?

Ficou *Derekey* admirado de ver a arara falar, e esta disse-lhe tudo o que tinha acontecido á sua mãe ; que seo pae ainda seria por elles encontrado ; ensinou-os a fazer mundeos ; deo-lhes uma pedra pequena para pôr em cima do mundec, e que fossem matar os tigres. Voltaram á gruta ; fizeram um mundeo junto ao precipicio ; e os tigres vinham chegando de um a um ; viam o mundeo e perguntavam para que era aquillo. *Derekey* dizia-lhes que era para caçar ratos ; elles duvidavam ; elle dizia : « experimente, entre você » ; o tigre entrava, o mundeo batia, matava-o e *Derekey* rolava-o para o precipicio. Já faltava só um tigre femea e *Jary* que estava na gruta. Chegou o tigre, não quiz entrar, arrodeou o mundeo e vio os outros mortos ; ficou com medo e disse : não me matem, eu acompanho vocês.

Chamaram a *Jary* e pozeram-se a caminho. Chegaram a um rio fundo, *Derekey* dobrou uma arvore fina e comprida, sobre o rio, passou, chamou a *Jary* e a tigreza para passar ; quando elles vinham no meio da arvore, elle a saccudio ; *Jary* cahio no rio e morreo, a tigreza saltou para traz e firmou-se no barranco com as unhas. *Derekey* gritou ao irmão que a derrubasse á agoa, mas este, com medo, a deixou sahir e fugir. Por culpa de *Derevuy* é que ainda existem tigres. *Derekey* ficou zangado com o irmão, por ter deixado escapar a tigreza e largou a arvore antes de passar, e este ficou só de um lado do rio e sem ter o que comer ; e assim foram margeando o rio, cada um por um lado. O irmão

mais novo teve fome e vendo umas fructas pretas, muito bonitas, pegadas aos galhos da arvore, perguntou ao irmão se podia comel-as; este disse-lhe que as comesse que eram jaboticabas (*napurum*). Mais adeante vio outras fructas pretas com a mesma forma, porem menores e nas pontas dos galhos; *Derekey* disse-lhe que as comesse e que guardasse os caroços, pois eram piunas (*nopurumete*). Disse-lhe que fizesse fogo e pozesse as sementes nelle; logo que o fogo ficou bom as sementes principiaram a arrebentar e fizeram o irmãosinho saltar para o lado do rio onde estava *Derekey*.

Andavam os dous pelo matto, alimentavam-se de fructas e de mel; para furar as abelheiras serviam-se de lascas de pedras (*itagy*). Em uma occasião viram um bando de quatis numa arvore; suas frechas eram pequenas, não os matavam; gritaram a ver se alguem os ajudava, responderam perto. Dahi a pouco, appareceo-lhes um homem de estatura mediana, reforçado de membros, com os olhos verdes e o corpo vermelho, trazendo na mão um grande cacete. Elles conheceram que era o *Anhan*. O *Anhan* mandou *Derekey* trepar na arvore para sacudir os *quatis*; quando estes atiravam-se de cima, o *Anhan* os matava a paoladas, deixando escapar as femeas prenhes.

Faltava só um; *Derekey* não queria sacudil-o com medo que o *Anhan* o matasse tambem; mas este lhe disse que o derribasse. Sacudio o galho, o quati que era o chefe do bando e activo, saltou muito longe e o *Anhan* não o poude matar. Ficou zangado e, quando *Derekey* descia, deo-lhe uma paolada e o derribou. Fez um grande cesto (*jacá*) de cipós, poz *Derekey* e os quatis dentro e foi carregando na cabeça. Mas a carga era muito pezada, o matto muito basto; *Anhan* cançou e desceo o cesto, sentou-se e, limpando o suor com a mão, disse: é melhor fazer primeiro um cami-

nho e depois carregar o cesto; do contrario canço e não ando, e poz-se a fazer o caminho com o cacete. Quando já ia longe *Derevuy* acercou-se do cesto, tirou os quatis e *Derekey*. Em logar deste, poz no cesto uma pedra e os quatis, levou o irmão e escondeo-o. *Anhan* carregou o cesto e levou-o á sua morada e *Derevuy* chamou o irmão; mas este não respondia, parecia morto. *Derevuy* pol-o de pé, então elle falou e disse que tinha fome; *Derevuy* colheo umas guavirovas e elle as comeo e ficou forte e foram seguindo o caminho do *Anhan*. Este, chegando á morada, a filha veio encontral-o e disse: Meo pae, *(xerú)* quanta caça.. — « No fundo do cesto está a melhor», respondeo o *Anhan*. A filha tirou os quatis, virou o cesto e cahio a pedra; o *Anhan* ficou zangado e disse: Eu já vou procurar minha caça boa, e sahio correndo; *Derekey* e *Derevuy* avistaram de longe o *Anhan*, pozeram uma pedra grande no caminho e esconderam-se. O *Anhan* tropeçou na pedra, esta levantou-se transformando-se em veado e correo dizendo: — *Méé, méé* — O *Anhan* correo atraz, *Derekey* com um cipó fez uma laçada e, quando o veado já cançado, passou perto, laçou-o, chamou o *Anhan* e entregou-o a elle.

O *Anhan* convidou-os a morar com elle. *Derekey* acceitou e moraram juntos. *Derevuy*, casou com a filha do *Anhan*, que era moça bonita. Esta teve um filho. Uma occasião em que o *Anhan* andava examinando se as arvores estavam fortes para resistir ao vento que tinha de vir, *Derekey* e *Derevuy* fugiram levando o filho. Andaram muito tempo; cançados, pararam numa montanha.

*Derekey* subio a uma arvore alta e gritou: *Nhanderú, Nhanderú* (nosso pae); o pae respondeo ao longe: — *Pejú pá pèe xè co apui aicotá*, (venham todos eu aqui estou.) Elles foram e quando chegaram aonde estava o pae, viram que elle era um homem branco,

com a barba e o cabello louros ; a cara pintada de urucú. Tinha cinto, pulseiras e diadema de pennas vermelhas, (*quácuáa, geguacá, tucambi*), os olhos eram como a luz do fogo ; ficaram com medo e conheceram que o pae delles era *Tupan*, que governava tudo. O pae perguntou-lhes pela mãe, elles contaram o que tinha acontecido a ella e os trabalhos porque tinham passado. Vamos para minha morada descançar ; como vocês querem andar ? perguntou o pae.— Eu quero o dia, disse *Derekey*.—Eu quero andar no escuro, disse *Derevuy*.—Pois *Derekey* seja o sol e *Derevuy* a lua ; *Derevuy*, á noite, dormio na rede da tia. Esta, para o conhecer de dia, pintou-lhe a cara com tinta de genipapo, *mandiupá*, e é por esta causa que a lua tem manchas. *Derekey* foi sempre casto e puro. O sol é limpo e sem manchas. Elles são nossos paes e vivem caminhando sempre para chegar á morada de *Nhandejára* que é *Nhanderamoi-tubixá*, nome pelo qual o conhecemos. *Nhandejára* significa nosso senhor (nosso avô grande) e foram os *carahis* que nos ensinaram a chamal-o assim. *Tupá* é o nome do trovão ; não o adoramos como dizem. Do filho de *Derevuy* e da filha da tia principiou a nossa gente.

## LENDA OU MITHO *ARE'*

Em outros tempos, houve uma chuva grande que alagou as terras em que habitavamos. Um só dos nossos ia nadando ; já muito cançado, vio a copa de uma palmeira, que emergia das agoas ; acercou-se della, pegou em um ramo que, estando secco, quebrou-se ; elle continuou a nadar amparado pelo ramo ; ao anoitecer vio outra copa de palmeira, acercou-se della. Segurou em um ramo verde e por elle subio e acommodou-se nos galhos ; e ali esteve por muitos dias soffrendo fome e frio; depois os fructos da palmeira prin-

cipiaram a amadurecer e elle foi comendo-os e alimentando-se delles.

Em um dia, ouvio ao longe o canto do sapacurú (uma especie de ibis dos nossos rios), que delle se approximava. «Continue firme ahi, eu vou trazer terra para você descer.»

Dahi a pouco, pousou nos galhos da palmeira uma saracura e vendo-o ali disse-lhe: Perto daqui tem terra, porque não vae lá? Não posso, estou muito fraco: se eu largar a palmeira, com certeza morro. Então a saracura disse: «Eu vou buscar terra.» Ella e o sapacurú traziam terra no bico e a espalhavam pela agoa, que seccava. Nos logares em que o sapacurú largava a terra, como seo bico era maior, ficava a terra elevada, formando montanhas. Antes dessa chuva a terra que habitamos era plana; e a agoa desappareceo, e elle desceo da palmeira, e vivia de fructas e raizes de arvores; mas estava só no meio dos outros animaes que não eram como elle. Um dia o sapacurú disse-lhe: Porque você não vae procurar uma companheira? Na enseada grande da lagoa ha muitas. Faça uma jangada, entre nella que eu mando os patos lhe, conduzirem aonde estão as moças das outras gentes. E na manhan seguinte, os patos levaram, a reboque, a jangada com elle dentro. Na beira da lagoa banhavam-se muitas moças; ellas viram a jangada, correram para a margem, assustadas; uma dellas atirou-se á agoa, e nadou para a jangada; ali chegando, elle a prendeo nos braços e os patos arrastaram a jangada para o pouso delle. As outras moças contaram á gente dellas o occorrido, e elles foram em perseguição dos fugitivos, mas não os poderam alcançar. *Aré* casou-se com a moça, tiveram filhos; mas, quando encontramos as outras gentes, sempre estas brigam comnosco. Eis a razão porque vivemos separados e como perdidos nas mattas. Sós, nús, vivendo das caças que apa-

nhamos em nossos laços e mundeos, não cultivamos nada para que não nos descubram os outros, e porque nos satisfazemos com os fructos da terra, o mate e o fumo que dão naturalmente em qualquer parte. Andamos nús, porque não sabemos fazer coberturas e, alem disso, o clima daqui é quente e bom. Assim concluio sua narrativa um indio, talvez de uns 60 annos, alto, cheio de corpo, de ar tristonho que vive como escravo dos *Caingangues*, por elles aprisionado ha quatro annos. Pertence á nação (quasi extincta) dos *Arés*, conhecidos por nós pela denominação de — *Botocudos*, pelo costume que têm de usarem um tembetá ou botoque de nó de pinho ou osso, no labio inferior.

Estes *Arés* falam o *Guarani*; mas a pronuncia é alterada pela falta de movimento do labio inferior, prezo pelo longo e pezado *tembetá* de nó de pinho que uzam. Por essa razão não podem pronunciar os sons das lettras labiaes.

## VOCABULARIO CAIGUA' CHAVANTE

### IX

Ha sido opinião quasi geral dos escriptores que têm tratado das lingoas dos nossos selvagens, que nellas faltam varias lettras do nosso alphabeto, e entre ellas o *r* forte, o *l* e o *z*; eu tambem até poucos annos, segui essa opinião; mas, em 1878, tendo tido occasião de tratar com alguns selvagens da nação *Chavante*, que demoram nos Campos-novos da Provincia de S. Paulo, comarca de Botucatú, fiquei convencido de que aquella falta de lettras não era tão geral como até aqui se acreditava, e que pelo menos na lingoa *Chavante* existem o *l*, o *r* forte e um *z* como o *th* inglez: E' verdade que esta lingoa discorda completamente da lingoa geral de nossos selvagens; os *Chavantes*, até no physico, nada se parecem com as outras nações de indios que conheço.

Para facilitar algum estudo ethnographico, que por ventura alguem queira emprehender, junto a esta *noticia*, mais este pequeno vocabulario da lingoa *Caiguá* (que é a mesma *Guarani*, com pouca differença) e *Chavante*. Nesta, o *r* forte é muito guttural, o *J*, sôa como no hespanhol e o *th* como no inglez.

| Portuguez | Caygua' (Guarani) | Chavante |
|---|---|---|
| | **A** | |
| Agoa | I (1) | Diélsede |
| Anta | Borêvi | Apila |
| Arara | Guáa | Uida |
| Arco | Uirapá | Inhestecude |
| Assar | Ecí | Mendoa |
| | **B** | |
| Barriga | Teé | Eltuê |
| Braço | Jeba | Esteinde |
| Branco | Tin | Jaque (2) |
| Brigar | Pochi | Uirgêlem |
| Bugio | Carajá | Ontirra |
| Buraco | Cuara | Birrua |
| | **C** | |
| Cabeça | Akan | Ursube |
| Campo | Nhon | Juartle |
| Capivara | Capivá | Othigue (3) |
| Cera | Iraiti | O'gode |
| Comer | Jaú | Icabe |
| Comprido | Pocú | Umostiara |
| Cobra | Bôi | Apalaiao |
| Correr | Onhanhi | Tanyenne |
| Casa | Oi | Igobe |
| Chuva | Oki | Chanin |
| | **D** | |
| Dia | A'ri | Uotue |
| Deite fora | Mombó | Bóje |

(1) Em nosso alphabeto não temos lettras que possam exprimir os sons da palavra agoa, em *Guárany*; é um som guttural, composto de *I*, *v* e *e*, mas, indifinido; só com muito exercicio o podemos expressar.

(2) O *J* sôa como no hespanhol.

(3) O *th* sôa como no inglez.

| Portuguez | Caygua' (Guarani) | Chavante |
|---|---|---|
| | **E** | |
| Estrella | Citátá | Tuasla |
| | **F** | |
| Frecha | Ui | Torta |
| Fogo | Tátá | |
| | **J** | |
| Jacú | Jacú | Guiacú |
| Jaboticaba | Uapurum | Uarriga |
| | **L** | |
| Levante-se | Epoan | Escoguilabe |
| Lontra | Guairacá | Nectube |
| Lua | Iaci | Quyade |
| | **M** | |
| Macaco | Cahí | Cái |
| Machado | Gei | Endáe |
| Matar | Ajocá | Nhadalee |
| Matta | Cagui | Diguede |
| Macuco | Nhambúguassú | Tú |
| Mão | Icuan | Insua |
| Mãe | Ahi | Fiduá |
| Mosquito | Bariguy | Ilobi |
| Milho | Abati | Chantle |
| Menino | Miton | Itarduêde |
| Muito | Etá | Leilebe |
| Mulher | Conhá | Hipipá |
| Mulher moça | Conhá raï | Uictoma |
| Moço | Cariáhi | Teuéde |
| | **N** | |
| Nariz | Tin | Assondlaibe |
| Noite | Pinton | Oteiaque |

| Portuguez | Caygua' (Guarani) | Chavante |
|---|---|---|
| | **O** | |
| Olho | Eçá | Acli. Athlï |
| Orelha | Nambi | Aconxe |
| | **P** | |
| Pae | Rú | Athrabe |
| Pé | Ipi | Jube |
| Páo | Ietuan | Tajane |
| Peixe | Pirá | Erredebe |
| Panella | Japepó | Déxe |
| Perna | Eteoan | Eteque |
| Pescoço | Ajui | Atua |
| Pedra | Itá | Rátcha |
| Papagaio | Parakao | Guatá |
| Preto | Hon | Hon |
| Porco do matto | Tajaçú | Antla, Inthla |
| | **Q** | |
| Quati | Quati | Etecubetei |
| | **R** | |
| Rio | I | Dielsede |
| | **S** | |
| Sol | Pahí | Esquentábe |
| Sente-se | Aguapi | Roiábe |
| Surrar | Bópi | Inháre |
| | **T** | |
| Tamanduá | Jarutaré | Alábe |
| Tateto | Taetetú | Tócle, Tothle |
| Terra | Eui | Birõa |
| Tigre | Jaguarêtê | Cuatá |
| Tucano | Tuncan | Flongue |
| | **U** | |
| Urú | Urù | Dejuáca, Tofoaca |

| PORTUGUEZ | CAYGUA' (Guarani) | CHAVANTE |
|---|---|---|
| | **V** | |
| Veado | Guaçú | Jagóde |
| Velho | Tujá | Cuejê |
| Venha | Ejô | Heumôde |
| Vermelho | Piran | Nojede |
| 1 | Petem | Pequinhe |
| 2 | Môcoin | Istonra |
| 3 | Bôapoi | Ojeleidapá |
| 4 | Irondi | |
| 5 | Tineruin | |
| Eu, Meo | Chê | |
| Tu, Teo | Dêe | |
| Elle, Delle | Aê | |
| Nos, Nosso | Nhandê | |
| Vos, Vosso | Peê | |
| Elles, Delles | Aé, Enuiva | |

## Principio de conjugação de verbos em Guarani

X

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| —Ser— | —Aicuá— |
| *Presente* | |
| Eu sou | Che-macô |
| Tu és | Deê-macô |
| Elle é | Ahe-macô |
| Nós somos | Nhande-macô |
| Vós sois | Pun-pemacô |
| Elles são | Enuiva-omacô (1) |
| *Preterito imperfeito* | |
| Eu era | Che-vaecuê |
| Tu eras | Dee-vaecuê |
| Elle era | Ahe-vaecuê |
| Nós eramos | Nhande-vaecuê |
| Vós ereis | Peen-vaecuê |
| Elles eram | Enuiva-vaecuê |
| *Preterito absoluto* | |
| Eu fui | Che-aãma |
| Tu foste | Dee-reãma |
| Elle foi | Ahe-ooma |
| Nós fomos | Nhande-jaáma |
| Vos fostes | Peen-peôma |
| Elles foram | Enuiva-oôma |

(1) Enuiva, parece que significa—muitos.

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| *Futuro absoluto* | |
| Eu serei | Che-aicuá-aãma,ou aicuanê |
| Tu serás | Dee-recuá-aãma |
| Elle será | Ahe-oicuá-aãma |
| Nós seremos | Nhande-jaicuá-aãma |
| Vos sereis | Peen-peicuá-aãma |
| Elles serão | Enuiva-oicuá-aãma |
| *Futuro composto* | |
| Eu hei de ser | Che-aicuá-vaeram |
| Tu has de ser | Dee-reicuá-vaeram |
| Elle ha de ser | Ahe-oicuá-vaeram (1) |
| —Ter— | —Arecó— |
| *Presente* | |
| Eu tenho | Che-arêcoma |
| Tu tens | Dee-erirecoma |
| Elle tem | Ahe-oguerêcoma |
| Nós temos | Nhande-jarêcoma |
| Vos tendes | Peen-perêcoma |
| Elles teem | Enuiva-oguerêcoma |
| *Preterito imperfeito* | |
| Eu tinha | Che-arêcoma-vaecuê |
| Tu tinhas | Dee-arêcoma-vaecuê |
| Elle tinha | Ahe-ôrêcoma-vaecuê |
| Nós tinhamos | Nhande-jarecoma-vaecuê |
| Vos tinheis | Peen-perécoma-vaecuê |
| Elles tinham | Enuiva-oguerêcoma-vaecuê |
| *Preterito absoluto* | |
| Eu tive | Che-arecó-vaecuê |
| Tu tiveste | Dee-ererecó-vaecuê |
| Elle teve | Ahe-oguerecó-vaecuê |
| Nós tivemos | Nhande-jarecó-vaecuê |
| Vos tivestes | Pee-perecó-vaecuê |
| Elles tiveram | Enuiva-oguerecó vaecuê |

(1) Nhande-jacuá-vaeram. Pee-pereuá-vaeram. Enuiva-oicuá-vaeram.

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| *Futuro absoluto* | |
| Eu terei | Che-arecó-ne |
| Tu terás | Dee-erecó-ne |
| Elle terá | Ahe-orecó-ne |
| Nós teremos | Nhande-jarecó-ne |
| Vos tereis | Pee-perecó-ne |
| Elles terão | Enuiva-oguerecó-ne |
| *Futuro composto* | |
| Eu hei de ter | Che-arecó-vaeran |
| Tu has de ter | Dee-ererecó-vaeran |
| Elle ha de ter | Ahe-guerecó-vaeran |
| Nós havemos de ter | Nhande-jarecó-vaeran |
| Vos haveis de ter | Pee-perecó-vaeran |
| Elles hão de ter | Enuiva-oguerecó-vaeran |
| —Comer— | —Jaú— |
| *Presente* | |
| Eu como | Che-aúta |
| Tu comes | Dee-acarúta |
| Elle come | Ahe-ocarúta |
| Nós comemos | Nhande-jacarúta |
| Vos comeis | Pee-pecarúta |
| Elles comem | Enuiva-ocarúta |
| *Preterito imperfeito* | |
| Eu comia | Che-acarú-varangue, ou macurï |
| Tu comias | Dee-erecarú-varangue |
| Elle comia | Ahe-ocarú-varangue |
| Nós comiamos | Nhande-jacarú-varangue |
| Vos comieis | Pee-pecarú-varangue |
| Elles comiam | Enuiva-ocarú-varangue |
| *Preterito absoluto* | |
| En comi | Che-acarú-má |
| Tu comeste | Dee-erecarúmá |
| Elle comeo | Ahe-ocarúmá |

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| Nós comemos | Nhande-jacaru-macurí |
| Vos comestes | Pee-pecarú-macurï |
| Elles comeram | Enuiva-ocarú-macurï |
| *Futuro absoluto* | |
| Eu comerei | Che-acarú-ne |
| Tu comerás | Dee-erecarú-ne |
| | Ahe-ocarú-ne |
| Nós comeremos | Nhande-jacarú-ne |
| | Pee-pecarú-ne |
| | Enuiva-ocarú-ne |
| *Futuro composto* | |
| Eu hei de comer | Che-jaú-vaeran |
| | Dee-erejaú-vaeran |
| | Ahe-ojaú-vaeran |
| Nós havemos de comer | Nhande jajaú-vaeran |
| | Pee-pejaú-vaeran |
| | Enuiva-ojaú-vaeran |
| —Dormir— | —Aké— |
| *Presente* | |
| Eu durmo | Che-akéta |
| | Dee-eké |
| | Ahe-oké |
| Nós dormimos | Nhande-jaké |
| | Pee-pekéta |
| | Enuiva-okéta |
| *Preterito imperfeito* | |
| Eu dormia | Che-ake-ma |
| | Dee-ereke-ma |
| | Ahe-oke-ma |
| Nós dormiamos | Nhande-jake-ma |
| | Pee-peke-ma |
| | Enuiva-oke-ma |

| Portuguez | Guarani |
| --- | --- |
| | *Preterito perfeito* |
| Eu dormi | Che-aké-vaecue |
| | Dee-ereké-vaecue |
| | Ahe-oké-vaecue |
| Nós dormimos | Nhande-jaké-vaecue |
| | Pee-peké-vaecue |
| | Enuiva-oké-vaecue |
| | *Futuro absoluto* |
| Eu dormirei | Che-aké-ne |
| | Dee-ereké-ne |
| | Ahe-oké-ee |
| Nós dormiremos | Nhande-jaké-ne |
| | Pee-peké-ne |
| | Enuiva-oké-ne |
| | *Futuro composto* |
| Eu heide dormir | Che-aké-vaeran |
| | Dee-ereké-vaeran |
| | Ahe-oké-vaeran |
| Nós havemos de dormir | Nhande-jaké-vaeran |
| | Pee-peké-vaeran |
| | Enuiva-oké-vaeran |

—Contar, Narrar— —Omombeú—

| | *Presente* |
| --- | --- |
| Eu conto ou narro | Che-omombeúta |
| | Dee-remombeú |
| | Ahe-mombeú |
| Nós contamos ou.... | Nhande-nhaombeú |
| | Pee-peombeú |
| | Enuiva-omombeú |

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| | ***Preterito imperfeito*** |
| Eu contava ou narrava | Che-amombeú-varangue |
| | Dee-remombeú-varangue |
| | Ahe-omombeú-varangne |
| Nós contavamos ou..... | Nhande-nhamombeú-varangue |
| | Pee-pemombeú-varangue |
| | Enuiva-omombeú-varangue |
| | ***Preterito absoluto*** |
| Eu contei ou narrei | Che-omombeú-má |
| | Dee-eremombeú-má |
| | Ahe-omombeú-má |
| Nós contámos ou..... | Nhande-jaomombeú-má |
| | Pee-peomombeú-má |
| | Enuiva-omombeú-má |
| | ***Futuro absoluto*** |
| Eu contarei ou narrarei | Che-amombeú-ne |
| | Dee-ereomombeú-ne |
| | Ahe-omombeú-ne |
| Nós contaremos ou..... | Nhande-nhamombeú-ne |
| | Pee-pemombeú-ne |
| | Enuiva-omombeú-ne |
| | ***Futuro composto*** |
| Eu hei de contar | Che-amombeú-vaeran |
| | Dee-eremombeú-vaeran |
| | Ahe-omombeú-vaeran |
| Nós havemos de contar | Nhande-nhamombeú-vaeran |
| | Pee-pemombeú-vaeran |
| | Enuiva-omombeú-vaeran |

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| —Matar— | —Ajocá— |

*Presente*

| | |
|---|---|
| Eu mato | Che-ajocá |
| | Dee-erejocá |
| | Ahe-ojocá |
| Nós matamos | Nhande-nha-jocá |
| | Pee-pejocá |
| | Enuiva-ojocá |

*Preterito imperfeito*

| | |
|---|---|
| Eu matava | Che-ajocá-varangue |
| | Dee-erejocá-varangue |
| | Ahe-ojocá-varangue |
| Nós matavamos | Nhande-orejocá-varangue |
| | Pee-pejocá-varangue |
| | Enuiva-ojocá-varangue |

*Preterito absoluto*

| | |
|---|---|
| Eu matei | Che-ajocá-vaecue |
| | Dee-erejocá-vaecue |
| | Ahe-ojocá-vaecue |
| Nós matámos | Nhande-jajocá-vaecue |
| | Pee-pejocá-vaecue |
| | Enuiva-ojocá-vaecue |

*Futuro absoluto*

| | |
|---|---|
| Eu matarei | Che-ajocá-ne |
| | Dee-erejocá-ne |
| | Ahe-ojocá-ne |
| Nós mataremos | Nhande-jajocá-ne |
| | Pee-pejocá-ne, |
| | Enuiva-ojocá-ne |

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| | *Futuro composto* |
| Eu hei de matar | Che-ajocá-vaeran |
| | Dee-erejocá-vaeran |
| | Ahe-ojocá-vaeram |
| Nós havemos de matar | Nhande-jajocá-vaeran |
| | Pee-pejocá-vaeran |
| | Enuiva-ojocá-vaeran |
| —Ir— | —Ajeapeguá— |
| Eu vou | Che-áta |
| | Dee-ereóta |
| | Ahe-oóta |
| Nós vamos | Nhande-roóta |
| | Pee-ta-peó |
| | Enuiva-ojeióta |
| Eu ia | Che-á-varangue |
| | Dee-ereó-varangue |
| | Ahe-ó-varangue |
| Nós iamos | Nhande-ja-o-varangue |
| | Pee-peó-varangue |
| | Enuiva-ógeêi-varangue |
| Eu irei | Che-áá-ne |
| | Dee-rereói-ne |
| | Ahe-ojeói-ne |
| Nós iremos | Nhande-jahái-ne |
| | Pee peói-ne |
| | Enuiva-ojeói-ne |
| —Falar— | —Eaevü— |
| Eu falo | Che-aevü |
| | Dee-ereaevü |
| | Ahe-oeaevü |

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| Nós falamos | Nhande-nhaeaevü |
| | Pee-pe-eaevü |
| | Enuiva-oeaevü |
| Eu falava | Che-evüma-vaecue |
| | Dee-devü-uaecue |
| | Ahe-oevü-vaecue |
| Nós falavamos | Nhande-nha-evü-vaecue |
| | Pee-pe-aevü-vaecue |
| | Enuiva-ojaevü-vaecue |
| Eu hei de falar | Che-aevü-vaeran |
| | Dee-ereavü-vaeran |
| | Ahe-oaevü-vaeran |
| Nós havemos de falar | Nhande-nhaevü-vaeran |
| | Pee-peaevü-vaeran |
| | Enuiva-ojaevü-vaeran |

| —Morrer— | —Omanõ— |
|---|---|
| Eu morro | Che-amanõ |
| | Dee-demanõ |
| | Ahe omanõ |
| Nós morremos | Nhande-nhamanõ |
| | Pee- pemanõ |
| | Enuiva-omanõ |
| Eu morria | Che-omanõ-varangue |
| | Dee-remanõ-varangue |
| | Ahe-omanõ-varangue |
| Nós morriamos | Nhande-nhamanõ-varangue |
| | Pee-pemanõ-varangue |
| | Enuiva-omanõ-varangue |
| Eu morrerei | Che-amanõ-ine |
| | Dee-remanõ-ine |
| | Ahe-omanõ-ine |

| Portuguez | Cuarani |
|---|---|
| Nós morreremos | Nhande-nhamanõ-ine |
| | Pee-pemanõ-ine |
| | Enuiva-omanõ-ine |
| Eu hei de morrer | Che-amanõ-vaeran |
| | Dee-remanõ-vaeran |
| | Ahe-omanõ-vaeran |
| Nós havemos de morrer | Nhande-chamanõ-vaeran |
| | Pee-pemanõ-vaeran |
| | Enuiva-omanõ-vaeran |
| —Assar— | —Aecy— |
| Eu asso | Che-aecyta |
| | Dee-ecy |
| | Ahe-oicyta |
| Nós assamos | Nhande-jaecy |
| | Pee-pe-ecy |
| | Enuiva-oecyta |
| Eu assava | Che-aecy-varangue |
| | Dee-erecy-varangue |
| | Ahe-oecy-varangue |
| Nós assavamos | Nhande-jaecy-varangue |
| | Pee-pe-ecy-varangue |
| | Enuiva-aecy-varangue |
| Eu assei | Che-aecy-ma |
| | Dee-recy-ma |
| | Ahe-aecy-ma |
| Nós assámos | Nhande-jaecy-ma |
| | Pee-peecy-ma |
| | Enuiva-oecy-ma |
| Eu assarei | Che-aecy-ne |
| | Dee-recy-ne |
| | Ahe-aecy-ne |

| Portuguez | Guarani |
| --- | --- |
| Nós assaremos | Nhande-jaecy-ne |
| | Pee-peecy-ne |
| | Enuiva-oecy-na |
| Eu hei de assar | Che-aecy-vaeran |
| | Dee-ereicy-vaeran |
| | Ahe-aecy-vaeran |
| Nós havemos de assar | Nhande-nhaecy-vaeran |
| | Pee-peecy-vaeran |
| | Enuiva-oicy-vaeran |
| —Lavar— | —Ojeaú— |
| Eu lavo | Che-ajeaú |
| | Dee-rejaú |
| | Ahe-ojeaú |
| Nós lavamos | Nhande-jajaú |
| | Pee-pejaú |
| | Enuiva-ojaú |
| Eu lavava | Che-ajaú-varangue |
| | Dee-erejaú-varangue |
| | Ahe-ojeaú-varangue |
| Nós lavavamos | Nhande-jajaú-varangue |
| | Pee-pejaú-varangue |
| | Enuiva-ojeaú-varangue |
| Eu lavei | Che-aojeaú-ma |
| | Dee-ereojeaú-ma |
| | Ahe-ojeaú-ma |
| Nós lavámos | Nhande-nhajeaú-ma |
| | Pee-pejeaú-ma |
| | Enuiva-ojeaú-ma |
| Eu lavarei | Che-ajaú-ne |
| | Dee-erejaú-ne |
| | Ahe-ojaú-ne |

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| Nós lavaremos | Nhande-jajaú-ne |
| | Pee-pejaú-ne |
| | Enuiva-ojeaú-ne |
| Eu hei de lavar | Che-ajeaú-vaeran |
| | Dee-rejeaú-vaeran |
| | Ahe-jeaú-vaeran |
| Nós havemos de lavar | Nhande-jajeaú-vaeran |
| | Pee-pejeaú-vaeran |
| | Enuiva-ojeaú-vaeran |

| — Cobrir — | — Ejaohi — |
|---|---|
| Eu cubro | Che-ejaohi |
| | Dee-erejaohi |
| | Ahe-jaohi |
| Nós cobrimos | Nhande-jajaohi |
| | Pee-pejaohi |
| | Enuiva-ojaohi |
| Eu cubria | Che-ajeohi-varangue |
| | Dee-erejeohi-varangue |
| | Ahe-jeaohi-varangue |
| Nós cobriamos | Nhande-jajeaohi- varangue |
| | Pee-pejeaohi-varangue |
| | Enuiva-ojeaohi-varangue |
| Eu cobri | Che-ajeaohi-ma |
| | Dee-erejeaohi-ma |
| | Ahe-jajeaohi-ma |
| Nós cobrimos | Nhande-nhajeaohi-ma |
| | Pee-pejeaohi-ma |
| | Enuiva-ojeaohi-ma |
| Eu cobrirei | Che-ajeaohi-ne |
| | Dee-erejeohi-ne |
| | Enuiva-ojeohi-ne |

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| Nós cobriremos | Nhande-jajaohi-ne |
| | Dee-erejeohi-ne |
| | Enuiva-ojaohi-ne |
| Eu hei de cobrir | Che-ajeohi-vaèran |
| | Dee-erejeaohi-vaeran |
| | Ahe-ojaohi-vaeran |
| Nós havemos de cobrir | Nhande-jajeaohi-vaeran |
| | Pee-pejaohi-vaeran |
| | Enuiva-ojeaohi-vaeran |
| —Cosinhar— | —Amohin— |
| Eu cosinho | Che-amohita |
| | Dee-emohin |
| | Ahe-omohin |
| Nós cosinhamos | Nhande-nhomohin |
| | Pee-pemohin |
| | Enuiva-omohin |
| Eu cosinhava | Che-amohin-varangue |
| | Dee-eremohin-varangue |
| | Ahe-omohin-varangue |
| Nós cosinhavamos | Nhande-nhamohin-varangue |
| | Pee-pemohin-varangue |
| | Enuiva-omohin-varangue |
| Eu cosinhei | Che-amohin-ma |
| | Dee-eremohin-ma |
| | Ahe-omohin-ma |
| Nós cosinhámos | Nhande-nhamohin-ma |
| | Pee-pemohin-ma |
| | Enuiva-omohin-ma |
| Eu cosinharei | Che-amohin-ne |
| | Dee-eremohi-ne |
| | Ahe-omohi-ne |

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| Nós cosinharemos | Nhande nhamohi-ne |
| | Pee-pemohi-ne |
| | Enuiva-omohi-ne |
| Eu hei de cosinhar | Che-amohin-vaeran |
| | Dee-remohin-vaeran |
| | Ahe-omohin-vaeran |
| Nós havemos de cosinhar | Nhande-nhamohin-vaeran |
| | Pee-pemohin-vaeran |
| | Enuiva-omohin-vaeran |

| —Fazer— | —Japône |
|---|---|
| Eu faço | Che-japône |
| | Dee-japô |
| | Ahe-japône |
| Nós fazemos | Nhande-jajapône |
| | Pee-pejapône |
| | Enuiva-ojapône |
| Eu fazia | Che-japô-varangue |
| | Dee-erejapô-varangue |
| | Ahe-ojapô-varangue |
| Nós faziamos | Nhande-jajapô-varangue |
| | Pee-pejapô varangue |
| | Enuiva-ojapô-varangue |
| Eu fiz | Che-japô-ma |
| | Dee-ejapô-ma |
| | Ahe-ojapô-ma |
| Nós fizemos | Nhande-nhajapô-ma |
| | Pee-pejapô-ma |
| | Enuiva-orejapô-ma |
| Eu farei | Che-ajapô-ne |
| | Dee-rejapô-ne |
| | Ahe-japô-ne |

| Portuguez | Guarani |
|---|---|
| Nós faremos | Nhande-jajapô-ne |
| | Pee-pejapô-ne |
| | Enuiva-ojapô-ne |
| Eu hei de fazer | Che-ajapône-vaeran |
| | Dee-erejapône-vaeran |
| | Ahe-japône-vaeran |
| Nós havemos de fazer | Nhande- nhajapône-vaeran |
| | Pee-pejapône-vaeran |
| | Enuiva-ojapône-vaeran |

Não temos a pretenção de apresentar as linhas precedentes como um trabalho perfeito; ao contrario, é apenas um ensaio que colligimos em 1891, do cacique guarani João Roberto. Os estudiosos que o completem aperfeiçoando-o.

# 3.ª PARTE

# VOCABULARIO

## Idioma: KAINGANGUE E GUARANI (*)

## XI

| PORTUGUEZ | KAINGANGUE | GUARANI |
|---|---|---|
| Lingoa | Nonê | Apencun |
| Bocca | Iãntque | "Jurú |
| Labio superior | Crin cantê iant que fuere | "Jurú piré |
| Labio inferior | Gú cantê iant que fuere | Embé piré |
| Dente | Nhá | Ain |
| Nariz | Ninhê | Tin |
| Narizes | Ein ninhê | Nhanetin |
| Olho | Canê | Eça |
| Orelha | Ningrein | Nambi |
| Agulheiro da orelha | Ningrein dôro (Orelha, buraco) | Nambi cuá (Orelha, buraco) |
| Frente | Rindiá | E'té |
| Cabeça | Crin | Acan |
| Craneo | Crin cucá | Apuèton |
| Cabellos | Nhâin | Auê |
| Sobrancelhas | Cachaquê | Eçá poen caraguè |
| Pestanas | Cameyóki | Eçá raguè |
| Barbas | Ioâ | Nendeoá |
| Cabellos das vergonhas | Congóya | Embó raguè |
| Bochecha | Iémé | Eová |
| Barba | Ioá | Endeoá |
| Hombro | Genimbai | Atihi |
| Braço superior | Penbang | Giuá |
| Antebraço | Nindó | Póapui |

(*) O J, maiusculo ou minusculo, sôa como no hespanhol.
O K, » » » sôa brando como em *querer*
O H, » » » com o mesmo signal, é aspirado.

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Cotovello | Pencandún | Angujá |
| Mão | Ninguê | Pó |
| Dorso da mão | Ninguê pânim | Pó atcupen |
| Palma da mão | Ninguê du | Pó puitan |
| Dedo | Ninguê féie | Cuan |
| Dedo polegar | Ninguê féie bang | Pŏampé |
| Indice | Niguyá | Pó canguê |
| Mediano | Ninguê yuyá | Pó buïntê |
| Annullar | Ninguê xin cantõyé | Cuan mirim |
| Minimo | Ninguê xin | Cuan barıhî |
| Unha | Ningrú | Poan apê |
| Perna | Fá | Tê uan canguí |
| Parte super.or da coxa | Crê | Ue canguê |
| Parte inferior da coxa | Crê bang | |
| Joelho | Iacrin | Penarã |
| Pé | Pen | Pú |
| Dorso do pé | Pen panin | Pú atcupen |
| Planta do pé | Pendú | Pú puitan |
| Talão | Penra | Pú tá |
| Dedo do pé | Pen féie | Pú cãn |
| Unha do pé | Pengrú | Pú cãn pen |
| Unha do cervo | Cambé ningrú | Guaçú puican-pê |
| Corpo | Ingjeã | Herete |
| Cadaver | Terêti | Jamanô |
| Collo | Féparó | Pôtiá |
| Pescoço | Duhí | Gïriui |
| Garganta | Hoangrô | Aiãntan |
| Sovaco | Inérê | Endá pïui |
| Omoplata | Pembéng | Carombé |
| Costellas | Cauhï | Aroncã |
| Peito | Nonguiyê | Potiá |
| Bico do peito do hom. | Nonguiyê crin | Hentan |
| Teta | Nonguiyê | Cãma |
| Bico do peito da mul.r | Tante nonguiye crin | Necãme uaçú |
| Ubre de animal | Fi nonguiye | |
| Ventre | Dung | Riê |
| Umbigo | Nondin | Furõan |
| Cordão umbilical | Nondin | Purõan |
| Costado | Nhirire | Atì cupé |
| Espadoas | Panin | Atê cupé puité |
| Assento | Dérê | Revicuá piré |
| Membro viril | Engré | Embó |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Glande | Créfiden | Acó ìain |
| Prepucio | Engré fuere | Embó piré |
| Bolsa dos testiculos | Grafú fuere | Apia ìain piré |
| Testiculos | Grafú | Rain |
| Vagina | Tu dôro | Grapipi |
| Labios da vulva | Fifú nhantque fuere | Grapipi piré |
| Clitoris | Fifú nonè | Necun |
| Anus | Degné | Bicuá |
| Pelle | Fuere | Piré |
| Pello (vello) | Fuere quequï | Ane pirè |
| Osso | Cucá | Cangué |
| Sangue | Hêvéi | Uvuï |
| Veia | Cuyeye | Rajugué |
| Pulso | Ninafi | Raju antã |
| Carne | Nin | Bairoó |
| Nervo | Keiyêye bong | Rajú |
| Coração | Fe | Enuangue |
| Figado | Tamê | Puï acué |
| Pulmão | Te canhue | Javevucue |
| Estomago | Hanfõro | Tacarácue |
| Tripa | Dunguebang | Epohi |
| Saliva | Iará | Enderê |
| Ourina | Iêi | Caurúguè |
| Suor | Carãn | 'Ai |
| Lagrima | Caimbé | Eçáï |
| Escremento | Nhafá | Potï |
| Alento | Tára | Intin |
| Rico | Nhá | |
| Rabo de perro | Jonguèjong buê | Jaguá ruguái |
| Rabo de peixe | Firanbê | Pirá ruguai |
| Rabo de passaro | Xaximbang bê | Guirá ruguai |
| Ala (Asa) | Nhenung | Pepó |
| Pluma (Penna) (*Asa*) | Fére | Aguè |
| Espadana de peixe | Fère | Pirá pepó |
| Elementos da natureza | | |
| Agoa | Goyo | Y" |
| Rio | Goyo bang | Y" guaçu |
| Ribeiro | Goyo xin | Y" morin |
| Fogo | Pin | Tatá |
| Fumo | Ninyá | Tatatin |
| Cinza | Mrênnhe | Tata opá |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Lenha | Pin | Japeá |
| Ceo | Caicõn | 'Arí |
| Ar | | |
| Nuvem | Caicõn g'om | Arahï |
| Chuva | Taá | Okï |
| Nevoa | Cronhõn | Atlantin |
| Rocio | Concô fere | Içapuï |
| Vento | Cancá | Iuitú |
| Tempestade | Cojú | Ovahi |
| Tormenta (com relampagos) | Cojú cópcóp ke | Ovahi overá |
| Relampago | Cópcóp ke | Overá |
| Trovão | Tárerá | Iapú |
| Arco celeste | Tandô | Arahi puentan |
| Sol | Aran | Cuaráhi, Pahi |
| Sombra | Feniá | Cuaran han |
| Sól nascente | Aranjuro | Cuarahin once ramò *Sol nasce vem* |
| Sól de meio dia | Aran emendo canxá | Cuaráhi uá tema |
| Sól poente | Aran puriá cantê *Sol mergulha lado* | Oguégïma óve |
| Norte | Aran canéa cantê *Quente vento lado* | Nhandê rovai etê |
| Sul | Cuxá cancá cantê *Frio vento lado* | Nhandê ikê cotê |
| E'ste | Aranjuriá cantê *Sol nasceo lado* | Emáe acote |
| Oeste | | Nhande cupê ete |
| Nordeste | | |
| Noroeste | | |
| Sudeste | | |
| Sudueste | | |
| Anno | Pran | Róhï |
| Tempo chuvoso | Táfan | Ókitarimãn |
| Tempo de secca | Eman | Arï Poran |
| Tempos diversos | | |
| Dia | Coran | Arï |
| Noite | Cuti | Pintuma |
| Manhan | Coxank | Cam hêro |
| Meio dia | Emendo cantxá | Ijuãntema |
| Tarde | Aranké | Caruma |
| Lua | Quexá | Jacï |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Novilunio | Quexa ton | Jacï piáú |
| Plenilunio | Quexa taruro | Jacï guaçú |
| Quarto minguante | Quexa xin | Jacï opá |
| Quarto crescente | Quexa ruro quei ke | D'ehi terï uá guaçú |
| Eclipse da lua | Caicangó quexa pacimp | Jacï nhipentum |
| Eclipse do sol | Caicango-aran paerimp | Arahi joahí |
| Estrella | Crin | Jacihi |
| Estrella da manhan | Crin bang | Jacitata guaçú |
| Estrella da tarde | Crin bang | Jacitata guaçú |
| Canîcula | | |
| Pleiades (as sete cabrinhas) | | |
| Licranço (escorpião) | | |
| Estrada de Santiago | | |
| Cruzeiro (constellação astral) | | |
| Solo | Gá | Ocá |
| Terra | Gá | Iuvï |
| Campo | Re | Nhum |
| Planicie | Hïyere | Iuivi poran |
| Caminho | Eprie | Tapé |
| Monte | Crin | Iuï iti |
| Selva, bosque | Uãim. nen | Cáágue |
| Prado | | |
| Caverna | Paróndõro | Itá poan |
| Ilha | Cute | Ypaon |
| Praia, costa | Rãnharãinha | Itapirú cué |
| Areia | Rãnharãinha | Itapirú porãn |
| Pedra | Pó | Itá |
| Rocha | Pó | Itá |
| Ferro | Ferro | Cuarépoti |
| Ouro | | |
| Prata | | |
| Aldeia | Einyanaa | Eta oï |
| Caza, Utensilios | | |
| Caza | In | Óï |
| Tecto | Cri | Joáhiporan |
| Porta | Nhateã | Onke |
| Umbreiras | Nhetecaranhe | Onke etá |
| Parede | Pendó | Iuìói |
| Almofada | Facrin | Acangritá |
| Banquinho | Neyaxin | Jacuapiá |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Maca, rede de algodão | Temyá | Mandejukiá |
| » rede de fibras | | |
| Panno | Curú | Xerıpá |
| Estofo de casca de arvore | | |
| Fuso | | Enhï |
| Bastão de fuso | | Ieé |
| Roda do fuso | Euniucuá | Euniucuá |
| Fio | Uafe | Inçan |
| Algodão | | Mandijú |
| Lan | Bekiki | Ague |
| Cordão de fibras | | |
| Tear de tecelão | | |
| Madeira para firmar os fios da trama | | |
| Rede | Temiya | Kiá |
| Rede para transportar alguma cousa | | |
| Cesta para viveres | Quenhe | Ruaguê |
| Cestinha para suspender | | |
| Esteira | | Tupá |
| Cesta para transportar alguma cousa | | |
| Esteira para crivar a farinha | Gredinhain | Rumpê |
| Esteira de moer a mandioca | | Ajacahì |
| Páos para produzir o fogo | Anantoe | Tatá nhamboá |
| A) páo superior | Crá | Japo uirá nhamboá |
| B) páo inferior | Creye | Joo uirá tatá nhamboá |
| Isca | Curopõrõ<br>*Panno queimado* | |
| Especies diversas da isca | | |
| Abanico para soprar o fogo | | |
| Calabaça para beber | Rundiá | Iacuó |
| Calabaça | Rundià | Acuró |
| Panella | Cocron | Japepó |
| Copa para comer | Patke | Nhanhen |
| Prato | Patke | Nhanhen |
| Colhér | Jové | Cuxá |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Olha para chicha | | |
| Olha (pintada! Panélla) | Cocran rê, conguére | Japepó pará |
| Hacha, machado | Beng | Acha, Gï |
| Folha da acha | | |
| Hacha de pedra | Béngtampó | Itágï |
| Pedra de esta | Pó tambéng | |
| Punho de esta | Béng pú | Imbóï |
| Instrumento para perfurar | Candón niafân | Embó poá |
| Instrumento para cortar | Crê | Kiçá |
| Lima | Aranaran | Cuaré poti Kitïá |
| Faca | Kefé | Kicé |
| Pedra de afiar | Panhá | Itakï |
| Barco e armas | | |
| Barco de cortiça | | |
| Barco de madeira | | |
| Montaria, canôa | Kankei | Canôa |
| Remo | Cankei rumià | Uirapê |
| Leme | | |
| Bastão | Cantó | Popocá |
| Arco | Uiyê | Uirapá |
| Corda do arco | Uiye iyene | Uirapá çan |
| Frecha | Dó | Uhí |
| Pluma de esta | Dó ferê | Uhí pepó |
| Frecha com ponta de taquara | Dó pú | Uhí racóa |
| Frecha com ponta de osso | Dou nhekfin | Uhí canguê |
| Frecha com ponta de madeira | Dou pú | Uhí uirá |
| Frecha com ponta dentada | Dou rere | Uhí rantin |
| Frecha para caçar passaros | Dá | Uhí rapiá |
| Massa | Cá kïuï | Uiverá pará |
| Parte larga desta | | |
| Punho de esta | | |
| Massa para arrojar | | |
| Palheta, instrumento para arrojar as frechas | Uiyê | Uyrapá |
| Frecha de isto | | |
| Funda para arrojar pedras | | |
| Arco para arrojar bolas de barro | | |

| PORTUGUEZ | KAINGANGUE | GUARANI |
|---|---|---|
| Zarabatana | | |
| Aljava | | |
| Nome do veneno | Vacactá coreg | Moaã |
| Lan para envolver as frechas | | |
| Punhal | Kefé | Kicé |
| Lança | Rogurú | |
| Lança para pescar | | |
| Anzol | Ekfï | Pindá |
| Gancho de esta | Racafuï | Pindá rantin |
| Linha de pescador | Ekfï xenê | Pindá ançã |
| Escudo | | |
| Espingarda | Bocá dô | Bocá |
| Polvora | Bocá fun | Bocá cuï |
| Escumilha (Humbo) | Bocá canê | Bocá ranhen |
| Vestidos | Curú | Tupai |
| Tanga (de homem) | Veinpefin | Ambeó |
| Tanga (de mulher) | Veinpefin | Tupai |
| Cintura | Veixó kfinya | Humbé |
| Bracelete | | |
| Cintura de artelho | Prenfin | |
| Chapéo | Crincritaua | |
| Vestido | Curú | Tupai |
| Tecido | Curú | Tupai |
| Camisa de homem | Craninin | |
| Camisa de mulher | Perôro | Tupai |
| Poncho | Curuxe | |
| Bolsa | Péräng | Hembocó |
| Jaleco | | |
| Saia de mulher | Vaepefin | Saiá cuá |
| Sandalias | Pen pân | Perü |
| Pente | Vaicurya | Kïuá |
| Abanico | | Tapécuá |
| Especie de diversos adornos de cabeça | | |
| Especie de diversos adornos de collo | | |
| Especie de diversos adornos de peito | Nhaticá cupé | Tucambi |
| Especie de diversos adornos de espadoas | | |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Especie de diversos adornos de cintura | | |
| Mascara | | |
| Vestido de baile | | |
| Cintura de baile | | |
| Tambor | | |
| Flauta para tocar | Coke | Mimbú |
| Flauta para tocar com o nariz | Ninhe coke | Mimbú |
| Flauta para tocar com a bocca | Ianteque coke | Mimbú |
| Flauta para dar signal | | |
| Flauta com diversas cannas | Honhon | |
| Instrumento com cordas para tocar com a bocca | | |
| Cordão com taboinhas para gyrar e fazer estridor | | |
| Trombeta | | |
| Arvore ôca que serve de tambor | | |
| Baile | Vaengrén | Tèei onoãn |
| Canto | Tanctain | O'pórahi |
| Festim | Veincangire | Téei õnõõn guaçú |
| Boneca | | Membui |
| Familia etc. | | |
| Homem | Õngré | Avá |
| Gente | | Teei |
| Tribu | | Rai |
| Familia | Cren | Rai |
| Varão | Õngré | Avá |
| Marido | Bém | Emé |
| Padre | Pandére | Padre |
| Pae | Jóng | Ru |
| Sogro | Cakran | Ratehú |
| A) padre do varão | Ongré yóng | Avárú |
| B) padre da mulher | Tante yong | Conha tuhï |
| Madre | Nhan | Aï |
| Mamam | | |
| Sogra | Bãn | Rembericó cy |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| A) madre do varão | Ongré nãn | Avá ahi |
| B) madre da mulher | Tante nan | Canha ahi |
| Creança | Ontxin | Mintã |
| Creança de peito | Ontxin nonguiye | Baérihi |
| Filho | Coxin | Cononi |
| Genro | Jambré | Ragï mé |
| Netto | Cóxite ficoxin | Miariron |
| Menino | | Conumi |
| Joven | Queron | Conomi uaçú |
| Irmão | Yaue | Revui |
| Irmão primogenito | Canké | Rekehi |
| Irmão menor | Yaué | Revuhi |
| Cunhado | Iambré | Tavajá |
| Irman | Ve | Rendï |
| Irman primogenita | Vexai | Rendï guaçú |
| Irman menor | Vetatan | Xindehï |
| Cunhada | Pron caicá | Ragï kirin |
| Mulher | Tanté | Conhá |
| Esposa | Pron | Omendá |
| Moça | Tetan | Conhá tain |
| Filha | Ficoxin | Ragï |
| Nora | Coxit pron | Nemberecó |
| Netta | Coxitante fi | Meariron |
| Viuva | Béton fi | Imédoicôvê |
| Tio paterno | Yongrengre | Ruvï |
| Tio materno | Nhan yane | Ramõi |
| Tio | Yó caicá | Ruvê |
| Tia paterna | Yong vê | |
| Tia materna | | |
| Tia | | |
| Sobrinho | Rengre coxin | Raikerin |
| Sobrinha | Rengre coxin tante fi | Ragi kerin |
| Velho | Cofá | Tuja |
| Velha | Tante cofá | Jarï |
| Primo | Caicá | Nhande rekei |
| Prima | Ve | Nhande rendï |
| Avô | Yongyong | Ramói |
| A) Padre da madre | Nhanfi yong | Ramói Jaré |
| B) Padre do padre | Jongyong | Ramói |
| Avó | Nhanfinhan | Jarei |
| A) Madre da madre | Nhanfinhan | Jareijarei |
| B) Madre do padre | Jong nhan | Jarei ete |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Homens da casa do baile | | |
| Casa dos bailes | | |
| Chefe | Pahi | Tubixá |
| Estrangeiro | Caicá ton | Javúcé |
| Amigo | Caicá | Revá aema |
| Inimigo | Tékicorégnhe | Naporaen |
| Branco | Capri | Morontin |
| Negro | Hü | Hon.—Cambahi |
| Indio | Kaingangue | Nhande |
| Medicina, religião | Vaecactá | Môá |
| Medico | Veictanje | Môá icuá poran |
| Bruxo | | Moanjaro |
| Discipulo de isto | | |
| Remedios | Vaecacta | Môá poran |
| Doença | Cangá | Imbarace |
| Tabaco | Cafei grin | Pentin |
| Cachimbo | | Pentin guó |
| Charuto | | |
| Tabaco em pó | | Pentin gui |
| Instrumento para tomar tabaco | | |
| Deos | Tupen | Aôára |
| Phantasma | | Bairi |
| Alma de um moribundo | Vaicoprin | Anguere |
| Sombra | Tenya | Cuárahan |
| Nome | Gïgi | |
| Imagem | | |
| Voz | Inuin | Avú |
| Palavra | | |
| Somno | Nhôro | Hopéi |
| Visão do somno | Veipetï | Amaema |
| Mamiferos | | |
| Animal de caça | | |
| Quadrupede | Pen vae cangrá | Pó irondï |
| Macaco | Canhere | Cahì |
| Bugio | Gong | Caraja |
| Morcego | Cuk féié | Bopi |
| Onça pintada | Min conguére | Jaguarete pará |
| Onça preta | Min xii | Jaguarete un |
| Puma | Min coxon | Jaguápõentã |
| Cervo | Cambé bang | Guaçú pucú |
| Veado | Cambé | Guaçú |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Lontra | Fók fei | Guairaçá |
| Anta | Oyôro | Boré |
| Capivara | Crendeng | Capivá |
| Paca | Cocame, criran<br>Comer medo, cabeça listada | Jaixá |
| Aguti | Quexáng | Acuti |
| Pecari | Okxá | Taetetú |
| Javali | Creng | Tahiácú |
| Lobo | Hõõbo | Aguará |
| Bradypo | | |
| Cuati | Xê | Cuatï |
| Tamanduá bandeira | Ioti | Caguaré |
| Tamanduá mirim | Cacrekin | Caguaré hi |
| Cavallo | Cavarú | Muimbá |
| Vacca | Boi tante | Guei |
| Porco | Oreng canheró | Taiaçú guai |
| Perro | O'ngóng | Jaguá |
| Gato | Mik xim | Baracajahï |
| Ratinho | Coxin | Angeja |
| Ratão | Pencupe, Cryóng | Angeja guaçú |
| Manati | | |
| Manati (coelho) | | |
| Lebre | Dit xú | Apreá |
| Tatú | Fenein | Tapitï |
| Tatú canastra | | Tatuetê |
| | | Tatupójú |
| ***Passaros*** | | |
| Passaro | | Guirá |
| Ovo | Crê | Guirá rupia |
| Arara | Cáéi | Guaá |
| Periquito | Cricriye | Canharin |
| Papagaio | Canton | Parácáo |
| Mutum | Peimbang | Mütum |
| Jacú | Cohï | Nhacompen |
| Jacutinga | Pein | Jacutin |
| Urubú | Nhantan | Ruvú |
| Urubú-rei | Nhantang bang copri | Ruvú tin |
| Aguia | Cacã | Nhapucanin |
| Pato | Pembéng | Ipéï |
| Pomba | Petcoin | Apicaçú |
| Gallo | | Ruguaçú avá |
| Gallinha | | Urúconhã |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Bolinho (pinto) | | Urúrahi |
| Peixes reptis | | |
| Peixe | Pirã | Pirá |
| Costra de peixe (escama) | Tifuere | Pirá pirè embóï |
| Espinha de peixe | Pirá cucá | Piracangue |
| Raya (especies diversas) | | |
| Pintado | Rembang crintéye | Suruvi pará |
| Piranha | Paihérê | Pirãin |
| Jacaré | Apá | Jacaré |
| Tartaruga (do rio) | Ped nin | Carumbé |
| Tartaruga (de terra) | | Iauti |
| Cobra | Pan | Bohi |
| (Cobras diversas) | | |
| Cobra cascavel | Xaxá | Boi maracá |
| Sucuri | Beiyui | Curijú |
| Ran | Carára | Góa |
| Sapo | Pépô | Cururú |
| Lagarto | Gangré | Têjú |
| Linguana | | |
| Insecto | | |
| Formiga | Erin, roupran | Tahï |
| Termitas | Ring | Kïukïu |
| Mosquito | Cá | Bariguí |
| Mosca | Catei | Bérú |
| Abelha | Mang | Ehi |
| Mel | Mang | Ehi |
| Locusta (gafanhoto) | Opã | Tucúcarú |
| Vespa | Cok fú | Canhi |
| Mariposa (borboleta) | Tótó | Tanambi |
| Piolho | Ingá | Hivï |
| Fulga | Campó | Tunguçu |
| Aranha | Hucrin | Nhandú |
| Caranguejo | Iongué | Uçá |
| Concha | | Intan |
| Caracol | Dunér | Jatetá |
| *Plantas* | | |
| Arvore | Cá | Iuirá |
| Folha | Féye | Iuirá rogué |
| Rama | Capen | Iuirá racangué |
| Cortiça da arvore | Cafuére | Iuirá piré |
| Raiz | Cayáre | Iuira rapo |
| Espinho | Hói | Juú |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
| --- | --- | --- |
| Semente | Fui | Juú ãïn |
| Resina | Cánhemiõ | Ij Aicï—Ijaicï |
| Casca de fructa | Canê fuere | Iuirá ha piré |
| Flor | Cafêie | Iuirá pótï |
| Fructa | Cane | Iuirá ha |
| Arbusto | Conxin | Juirá mirin |
| Herva mate | Congoin | Caá |
| Grama | Re | Capíhi |
| Milho | Nhara | Avatï |
| Planta de maiz | Nhara pen | Avatï ïpuï |
| Grãos | Nhara cane | Avatï hauï |
| Mandioca | Cominare | Mandió |
| Raiz de mandioca | Cominare gré | Mandió rapó |
| Farinha de mandioca | Cominare re met fei | Mandió cuhi |
| Beijú | | Bejú |
| Chicha caxirì | | Cauin |
| Banana | Tembang cane | Pacová |
| Batata | Dun | Geteï |
| Carà | | Cará |
| Pimentão | | Kêein uçú |
| Cautchir | | |
| Cauchero | | |
| Feijão | Arangró | Comandá |
| Mandubi | | Mandobi |
| Cacáo | | |
| Taquara | Uan | Taquápi |
| Canna para frechas | Uacró | Uiva |
| Canna de assucar | Uacri | Tacuareèn |
| Urucú | | Irucú |
| Abobora | Pehu | Andahi |
| Calabaça | Rumia | Iuacuá |
| Timbó | Conjé | Timbó |
| *Numeros* | | |
| Um | Piré | Petein |
| Dois | Rengré | Mocoen |
| Tres | Tacton | Boopohi |
| Quatro | Cangra | Irondî |
| Cinco | Paterá | Petein iruin |
| Seis | Ininyá ut piré | Petein ová |
| Sete | Ininyá ut rengré | Mocoin ová |
| Oito | Ininyá ut tacton | Boapohi ová |
| Nove | Ininyá ut vaecangrá | Irondi ová |

| PORTUGUEZ | KAINGANGUE | GUARANI |
|---|---|---|
| Dez | Ininyá ut paterá | Ten iruin ová |
| Onze | Iningue veicriton cri piré | |
| Doze | Iningue veicriton cri rengré | Mocoin rire suá |
| Treze | Iningue vei critane cri tacton. | |
| Quatorze | » » » » cangra. | |
| Quinze | » » » » patcra. | |
| Dezeseis | » » » ininha ou creva cri pire. | |
| Dezesete | » » » » » » » rengre. | |
| Dezoito | » » » » » » » tacton. | |
| Dezenove | » » » » » » » cangra. | |
| Vinte | Iniugue veicriton rengré | |
| Trinta | Iningue vecriton tacton | |
| Quarenta | Iningue vei critane | Vaecangra |
| Cincoenta | Iningue veicriton paterá | |
| Uma mão | Ningue piré | Pópetira |
| Ambas as mãos | Ningue rengre | Pó mocoen |
| Cousa | Dé hon | |
| Parte | Atan | Embohi |
| Pouco | Pire | Barihi |
| Muito | Ititi | Etá |
| Meio | Cuyu | Eepuãn |
| Cheio | Fóro | Teneen |
| Tudo | Cára | Etá |
| Alguem | On | |
| O primeiro | | |
| Só | On pirê | Petein |
| O segundo | | |
| O terceiro | | |
| *Pronomes* | | |
| Eu | Inhe | Hé |
| Tu | Ha | Dee |
| Elle | Ti | Aé |
| Ella | Fi | Deé, Aré |
| O | | |
| Nos dois (eu e tu) | Inhe ha | Hu deé |
| Nos dois (eu e elle) | Tiembré | Hu aé |
| Eu e vos | | |
| Nos dos (eu e elles) | Ein | Nhande |
| Vos dois | Ayangue rengre | Pee mocoen |
| Vos tres | Ayangue tacton | Pé boapi |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Vos muitos | Ayangue ititi | Pee etá peicó |
| Elles dois | Hague rengre | Mocoen aemá |
| Elles tres | Hague tacton | Boapoı aemá |
| Elles muitos | Hague hiatin | Etá aema |
| Elle este | Taguen | Aen |
| Aquelle | Ene | Emaenterexá |
| Mesmo | Hãn | |
| Outros | Hon | |
| Meu arco | Iuye | He xerapá |
| Teu arco | Auye | Deederapá |
| A) seu arco de varão | | |
| B) seu arco de fuso de mulher | | |
| Nossa casa Duas pessoas | Ein in | Nhande êohi |
| Nossa casa Muitas pessoas | Eé aguen | |
| Vossa casa Duas pessoos | Oyangui in | Pendóhi |
| Vossa casa Muitas pessoas | | |
| Casa d'elles Duas pesssoas | Hagui in | Aé ohi |
| Casa delles Muitas pessoas | | |
| *Adjectivos* | | |
| Grande | Ombang | Tubixá |
| Pequeno | O'txin | Barihi |
| Alto | Teye | Pocú |
| Fundo | Ding | Puè pocuê |
| Longo | Teye eng | Pocuê |
| Largo | Tampere | Ipïca |
| Gordo | Tangue | Kirá |
| Magro | Keyo (keiyó) | Pirú |
| Pesado | Cofú | I Póhïn |
| Ligeiro | Cayui | Dóipoïre |
| Velho | Cofá | Tuja |
| Joven | Keron | Cuca ramô |
| Direito, recto | Curêyê | Ivi poran |
| Redondo | Ron | O jagere poran |
| Frio | Cuxá | Rohi |
| Calido | Aranhenguet | Cuarahi acï |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Secco | Tong | Piru antan |
| Humido | Brere | Inhakï |
| Podrido (podre) | Cumaya | Unhumban |
| Salubre | Cangaton | Eçaenporan |
| Doente | Cangá | Embaeracï |
| Morto | Têre | Omanõ |
| Cego | Kevó | E'ça apú |
| Surdo | Cutú | Japuiça cãáveye |
| Mudo | Vin cuain | Baêriri |
| Coxo | Tin coreig *andar feio* | Icanre |
| Gravida | Cren | Puruâ ramõ |
| Bom | Hê | Poran |
| Prudente | | |
| Tonto (louco ?) | Crin coreig | Iuahiri |
| Máo ! | Nhombetinin | Póxi |
| Valente | Nhontinï, Turumanï | Poxi |
| Cobarde | Mõmemé | Okije |
| *Tintas* | | |
| Branco | Coprï | Morontin |
| Negro, preto | Hai | Hun |
| Obscuro | Cuti | Pintun |
| Sujo | Kavéye | Ikiha |
| Vermelho | Coxon | Poéntan |
| Azul | Teicoreg | O'i |
| Verde | Tei | Ikêrê |
| Amarello | Panteye bue ve *Passaro cacique cauda* como | Ijuma |
| Claro | Copri vê *Branco como* | Anveri |
| *Tempo* | | |
| Hontem | Aranket | Cuééma |
| Ant'hontem | Aranke oht | Cuéirehó |
| Amanhan | Uaêca | Canêro |
| Depois de amanhan | Uaya antka | Canêro jaá |
| Hoje | Carantog | Conhai joá |
| Sempre | Vere | Aniveye |
| Agora | Onri | Cõnáen |
| Logo | Keyene | Racaeron |
| Um dia, no futuro | | |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| *Logar* | | |
| A' direita | Peiniya | Iõnõ poran |
| A' esquerda | Iácain | Nhande ike |
| Cá, aqui | Také | Coapui |
| Cerca, proximo | Cacó | Mombiré |
| Ali | Tankï | Opepí |
| Longe, ao longe | Carangue | Mamõra |
| Para lá | Tancante | Cucote |
| Para cá | Tacante | Cüconte |
| Adiante | Pante | Tenondérupé |
| Para traz | Endote | Tekiquepé |
| Perante a casa | | |
| Detraz | Panin | |
| Arriba | Kigma | |
| Sobre | Crifi | Penin ãvõ ve |
| Sobre, acima | | Moin poran |
| Debaixo | Cren | |
| Abaixo | Cren | Iguipe |
| Fóra | Ton iate | Iguipe |
| Dentro | Cantê | O'cape |
| Sim | Han | O'pïpe |
| Não | Uó | Nein |
| Pode ser | Enerique mon | Aneire |
| Eu vou com meo amigo | Icaicá iambretin<br>*Meu amigo eu junto vou* | Evaá<br>He aátá xeerun rupi ve |
| Eu corto com minha faca | Ikefé tan iarino<br>*Meo faca com eu córto* | He aáta aikintinta xekicepï<br>*eu vou cortar eu faca com* |
| Eu entro por a porta | Inhatcá ará ran | Hé aiketa oï botï pïpï<br>*eu entro casa porta por* |
| Eu pelejo contra os inimigos | E in caicá ton mára cainxóg ti toyon nó<br>*Nossos amigos não são, então, com elles briga* | He xe póxi á joguero ta xe revero pi<br>*Eu meu inimigo brigo contra* |
| Na casa está uma puela (moça) | Tetan inté cani<br>*Moça casa está* | Conha tain oipé incona<br>*Moça casa em está* |
| Eu salto no rio | Goyɔ kin erein mõ<br>*rio eu salto vou* | He ïpi apó guióve<br>*eu na agua salto* |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Eu vou ao redor do fogo | Pin máo vein nhin<br>*fogo ao redor eu ando* | He ajerejere tátáre |
| Eu chego da serra | Crinte in cantin<br>*serra de eu venho* | Hé áju auïtï<br>*eu venho serra* |
| *Verbos.* | | |
| Trabalhar | rãn arãnhia | Nhambáapo |
| Respirar | Yenguere | Petumé |
| Levantar-se | Nhengara | Epôan |
| Dormir com uma mulher | Ontante embre noro<br>*Uma mulher com durmo* | Conha petein oke pé<br>*mulher uma dormir com* |
| Tocar | Kenera | Bópú |
| Atar | Tocfin | Nhapantïn |
| Ficar | Cán | Epïtá |
| Queimar | Páro | E'apï |
| Trazer | Mbara | Erú |
| Pensar | Cré | Acririnró |
| Comer | Cõ | Jaú |
| Cair | Cuten | Áha |
| Voar | Ten | Ovêvê |
| Correr | Uora | Enhânin |
| Alegrar-se | In mahete | Ageroviá |
| Sentir | Yanguete | |
| Temer | Camé | Akejê |
| Bocejar | Anguemõ | Hopeui |
| Dar | | Emohé |
| Parir | Má | Membï |
| Nascer | Jure | O' âmã |
| Andar, ir | Tin | Aguatá |
| Agarrar, tomar | Cagmi | Aipuï |
| Golpear, bater | Tain | Eimumpã |
| Ouvir | Mein | Aendúma |
| Ter fome | Cokire | Nhimbú ahi |
| Tossir | Cofuro | Jiui |
| Cagar | Nhafá | Apoti |
| Mascar | Nhemonhen | Eiçõõ |
| Chegar, vir | Jun | Onoê |
| Provar | Camerà | Taangá |
| Rastear | Ráran | Mbóteranï |
| Rir | Vengï | Ogiroviá |
| Viver | Riavoi | Cóapï |
| Pintar | Konguere | Boparà |
| Moer | Jóiniin | Eipocá |

| Portuguez | Kaingangue | Guarani |
|---|---|---|
| Fazer | Handera | Egeapó |
| Costurar | Curan | Japó |
| Espirrar | Axin | Antin |
| Mijar | Yei | Jacuarú |
| Falar | Uin | Eaevú |
| Cheirar | Cáin | Aentun |
| Remar | Rombara | Eipivú |
| Chamar | Yéké | Tereõ |
| Ver | Vei | Aexá |
| Estar sentado | Inini | E'guapï |
| Dormir | Nõro | Aké |
| Bater | Tãin | Eimumpã |
| Afiar | Yuke | Aimbeé |
| Parar | Nhe | Apuitá |
| Tatuar | Conguêre | Oápará |
| Matar | Tere | Ajucá |
| Estar triste | Idmá cangá | Acriririn |
| Beber | Cron | Tambô apui |
| Volver | Viriti | Jerêgerê |
| Crescer | Bong | Ocacoama |
| Tecer | Fuira | Enhõnon |
| Chorar | Fan | Ojacó |
| Deitar | Nan | Nhaminô |
| Querer | Hei | Aipotâ |
| Contar, numerar | Nicré | |
| Mostrar | Ven | Jaexá |
| Tirar | Ninhama | Emboï |
| Vamos ! | Tona | Jaá vôi |
| Vamos pitar | Uan yueye | Penten amotin bóta |
| Acabou-se ! | | Opama |
| Entende ? | Kevanherá ? | Reicuapa dee ? *Entende tu ?* |
| Está bom ? | Anrahet ? | Necõên poran pá ? |
| Estou bom. | Het. | He xe poran catú |

# APPENDICE

## Etymologia de nomes, alguns rios e logares da comarca de Guarapuava, na lingoa dos Coroados ou Kaingangues.

### XII

### Goioem

*Goioãint, goio*, agoa, *aint*, invadeavel, que não se pode passar a vao. Quando pela primeira vez os Kaingangues quizeram passar o Uruguai, mandaram seos exploradores margeal-o: não encontrando vao, disseram á volta: *Goioaint*, rio ou agoa invadeavel. Dahi lhe ficou o nome que os nossos alteraram em: Goioen e Goioene.

### Xapekó

*Xáembetkó*: *Xá*, salto, caxoeira, *Embetkó*, um modo de caçar ratos á noite com fachos. Pela semelhança que lhes pareceo,(aos Kaingangues) ter as pescarias de *cascudos*, á noite neste rio com a dos ratos, lhe puzeram este nome, que os nossos alteraram ou abreviaram.

### Xopim

*Xupin* : *Xu*, o ruido que produz o fogo ao apagar-se na agoa. *Pin*, fogo—apagou fogo. Contam os Kaingangues que em uma de suas excursões, os que iam na vanguarda vadearam ainda de dia o Xopim e acamparam; os que vinham na retaguarda chegaram á noite, prepararam um facho e principiaram a vadear o rio, cujo vao é ruim, cahindo o que levava o facho, gritou: *Xupim* !!! apagou fogo. Desta circumstancia lhe ficou o nome.

### Xagú

*Xongú*, é o nome, no idioma dos Kaingangues, de um pequeno arbusto espinhoso que dá neste campo, mas os Kaingangues chamam ao campo, mais commummente: *Mincriniarê*. *Mim*. Tigre, *Crin*, cabeça; *Iá*, abreviação de *iaprî*, caminho, *Rê*, campo. Campo da cabeça do tigre no caminho. Contam que, os que iam adiante, na sahida deste campo, mataram um tigre, cortaram-lhe a cabeça, espetaram-n'a em um pao, e o fincaram no caminho, os que vinham atraz viam a cabeça e diziam—*Mincriniá*—Tigre, cabeça, caminho: Dahi proveio ao campo seo nome que foi substituido pelo outro de Xongú que alteraram em Xagú.

### Campo Erê

*Campo-Rè*: *Campó*, Pulga, *Rè*, campo: Campo da pulga.

### Xanxerê

*Xaxarè*: *Xaxá*, cobra cascavel, *Rê*, campo: Campo da cascavel.

### Palmas

Aos campos de Palmas chamam,os Kaingangues *Creie-bang-rê*: *Crèiê* pilão, *Bang*, Grande, *Rê*, campo: Campo do Pilão grande: Dizem que lhe pozeram este nome porque alli tinha um grande pilão, ou talvez monjolo, feito por um indio chamado — *Nharaburo*, Broto de milho.

### Guarapuava

Aos campos de Guarapuava chamam os Kaingangues, *Côranbang-rè*: *Coran*, dia, ou claro, *bang*, grande, *Rè*, campo: Campo do claro grande, ou Clareira grande.

*Aguará*, em Guarani, é o nome do nosso lobo, canisjuratus.

1888. Janeiro.

## CAGUARÉ JAGUARETE

### XIII

Nhandei pui mombeú : Caguaré Jaguarete jaá nhande já poti.
*No principio, contavam : Tamanduá Tigre juntos foram evacuar.*

Kivopá Jaguarete caguaré pê ; baeroó ó hu jé pirai ?
*Perguntou Tigre : Tamanduá para ; carne cóme mais que eu ?*

Aipohéi Caguaré ; boré xe ahi, taiaçú xe aú, taetetú xe aú.,
*Disse Tamanduá : anta eu como, porco do matto eu como, tateto eu como,*

guaçú xe aie avi. Aipó hêi Jaguarete, Caguaré pe : xe aúvê,
*Veado, eu como tudo. Disse Tigre Tamanduá ao ; eu como mais*

dee gui. Caguaré aipóhei, Jaguarete pê : dee reú tahi.
*voce do que. Tamanduá disse Tigre ao ou para : Voce come formiga só.*

Dee apu ! Jaguarete Caguaré pe aipohei. Jaa já poti exá, Caguaré
*Voce mentira ! Tigre Tamanduá para disse. Vamos então evacuar, então ver, Tamanduá.*

aipóhei Jaguarté pê. Jaá já poti aiporon : Juaguarete aipohei.
*disse Tigre, para. Vamos então evacuar para ver : Jaguarete disse*

Jaa nhacãn pêun hÍ, Caguaré aipóhei. Eremae têi ne cremaioro xe posita Jaguarete aipóhei.
*Então olhos fechemos, Tamanduá disse. Então fechemos, se abrir eu fico bravo, disse o Tigre.*

Caguaré omaen, Jaguarete repoti ônhomi
*Tamanduá olho abrio. Tigre escremento delle roubou.*
Nen nhamaen vohi ; Caguaré Jaguarete aipó hei xu pe. Nem já exá vohi.
*Vamos olhos abrir. Tamanduá Jaguarete disse para. Vamos olhar ligeiro*
nhande repoti; xe ae xama xerepoti nein dei já exá Caguaré
*nosso escremento ; eu já vi meo escremento, agora teo vamos olhar. Tamanduá*
aipochi, Jaguarete pê. Ja exama ; Caguaré repoti baé cangue, baéragae,
*disse Tigre para. Vamos olhar; Tamanduá escremento ossos, pellos*
etá ; Jaguarete, repoti, tahiri !... Onhehennhem Jaguarete Caguaré pe: xee
*muito ; Tigre escremento formiga só !... Falou Tigre, Tamanduá para : meo*
xerepoti coopéva ; dee derepoti tahi ; xe xerepoti baeroó, bae râguê, borê
*escremento trocou ; você escremento formiga ; meo escremento carne, pello anta, pellos,*
rague, bae cangue, etá ; Jaguarete, gue potire poxi e á. Okije Caguaré Jaguarete gui
*ossos muito : Tigre, por causa do escremento, bravo está. Medo Tamanduá Tigre d'elle*
ooma Caguaré. Jaguarete Caguaré orinti. Hereça dee crecê, Jaguarete ?
*foi-se Tamanduá. Tigre Tamanduá encontrou. Meos olhos com teos trocar Tigre !*

Caguaré onheenhen. Nein xereçá embohi Caguaré; aipó é hi Jaguarete
*Tamanduá falou. Sim meos olhos trocar, Tamanduá ; disse Tigre.*
Aci nhandureça nhanboiro, Jaguarete; Caguaré aipo e hi. Emboi acivo.
*Dóe nossos olhos no tirar, arrancal-os, Tigre; Tamanduá disse. Arranca ainda que*
gepe ! Jaguarete onheenhem. Hereçá aci ! xereçá aci ! Caguaré ! hai, ahi...
*dôa pode arrancar ! Tigre falou. Meo olho dóe, meo olho dóe ! Tamanduá ai, ai !..*
Jaguarete onheen. Tamoin xereçá dereçá pe ; Caguaré onheen ; Amboima ;
*Tigre falou. Ponho meo olho você olho para Tamanduá falou : Arrancando ;*
é puitá deé o pé rece... Embouvo voi xereçá Caguaré ! Jaguarete aipó e hi.
*fica você aqui mesmo... Restitua-me meos olhos Tamanduá ! Tigre disse*
Aráama dereçá Jaguarete; Caguaré aipó e hi... Ooama Caguaré.
*Eu levo teos olhos Tigre : Tamanduá disse... Foi-se Tamanduá.*
Hetan iri voi aiporom : Jaguarete onheen. O sapucái, Jaguarete,
*Eu sentado assim mesmo. Tigre falou. Gritando Tigre...*
Japetein rohi. Inambú óú. Maeron pã reçapucai, Jaguarete ? Hereçá
*um anno. Nambú já veio. Porque é que você grita, Tigre ? Meos*
Caguaré oemo é, xe açapucai. Rei potápa Hereçá Jaguarete ? Inam-
*olhos Tamanduá levou, eu gritando. Você quer meos olhos Tigre ? Inambú disse.*

bui aipo e i ? Nein catú,Inambú, dereça embou catú, Jaguarete onhe en.
*Quero muito, Nambú, teos olhos, me dê ligeiro ou bem; Tigre falou.*
Tamoin hereça dereça pui-tereõ Caguaré rãki cuére. Heáamã Inambú,
*Ponho meo olho você olho para, va Tamanduá atraz d'elle. Eu vou Nambú*
a xaro ajócata caguaré. Uirá tubixá pui se aké, repuirum tein
*Se eu encontrar, mato Tamanduá—Pao grande junto eu durmo ; não piza*
mé xere é Jaguarete : aipo e i Inambú. A pêrun en hiva, xe aicuama. Jagua
*em mim Tigre : disse Nambú. Não piso em vocês, eu sei Tigre falou*
Hé aama, Inambú ; Caguaré rakicuére. Petein zohi incõne Jaguarete Caguaré
*Eu vou Inambú ; Tamanduá procurar. Um anno foi Tigre Tamanduá.*
rakicuere. Okè Caguaré aguepe o oaema : Oentun Caguaré oke ague ; petein rôhi Caguaré
*procurando. Dormir Tamanduá onde achou ; cheirou Tamanduá dormir onde ; um anno Tamanduá*
oaçama ; voma temondí rùpi petein jaci ; oanjevime oké aguape ; có coain Caguaré
*já passou ; foi adiante uma lua ; chegou dormir onde; agora mesmo Tamanduá*
óorаé : roéxama Caguaré, epuite opépué ; Jaguarete aipu ehi.
*foi : já vio Tamanduá. Voce mato Tamanduá, espera ahi ; Tigre disse.*
Xapuitá, nakijere ; Caguaré aipú e hi. Dee xereçá remoe, Caguaré ; dere ajocaire.
*Estou parado ; não medo : Tamanduá disse. Você meo olho arrancou. Tamanduá ! você mato :*

Jaguarete onheen. He poanpen pocú xêè; dee ne poan pé baizihi, Jaguarete! nhande.
*Tigre falou. Meo unha comprido meo ; teo de você unha pequena, Tigre : nos*
mocoen nhamano, Caguaré aipú e i. Rupinxama Jaguarete ; enduaci ? enduaci ? [illegible]
*dois, nós mesmo, Tamanduá disse. Já peguei você, Tigre ; está conhecendo ? está conhecendo ?*
Jaguarete! aipú é hi Caguaré Jaguarete pe... Omanoma Jaguarete....
*Tigre! disse Tamanduá Tigre pára, pára. Morreo Tigre*

(Fevereiro 12 de 1907.)

## TUMULOS

### XIV

Em nossas explorações pelo Municipio do Tibagi temos encontrado e observado quatro modos differentes de enterramentos indigenas ; dois, os modos actuaes dos Kaingangues e Guaranis, descriptos n'este livrinho. Os outros, nos parecem anteriores á occupação do territorio pelos Kaingangues e Guaranis actuaes,um d'elles,é o que nos parece ser o mais antigo, era feito em vasos de argilla, pintados de branco e vermelho, dentro dos quaes collocavam o morto, bem como outros vasos menores, que deviam conter alimentos, cobrindo-os com outro vaso que lhe servia de tampa ; n'estas *urnas* se encontram ainda : fragmentos de ossos, dentes ainda perfeitos, e pequenas vasilhas de barro.

Destas urnas só as tenho encontrado no Jatahi. Sua extracção é difficil, em vista da fragilidade que apresenta a argila humidecida do contacto com a terra em que está inhumada. Em nossas excursões pelos campos e fachinaes deste Municipio, sempre nos despertava a attenção, certos *monticulos* de forma conica, que encontravamos nos pontos mais elevados das *cochilhas*, principalmente nas das immediações das grandes florestas de pinheiros ; pela forma traziam-nos á memoria os *tumulos* dos Kaingangues. Procedemos á excavação de um destes monticulos ; a um metro e

cincoenta (1, 50) de profundidade do solo, deparamos, com uma lage de quarenta centimetros de comprimento sobre trinta de largura; removendo-a, encontrámos: Carvão e cinsas sobrepostos a uma lage horizontal, e duas em sentido vertical. Depois temos procedido a outras excavações em monticulos semelhantes, e o resultado tem sido identico. D'ahi a convicção de que estes monticulos são tumulos ou sepulturas, de uma nação ou tribu que uzava a cremação de seos mortos. —Qual seria esta nação? Os Kaingangues e Guaranis actuaes, não usam a cremação. Ao tempo da descoberta e conquista desta parte do Brazil, os selvagens que a habitavam, segundo se pode deprehender dos vestigios linguisticos que deixaram, nos nomes de rios e logares, eram Guaranis com a denominação de Guaianases nos campos, e Carijós no littoral. No pouco que temos lido a respeito destes selvagens, não encontrámos referencia ao costume da cremação dos cadaveres. Os Carijós sepultavam em seos tumulos, formados de ditritos de moluscos; os Guaranis naturalmente seguiam o costume que legaram a seos descendentes, os Caîguás e Guaranis actuaes.

Quaes seriam, pois, os que cremavam e os que sepultavam em urnas? (1) Ahi fica esta interrogação aos competentes estudiosos. Que esta zona do Paraná foi habitada por tribus e nações differentes, prova-m'o não só os modos diversos de enterrar os mortos, como as varias formas e modos de fabricação de suas vasilhas de argila; os objectos de pedra lascada, os de pedra polida, entre os quaes se notam differenças sensiveis, tanto na materia de que são feitas, como nas formas geraes. (Para facilitar estudos comparativos vejam-se as estampas.)

---

(1) A cremação era de uso nas tribus *Aruaquis* e *Pariquis*. Teriam essas tribus habitado o valle do Tibagi?

Parece-nos que os indigenas que, ao tempo da descoberta, habitavam os campos deste Estado, se é exacta a descripção de Gabriel Soares de Souza, em seo *Roteiro do Brazil*, deviam ser os Guaianás. Partindo deste principio,devemos attribuir a elles os restos archeologicos que são encontrados dispersos, e, mais frequentemente nos logares que lhes serviam de paradeiro ou habitação. Mas como explicar as differenças de formas destes restos ? Pela evolução e aperfeiçoamento natural, ou a outros agentes que o precederam ou succederam. Diz Gabriel Soares que —*Guaianãs vivem em cóvas pelo campo, onde tem fogo dia e noite.*

Ora, justamente pelas cochilhas de nossos campos, nas proximidades das mattas e capões, existem vestigios claros e patentes de taes *cóvas*; dentro d'ellas se encontram arvores e pinheiros seculares ; estas cóvas são denominadas pelo vulgo, com o typico nome *buracos de bugres*. Os coroados ou kaingangues, que desde o seculo 18º até meado do 19.º, dominavam na parte Oeste e Noroeste deste Estado, nunca tiveram o costume de habitar em covas ; não uzavam furar o labio, para explicar o uso de *tembetás* de quartzo, que se encontra nos extinctos paradeiros ; suas vasilhas de barro são completamente differentes das que se encontram nos diversos logares do Estado ; são de forma conica com o vertice para baixo e assento ; são feitas de argila negra, de côr preta luzidia, de paredes delgadas e bem acabadas ; o idioma d'elles é diverso do das tribus Guaranis ; não sabiam construir canôas, nem navegar nos rios ; pouco nadadores ; os rios invadiaveis impediam-lhes a passagem, que só conseguiam realisar nas oocasiões de grandes seccas ; apanhavam os peixes nos *paris*; não tinham e não sabiam servir-se de anzoes, covos e redes de pescar ; segundo a lenda que vae publicada : — *vieram do lado do*

*poente de Guarapuava, da serra Crinjinjimbé.* Onde seria essas serra? Nos Andes? E o Paraná e Paraguai a atravessam? O que é real, é que os coroados ou Kaingangues, do Paraná, Rio Grande do Sul, e S. Paulo, não eram conhecidos, ao tempo da descoberta dos exploradores da costa nem dos do interior. Se no Paraná existem restos da tribu ou nação Guaianá, devem ser estes os—Arés—do baixo Ivahi e Pequiri, os unicos que por seo idioma, e caracteristicos brandos e pacificos se assemelham á descripção que delles faz Gabriel Soares de Souza. No logar denominado—Boqueirão—á margem da estrada da Graciosa, entre os ribeiros Cangoerí, (deve ser—*Acan-gue-ri*, —cabeça, osso agoa)—e Timbú, existiam em nosso tempo de menino, duas destas covas; diziam os velhos d'aquelle tempo, que taes covas tinham servido para moradas de bugres ou para depositos de guardar pinhões. Ha pouco tempo, percorrendo uma cochilha de campo, entre os rios Imbaú e Imbauzinho, no municipio do Tibagi, encontrámos em diversos pontos, oito das taes covas, que neste municipio são muito frequentes. Seria interessante proceder-se nellas a uma minuciosa excavação e busca.

## KAINGANGUES E GUAIANA'S

XV

Ao encetarmos este pequeno trabalho, nos parece necessaria uma breve explicação : o que sabemos sobre os guaianás tem sido aprendido lendo citações da obra de Gabriel Soares e observando nos vestigios por elles deixados nos logares de suas antigas habitações nos campos deste Estado.

Em referencia aos Kaingangues, e devido ao trato e convivencia com elles, em seo estado selvagem pelo espaço de mais de vinte annos, observando seos costumes, lingoagem, lendas e narrativas.

Pensamos que esta preliminar nos autorisará a merecer credito dos que se derem ao trabalho de ler o que segue :

Tendo lido na Revista do Museo Paulista, vol.4º —1895, p. 35 a 139, um estudo do Sr. Dr. H. von Ihering, sobre os *Coroados*, achando verdadeiras as observações feitas pelo mesmo Sr., contra a opinião do Dr. Capistrano de Abreo, escrevemos, mui ligeiramente, sem a pretenção de que fosse impressa a carta que está impressa no vol. 6.º, p. 53 a 62 da referida revista, na qual se acha tambem de 23 a 44, um outro estudo do mesmo Sr. von Ihering, com o titulo—Guaianás e Kaingangues de S. Paulo — no qual conclue aquelle Sr. que : os guaianás descriptos por Gabriel Soares, são os actuaes kaingangues.

E, porque não estejamos de accordo com a opinião do illnstre professor, vamos tratar de justificar a divergencia do nosso modo de pensar.

N'a carta referida fizemos ver que :—Se os guaianás que habitavam os Campos Geraes fossem os ascendentes dos kaingangues, as denominações dos rios e localidades seriam conservadas no idioma delles e não no guarani, como são.

Não é provavel que sendo os povoadores da região portuguezes, fossem denominados os rios, arroios e logares na lingoa guarani, mas sim na propria.

«Os guaianás, diz Gabriel Soares, entendiam-se com os carijós, com quem tinham guerra». Os kaingangues, não entendem o idioma das tribus guaranís e guerream a todas.

...«Não eram maliciosos e refalsados,antes simples e bem acondecionados ; não matavam os que captivavam» ;—Os kaingangues são de caracter altivo, independente, refalsados e trahidores ; trucidam todos os prisioneiros adultos, homens e mulheres, conservando como escravos os menores.

...«Se encontram com gente branca, não fazem nenhum damno, antes boa companhia».

Os kaingangues, mostraram-se sempre inimigos dos brancos,assaltando-os traiçoeiramente e trucidando-os em suas vivendas, roças e pelas estradas.

«Não costuma este gentio, o guaianá, fazer guerra aos seos contrarios fora de seos limites, nem os vão buscar ás suas vivendas, porque não sabem pelejar entre o matto, se não no campo onde vivem e se defendem com seos arco e flechas».

No campo, onde vivem :

Os kaingangues vivem no matto ; vão procurar os inimigos em suas vivendas, indistinctamente no campo ou no matto ; combatem ás flechadas, e principalmente matam a garrote, para cujo fim teem *porretes* especiaes.

«Não vive, este gentio, em aldeias com casas arrumadas, como os Tamoios, seos visinhos ; mas em

covas pelo campo debaixo do chão, onde têm fogo de noite e de dia, e fazem suas camas de rama e pelles de alimarias que matam».

Os kaingangues, vivem em toldos ou aldeias formadas de casas cobertas com folhas ou ramos de palmeiras; no centro destas, conservam uma linha de fogo; dormem sobre cascas de arvores, deitadas no solo, com os pés para o lado do fogo.

Neste Estado, principalmente nos municipios de Piraquara, S. José dos Pinhaes, Campina Grande, Arraial Queimado, Coritiba, Campo Largo, Palmeira, Castro e Tibagi, existem em abundancia *as covas* de que fala Gabriel Soares; nellas e em suas proximidades encontram-se: panellas de argila e pedaços destas; machados de pedra polida; pontas de flechas de quartzo lascado; um ou outro tembetá de cristal de rocha rarissimo; mós, de pedra polida para pilão ou almofariz.

Os vasos de argila, são de formas e fabricação differentes dos feitos pelos kaingangues, assim como os machados e pontas de flechas.

O tembetá, é hoje de resina, osso ou madeira que o fazem, e neste Estado é usado exclusivamente pelos indios de raça guarani.

Os kaingangues nunca o usaram, e até teem uma expressão de pouco caso para os que o usam.

*Okrá uracafan doro*, significando: Toca, ou buraco de tateto.

«São na cor e proporção do corpo, eguaes aos Tamoios.» Ora, se eram na cor e proporção do corpo, eguaes aos Tamoios que eram Guaranis ou Tupis: não podem ser os Kaingangues os descendentes, ou resto delles; porque são tanto em cor como no mais, differentes dos Guaranis subsistentes.

Veja-se a descripção que dos Kaingangues fize-

mos, publicada na Rev. da Secção da S. de Geog. de Lisboa no Brazil, tomo II, 1883 p. 30—36.

«Desde o Rio de Janeiro até S. Catharina, porem, escreve o Sr. von Ihering, viviam Guaianás em amizade boa e boa camaradagem com os indigenas relacionados, tendo sido os que com mais facilidade se submetteram ao dominio dos portuguezes».

Os Kaingangues, a não serem dois pequenos grupos, um em Guarapuava e outro em Palmas, chefiados, este por Virí e aquelle por Condá, nunca tiveram boa camaradagem, e menos ainda amizade com os brancos; e, mesmo essa união, foi devida á guerra que os outros Kaingangues faziam áquelles dois chefes, por motivo de rixas particulares.

As relações entre brancos e Kaingangues, foram encetadas, parece-nos, antes do meiado do seculo passado; mas, tanto indios alliados como brancos e selvagens, continuaram a hostilisar-se até 1863, epocha do ultimo assalto por elles, selvagens, praticado nos campos da Larangeira, Guarapuava.

O autor destas linhas ouvio do cacique Deggaembang, a narração do exterminio por elle praticado na familia Machado, a quem deveria gratidão, se a conhecesse, pela bondade com que o trataram; mas, necessitava de ferramentas e roupas que Machado possuia...

Temendo a vingança dos brancos e dos indios aliados, vieram apresentar-se no Jatahi, onde aldeiaram-se.

Quem os encontrou á chegada, foi o autor destas linhas, observando-lhes, nesse tempo, os usos e costumes primitivos, hoje quasi por completo transformados.

*Se os Guaianás entendiam-se com facilidade com os Carijós*, é natural que falassem o mesmo idioma ou dialecto; pois, não existindo escripta entre os selvagens e sendo os indios de idioma differente inimigos,

não se comprehende a facilidade de aprender e falar o idioma do contrario, com quem não podiam conviver.

«...No Rio Grande do Sul os Coroados com regular successo, prestaram-se para o aldeamento.»

Não foi tanto como suppõe o illustre professor; os Coroados do Rio Grande, eram o terror dos viandantes e tropeiros, principalmente na travessia dos celebres mattos Castelhano e Portuguez; onde exterminavam as caravanas que por ali passavam desprevinidas.

Existem ainda, neste Estado, tropeiros que narram os assaltos que soffriam.

Parece-nos que pelo anno de 1840, mais ou menos, foi que se fundou naquelle Estado, em Nonohai, o primeiro aldeiamento de Coroados, dirigido pelo major Francisco Antonio de Oliveira; mas, mesmo depois de aldeiados, a pretexto de caçadas, nas quaes demoravam dois e trez mezes, assaltavam clandestinamente os tropeiros e estancieiros, trucidando os que lhes cahiam ás mãos; o ultimo assalto que praticaram, no mesmo Estado, foi na estancia denominada «Trez Irmãos», onde exterminaram todos os habitantes, inclusive o proprietario Clementino dos Santos Pacheco.

«... Continuaram outros grupos de Guaianás ou Kaingangues no seo primitivo estado selvagem.

Assim é que o coronel Machado de Oliveira, transcreve um officio do Barão de Antonina, de 1843, queixando-se dos Guaianás do municipio de Itapeva, que, por sua ferocidade e continuos actos de barbaridade que praticavam não só com os moradores, como com os que transitavam por esta estrada, tornaram-se formidaveis e temidos.»

Não podemos comprehender, como, *sendo os Guaianás mansos e amigos dos brancos*, e os que mais fa-

cilmente se submetteram aos Portuguezes, no principio do povoamento na zona por elles habitada, se queira, depois de passados mais de duzentos annos, attribuir a elles, Guaianás, todas as barbaridades commettidas por hordas bravias como eram as dos Kaingangues !

A explicação que podemos dar, e que nos parece verdadeira, é que: « *a denominação Guaianás era dada indistinctamente a todo selvagem cuja verdadeira ignoravam* » e, como os Kaingangues por seo paradeiro longinquo, eram desconhecidos aos habitantes de Itapeva, hoje Faxina, tendo por tradição conservado na memoria o nome dos primitivos habitadores da terra, davam, erradamente, a denominação de Guaianás aos Kaingangues.

Pela immigração de Faxineiros, este costume foi se introduzindo aqui no Paraná, zona Norte ; já nossos caipiras denominam Guaianás a selvagens que imaginam existir, mas que não são vistos ; e o que mais interessante se torna, é, que : os proprios Kaingangues usam tambem, aprendida dos caipiras, a mesma denominação para suppostos selvagens.

Quando se lhes pergunta quem são os Guaianás respondem que os não conhecem nem lhes sabem o idioma.

A denominação de Guaianá dada ao indio de Itapeva, (um verdadeiro Kaingangue), como se denunciava pela lingoagem, observado por Saint Hilaire, diria ter-lhe sido fornecida por um branco ; era com certeza um prisioneiro escravisado.

O escravisamento do indio aprisionado, era facto vulgar neste Estado no principio do seculo passado ; o que escreve estas linhas, em sua infancia, conheceo em Coritiba, donde é oriundo, alguns indios Kaingangues e Botocudos escravisados ; depois, em 1863, conheceo na fazenda da Fortaleza, neste municipio, uma

india Kaingangue casada com um escravo da fazenda e por este motivo considerada e tratada, como escrava tambem.

A terminação *em* do nome que escrevem *Goioem*, não é um augmentativo, como pensa o professor von Ihering; é sim corrupção do nome do rio *Goioint*, que é o verdadeiro nome, no idioma dos Kaingangues, do rio Uruguai; *Goioint* não significa *rio grande*, mas sim *rio ou agoa invadiavel*.

A proposito da etymologia desta palavra, contou-nos o cacique Arakxó, que quando pela primeira vez chegaram os ascendentes delle ao Goioem, mandaram explorar, abaivo e acima, algum logar vadiavel; depois de dois dias voltaram os exploradores, dizendo: *Goioint*; rio invadiavel, que não dá passagem a pé.

Dessa circumstancia lhe ficou o nome, que foi alterado na pronuncia por nossa gente.

*Bang* é que significa grande; assim rio grande, é «Goioem Bang».

Os Hocrens a que nos referimos na carta que está publicada no 6.º vol. da Rev., são Kaingangues puros, habitam o vale do Piquiri e hoje vivem em paz.

Quanto aos Soklengs, não os conhecemos, nem delles temos noticia; sabemos, entretanto, que os selvagens bravios de Santa Catharina, são conhecidos pela denominação de *Botocudos*; desconfiamos que falem algum dialecto Guarani; Kaingangues é que elles não são; pois, estes, temem-nos por sua valentia e braveza, e delles são inimigos.

Na mesma Revista vol. 6.º, de p. 45—52, vem um artigo do Sr. Benigno F. Martinez no qual citando Azara na discripção que faz de selvagens que viviam entre os rios Uruguai e Paraná, denominando-os-Guaianás; diz: «differentes de todos os outros povos indigenas no idioma; no falar alto e desentoado; *na*

*sua cor muito notavelmente mais clara...... ; na cir cumstancia de alguns terem olhos azues.*

*Não tem barba e conservam as sobrancelhas e pestanas.*

(O grypho é nosso.)

São pacificos e um tanto carinhosos com os estrangeiros.

...... no mais andam totalmente nús e as mulheres cobrem a cintura com um tecido do mesmo caraguará.

...... se assemelham com os Tupis nas armas, nas habitações, na agricultura e em possuir animaes domesticos.

Pelas citações acima vê-se que os selvagens descriptos por D. Felix Azara, não eram Kaingangues; porque : Se estes são differentes, no idioma, de todos os povos indigenas; não tem o falar alto e desentoado, a cor dos Kaingangues é egual á da generalidade dos indiginas brazileiros, um pouco mais baça que a dos Guaianás; nunca encontrámos entre elles individuos de cabellos louros e nem de olhos azues; e note-se que temos visto mais de uma geração destes selvagens.

Os Kaingangues, tem, e sempre tiveram, pouca barba, e isto só depois que abandonaram o costume de arrancar os pellos das sobrancelhas e pestanas, assim como o de cortar os cabellos curtos ; e a larga coroa no alto da cabeça, nos parece que lhes servia de distinctivo.

Se os selvagens observados por Azara fossem os Kaingangues, que sempre tiveram o costume de arrancar as sobrancelhas e pestanas e fazer a coroa, do que lhes veio a denominação de Coroados, não lhe escaparia essa circumstancia typica, e a teria mencionado.

Os Guaianás de Azara teciam a fibra do caraguatá ; os Kaingangues só usam como materia textil as

fibras da ortiga grande; os homens andam nús; mas, teem quasi todos uns grandes mantos que lhes servem de coberta e com os quaes se enfeitam nas festas.

As mulheres cobrem-se, da cintura aos joelhos, com uma tanga; tanto esta como o manto, ao qual chamam *curú—cucha*, panno frio, são feitos das fibras da ortiga grande: não são tecidos em tear, objecto a elles desconhecido, mas tramados a mão, de fio a fio.

As armas, habitações e agricultura dos Kaingangues são differentes das dos outros selvagens; não domesticam nem possuem animaes domesticos.

Note-se que na descripção que fazemos, nos referimos aos Kaingangues no seo primitivo estado selvagem; hoje, estão quasi por completo transformados em caipiras, tendo adoptado grande parte do nosso modo de viver.

Residimos pelo espaço de quasi dois annos, 1894 e 1895, no territorio de Missões na Republica Argentina; conhecemos pessoalmente o cacique Kaingangue Nadana e seos companheiros; vimos tambem alguns Caigrús do alto Paraná; mas, de Ingains, nunca tivemos noticia.

O Ingain observado por meo distincto amigo, o Archeologo Argemino J. B. Ambrosetti, parece-nos que seria um selvagem de outra nação escravisado pelos Kaingangues, e dahi o vicio de *misturar* palavras do proprio idioma com as do Kaingangue.

Ao vocabulario Guaianá de D. Domingos Patinõ, addiccionamos as correspondentes palavras em Kaingangue, para que se veja a radical differença que existe entre um e outro idioma.

Resumindo pelo que fica escripto, parece-nos demonstrado que os Kaingangues são completamente differentes dos Guaianás de Gabriel Soares; e, por conseguinte, não são os descendentes delles.

Que os Guaianás de Azara e isto pela differença radical que se nota nos respectivos vocabularios, tambem nos usos e costumes, não são Kaingangues.

E por ultimo que o Ingain de Ambrossetti deveria ser um selvagem de outra tribu, escravisado pelos Kaingangues de Maidana.

Se ainda existirem descendentes dos Guaianás nas proximidades de Santos, facil será conseguir-se delles um vocabulario,para comparal-o ao dos Kaingangues.

Isto seria decisivo.

Concluindo : o motivo que nos levou a escrever este artigo, foi unicamente o de, embora mal, contribuir para o esclarecimento de um ponto ethnographico sobre os selvagens habitantes deste Estado.

Não nutrimos a pretenção de querer impor nossa humilde opinião ; os competentes que a julguem e deem-lhe o valor que merecer.

12—Agosto—1905.

# VOCABULARIO
## dos idiomas Guaianá e Kaingangue

## XVI

| Portuguez | Guaianá | Kaingangue |
|---|---|---|
| Agoa | Cran | Goyo |
| Arroio | Ramuel | Goyo-xin |
| Anzol | Aminyá | Ekfi |
| Bocca | Amieneá | Iantqué |
| Braço | Aguá | Ipê |
| Cabeça | Aparé | Crin |
| Cabellos | Namingal | Nhãin |
| Collar, de contas | Amintao | Nhatecá |
| Canoa | Naã | Cankei |
| Camisa | Upumá | Cráninin |
| Faca | Chambrá | Kefé |
| Sobrancelhas | Apingrá | Kaxaqué |
| Dente | Aso *ou ará* | Nhá |
| Estrella | Prá | Crin |
| Fogo | Upai | Pin |
| Homem | Cuerá | Ongre |
| Machado | Neran | Béng |
| Filho | Antrá | Cóxin |
| Filha | Ambré | Coxit-fi |
| Leão | Puma chichar | Min-coxon |
| Lenha | Anúrybiyá | Pin |
| Lua | Pirihi | Quexá |
| Mão | Amincanúnuita | Ninguê |
| Macaco | Quinhere | Cayere |
| Matto | Cuche | Uain |
| Milho | Dan ou guengtá | Nhára |
| Mao | Nha | Nan |
| Mel | Má | Mang |

| PORTUGUEZ | GUAIANÁ | KAINGANGUE |
|---|---|---|
| Nariz | Amınhã | Ninhè |
| Orelha | Aminerá | Nigrein |
| Olho | Apintá | Canê |
| Panella | Curuguá | Cocron |
| Pescoço | Ambruy | Induï |
| Peixe | Ndayá | Pirá |
| Purungo | Lá | Rumiá |
| Pestana | Apitamingahy | Caneyoki |
| Pedra | Querê ou quenê | Pó |
| Porco do matto | Neré | Creng |
| Sol | Ronhá | Aran |
| Tigre | Chnchi | Min |
| Ventre | Ndao | Dung |
| Veado | Inbechá | Cambé |
| Cobra | Cundú | Pan |
| Zopalho ? moranga | Pobó | Pehú |
| Cinza | Nemára | Mrêinhe |
| Ceo | Asó ou ará | Cahican |
| Diabo | Amiyniag | Dé coréi |
| Frente | Acuca ou apucá | Prúru |
| Indio | Quindá | Veauinhe |
| Lombo | Acré | Tininimbang |
| Peito | Amintá ou amlé | Pé paró |
| Remo | Jutá ou itá | Cankei-rumiá |
| Ran | Ndaú | Cóiniam |
| Sapo | Npáo | Papú |

## DO JATAHÍ AO SALTO DO GUAÍRA (*)

### XVII

Na manhan do dia 1.º de Janeiro de 1876, o porto da colonia militar do Jatahi, estava tão animado que, quem a elle se dirigisse, ficaria sem duvida admirado de a taes horas encontrar ali já tanta gente reunida e tanto movimento. Ali se achava grande parte dos habitantes da colonia, homens de caracteres tristonhos e taciturnos; indios coroados, do visinho aldeamento, envoltos em seos grandes curús, indagando curiosos; oito indios Caiguás, cobertos com seos vistosos chiripás, cada um com um remo de voga em a mão. Duas canoas ali estavam aparelhadas para viajar; uma, feita de um grande tronco de peroba, media 16 metros de comprimento e um de largura; estava carregada com saccos de farinha, feijão, toucinho, etc.; perto da popa havia um toldo de 2 metros de extensão, feito com folhas de palmeira; no banco da popa, já estava de pé, encostado a um longo remo de *pilotear*, um indio Caiguá, moço, de cor acobreada, feições alegres e olhares intelligentes: era o *Bruno*, o melhor dos pilotos dos rios Tibagi e Paranapanema. A outra canoa era menor, feita de cedro, tinha 10 metros de comprimento e 70 cent. de largura; nella viam-se apenas 4 cães atrelados, um arpão, linhas, anzoes, um pequeno bahú contendo cartuchos, polvora, chumbo, espoletas,

(*) Esta primeira parte da descripção que segue foi escripta, e publicada no *Echo dos Campos*, de Castro, em 1882.

algumas pequenas facas, proprias para extracção de pelle de caça e 4 espingardas.

Bruno deo ainda uma *volta de olhos* sobre a arrumação das cargas na canoa e, pegando na sua busina de chifre de boi, deo signal de embarcar; dahi a pouco appareciam no barranco do rio, mais 5 pessoas; dois indios coroados, o cacique Bandeira e um seo *caporon*; um velho mulato, o Bento, ainda robusto, apezar dos seos 60 janeiros, com sua espingarda e seo grande facão á cinta; os outros dous eram os irmãos Telemaco e Nestor Borba.

Nestor calçava botas altas, espingarda a tiracolo, faca á cinta e na mão uma vara ingleza de pescar. Telemaco trazia á cinta uma pistola de dois canos e um facão e na mão esquerda uma busina. Embarcaram, as canoas volveram, os dois irmãos em pé na canoa grande, tiraram o chapeo e saudaram os que ficavam; um *urrah* levantou-se na margem e foi respondido por toques de busina e salvas das canoas, que, impulsionadas pelas vogas, principiaram a descer o Tibagi. Para onde se dirigiam estes exploradores, que tanto interesse causavam aos aliás tão fleugmaticos habitantes do Jatahi? Iam ao salto do Guaira no Paraná que, ha perto de cem annos não era visto por gente civilisada, e que por esse motivo tinha se tornado quasi um mytho. Dizia-se que era impossivel chegar até elle em canoas, pois, á distancia consideravel, as agoas arrebatavam estas por um estreito e rapido canal, sem ter nem um ponto onde podesse abicar, e as precipitavam de um salto de altura descommedida sobre enormes rochedos, sem que alguem se podesse salvar; dizia-se que, se alguem se largasse das canoas e conseguisse encostar ás pedras das margens, ahi mesmo era acommettido pelos tigres d'agoa, e por elles devorados; que por terra lá tambem não se podia impunemente chegar, pois o nevoeiro do salto produzia

uma molestia que matava em poucos dias. Todos estes contos, a grande distancia, a noticia de indios bravios e o deserto, afugentavam os poucos que tinham noticia da maravilhosa catadupa. Quem eram estes dous aventureiros que se atiravam á descoberta do Guaira? Eram dois humildes filhos de Coritiba.

Nestor, tinha sido um dos bravos da guerra do Paraguai. Era capitão do 4.º de voluntarios da patria e fôra deixado por morto na batalha de 24 de Maio; encontrado, ao outro dia, ainda respirando, fôra levado ao hospital onde se restabeleceo, mas ficou inutilizado para o serviço da guerra.

Telemaco... esse era nada, apenas um rude sertanejo, amigo dos indios e de explorar o vasto sertão do Paraná. A's nove horas da manhan entravam as canoas nos primeiros canaes da corredeira do *Tira Jubá*, que mede 3 kilometros de extensão, e de 500 a 600 metros de largura. As margens do Tibagi, em distancia de 20 kilom. abaixo da colonia, são aqui e ali habitadas por colonos brazileiros e indios Caiguás, possuindo aquelles suas pequenas engenhocas e plantações de canna, milho, mandioca, etc.. Logo que passaram a corredeira, encontraram os exproradores um pequeno grupo de Caiguás que andavam pescando *pacús*, peixes de forma arredondada, muito saborosos e que pezam 10 e mais kilogrammas; a isca de que geralmente se servem para pescar este peixe, é a laranja silvestre, que abunda extraordinariamente nas margens do Tibagi. A' tarde entraram os exploradores nas regiões deshabitadas; principiaram a avistar alguns passaros das familias dos papagaios, como sejam: araras, maitacas, maracanans, jandaias, etc.; pombos pardos e mesmo uma ou outra jacutinga, porem todos ainda muito ariscos. Pelas 5 horas da tarde fizeram pouso em uma ilha, chamada dos *Kagados*, pela muito abundancia desta especie de tartaruga que

por ali vive. Nessa tarde empregaram-se em procurar ovos de *kagados*, que são bons para alimentação e muito uteis nestas viagens.

Costumam os kagados depositar os ovos em covas feitas na arêa, e as deixam bem cobertas; para encontrar estes ovos, vae-se sondando a arêa com uma faca ou uma pequena vara de madeira forte até bater com ella nelles; então, com a mão, abre-se a cova e extrahe-se a *ninhada*, que é geralmente composta de 16, 20 e mais ovos. Para pousar escolhe-se local onde o barranco do rio seja de facil acesso para desembarque; roça-se o matto miudo; se o tempo promette chuva, armam-se as barracas; os indios constroem ranchos cobertos com folhas de palmeira; reune-se grande quantidade de lenha; se ha muito mosquitos, armam-se as redes com os mosquiteiros; os camaradas formam um circulo de fogo, deitam-se sobre folhas e assim passam a noite, ora dormindo, ora velando o fogo e os tigres. Emquanto se navega o Tibagi, os mosquitos e os tigres não incommodam muito; mas, no Paranapanema e no Paraná sem fogo e sem mosquiteiro não se pode dormir. Ao anoitecer, Nestor, foi pescar e muito admirado ficou de, em poucos minutos, os peixes levarem-lhe cinco anzoes, de sua vara ingleza, sem poder pescar um siquer. Telemaco mandou um camarada lançar sua linha ao rio, e dahi a pouco era pescado um dourado de um metro de comprimento; dentro da bocca do qual foram encontrados 4 dos 5 anzoes de Nestor. A's nove horas, depois de muita conversa, a respeito de indios bravios, tigres, sucuris e peixes, á qual todos concorriam com seo pouco, acommodaram-se todos, uns em suas redes outros pelo chão, e dormiram somno descançado. No dia 2 passaram a corredeira do Cerne, Congonhas e Sete Ilhas; esta, celebre por seo bravio canal, no qual, em 1856, naufragou uma canoa carregada de trem bellico, morren-

do nessa occasião seis soldados e um cabo do 2.º batalhão de artilharia, que viajava para Matto Grosso; é a peior das corredeiras do baixo Tibagi, o pesadello de todos os pilotos, e apezar de tudo isto é um dos logares mais pittorescos deste rio. Das Sete Ilhas para baixo o rio é composto de corredeiras, rapidos e cachoeiras numa extensão de 18 kilometros, até sahir ao manso das Araras; desse ponto em diante, até sua foz no Paranapanema, o *manso* é interrompido apenas pelo rapido de S. Xavier e baixio do Jacú; sendo tudo o mais calmo e fundo. A's 5 horas da tarde acamparam na foz do ribeiro do Jacú, onde fizeram grandes caçadas destes gallinaceos que é excellente manjar. A's 8 horas da manhan, do dia 3, entraram no Paranapanema. Aqui tudo é differente, o rio muito largo, 500 a 600 metros; agoas muito serenas, margens baixas; o terreno é como dizem os sertanistas, um *sertão azul a confundir-se no horizonte.* O rio corre a rumo do E. a O., e por entre duas filas de figueiras gigantescas que debruçam seos longos ramos sobre o rio; formando, em ambas as margens, immensos caramanchões, por baixo dos quaes se navega á sombra e placidamente. A caça é abundante e mais bisonha; já se avistam nos *barreiros* alguns veados, antas e jacutingas.

Da foz do Tibagi para baixo, o Paranapanema é um rio quasi *manso*; em todo o seo percurso, a placidez de sua marcha é apenas interrompida pelas corredeiras das Capivaras, Larangeiras, Santo Ignacio, e do Diabo; é muito abundante em caça, peixe, mel e fructas silvestres. As terras de seo valle são fertilissimas, e proprias para as plantas dos climas tropicaes; já se avistam com frequencia, enroscados pelas arvores, os cipós da baunilha aromatica; assim como limoeiros, larangeiras amargas, algumas ainda doces, cidreiras, goiabeiras e taquaras do reino; indicios certos de que

esta região já foi em outros tempos povoada por gente civilizada. No dia 5, depois de 5 dias de navegação, sempre com tempo bom e sem novidade, chegaram ao aldeamento do Paranapanema, que estava fundado sobre as ruinas da reducção jesuitica de Santo Ignacio, destruida pelos paulistas em 1631, e hoje outra vez abandonada por ordem de nosso governo, de economia nas pequenas despezas. Era o aldeamento, em 1876, povoado por perto de 300 habitantes, compostos pela maior parte de indigenas Caiguás, pacificos e industriosos, que ali viviam, sob a direcção do patriotico cidadão José Antonio Vieira de Araujo, hoje fallecido, empregados no plantio da canna, café, arroz, milho, feijão e outros generos de primeira necessidade, cujas sobras vendiam no Jatahi; e hoje é um montão de destroços accumulados sobre as anteriores ruinas!!

Ali falharam um dia como para se despedirem de gentes civilisadas; o aldeamento do Paranapanema era o ultimo ponto do sertão por nós occupado. No dia 7 ao amanhecer, continuaram a exploração e, ás nove horas, aportaram ás ruinas da antiga reducção jesuitica de Loreto, na foz do Pirapó, dezoito kilometros distante de Santa Ignacio. No dia 8 passaram a corredeira do Diabo, abaixo da qual existia um toldo de indios Caiguás, que lhes offereceram bananas, batatas, mandioca e amendoins, a troco de anzoes que lhes deram; a 9 pousaram abaixo da Ilha do Tigre, já perto do Paraná, onde viram as primeiras palmeiras —Guacuri—, de troncos baixos e grossos com folhas de 5 e 6 metros de comprimento. No dia 10, ao amanhecer, já navegando, foram Telemaco e Nestor, dispertados pela voz do Bruno que dizia: — Bom dia, Paraná!

Ao mesmo tempo toda a tripulação das canôas repetia o *cumprimento*, como se se dirigissem a um ente respeitavel e que os comprehendesse.....

Estavam no Paraná. Em frente tinham uma ilha, circumdada por uma linda praia de arêa, onde existiam grandes pilhas de madeiras seccas, conduzidas pelas enchentes e, entre ellas, muitas trabalhadas pelas mãos dos homens; resolveram os exploradores, festejar a sahida ao Paraná, preparando café com a lenha que tão de proposito ali estava depositada; d'ahi ha pouco, um phosphoro chegado a uma das pilhas de madeira, produzia uma fogueira gigantesca, na qual se aquecia a agoa para o café, com grande sorpreza dos rebanhos de capivaras, guaribas e bandos de patos que fugiam espavoridos do calor das chammas. Depois de tomar o café, fizeram provisão de limão azedo que abunda n'essa ilha e principiaram a descer o Paraná.

Bem quizeramos dar uma ligeira descripção do Paraná, desde a foz do Paranapanema até o salto do Guaira; mas, nos sentimos acabrunhados ante a grandeza do assumpto; porque como disse Azara, a respeito do Guaira: *E' preciso ser poeta para poder descrevel-o,* outro tanto se pode dizer a respeito do *rio,* no espaço comprehendido entre esses dous pontos.

Se não,*que o pinte quem quizer.* Um rio de largura immensa; com ilhas de 8 a 15 leguas de extensão, povoadas de bugios, cérvos, macacos, mutuns, e johós; com lindas e alvas praias onde passeiam descuidados, os grandes tuiuiús, as garças brancas, cegonhas, patos, gansos, marrecos e gaivotas; onde dormem ao calor do sol, as mansas capivaras, dispertadas, não raras vezes, pelo rugido do tigre ou pelo silvo da sucuri; que o descreva quem quizer; porque nós não nos achamos com animo para tanto; toda e qualquer descripção que d'elle tentassemos fazer, nem talvez pallido reflexo seria da grandiosa realidade da suas paizagens. Nesse dia, pousavam na margem Occidental do Paraná; logo ao anoitecer foram assaltados por

uma infinidade de mosquitos pernilongos, e com tal sanha era o assalto que ninguem podia estar quieto; mas, felizmente, uma forte rajada de vento que durou até a madrugada dispersou esses incommodos visinhos, permittindo aos viajantes dormir.

A's oito horas da manhan do dia 11, a 12 kilometros abaixo do pouzo, Nestor que com um binoculo ia observando as margens e praias; disse a Telemaco :— Vejo n'aquella praia uma *cousa preta*, parece animal, mas não posso bem distinguir; olhe você.—Na occasião em que Telemaco applicava o binoculo, a *cousa preta*, fez um movimento de cabeça e este reconheceo na *cousa preta* um tigre que estava deitado na praia. O rio n'esse logar era baixo até a margem; Telemaco pegou sua espingarda, poz quatro cartuchos no bolso, e seguido de Bento, que ia armado de grande espingarda e facão, dirigio-se á margem; quando ia saltar n'esta, foi alcançado por mais um indio que lhe disse :—Que o tigre já se tinha levantado e caminhava em direcção a elles. D'ahi a 50 passos, por entre um capinzal bravio, Telemaco avistou o tigre que vinha de cabeça baixa rugindo brandamente; Telemaco parou, armou a espingarda; recommendou a Bento que fizesse mesmo, e esperou.

O tigre andou mais 30 passos, levantou a cabeça, avistou os caçadores, endireitou as orelhas, irriçou os pellos do focinho, bateo com a cauda nos flancos, e... se preparava para assaltar, quando uma bala da espingarda de Telemaco e outra da de Bento o feria na cabeça e no peito; deo um grande urro e um salto, vindo cahir, já morto a 10 passos dos caçadores. Era um tigre preto de tamanho extraordinario. Nesse dia entraram por uma das boccas do Ivinhema, chamada pelos indios *Curuparan*, e foram pernoitar na foz do *Naranhaï*, affluente do Ivinhema. No dia 12, ás 10 horas da manhan, sahiram a ultima foz do Ivinhema ;

neste logar, na margem direita, existe um outeiro de grés vermelho que, dizem os geographos, ser continuação da serra dos Dourados. Nesse outeiro encontraram, quasi á superficie do solo, o pedaço de um vaso de argila, obra muito grosseira, com formato da cabeça de um jacaré. Quasi em frente á ultima bocca do Ivinhema, como a 3 ou 4 kilometros de distancia, a jusante, acha-se, na margem oriental do Paraná, a foz do rio Ivahi em frente á qual está a extremidade superior da Ilha Grande, que se prolonga até as Sete Quedas. A's 4 horas da tarde, acamparam para pousar, 6 kilometros abaixo da foz do Ivinhema. Nessa tarde presenciaram uma scena interessante; *a lucta pela existencia* entre animaes: Accossados por nossos cães, descia, nadando, um veado, (*cervus rufos*); repentinamente afundou, como que tirado por uma força extranha; dahi a segundos tornou a vir á tona d'agoa, e afundou de novo balindo desesperadamente. Telemaco embarcou em uma canoa, dirigindo-a ao logar onde o veado luctava; este boiou de novo, foi seguro por um camarada que o embarcou já agonisante: estava ferido nas coxas, ventre e pescoço. Quando entretidos em examinar os ferimentos do veado, foram sorprehendidos por um forte embate na canoa... era um grande jacaré que a mordia, tentando escalal-a; afugentaram-o com um *faconasso* na cabeça, e conduziram o veado ao pouso onde servio de repasto aos camaradas.

No dia 13, pela manhan, já viajando, foram assaltados por um tufão de vento sul, de tal maneira forte, que, se não acertam de entrar pelo Amambaiguassú a dentro, com certeza se lhes emborcavam as canoas, o que não é raro acontecer no Paraná.

Emquanto durou o tufão, tiveram occasião de observar os grandes jacarés boiando sobre as ondas revoltas, mostrando-se como que contentes e satisfeitos

de sem esforço proprio, serem impellidos pelas grandes vagas.

Já tarde chegaram á foz do Maracahi, cujas margens são alagadiças; logo abaixo da sua foz está o celebre *Itacoatia*, barranco alto de 50 a 60 metros, composto de grés de varias cores, donde lhe vem o nome indigina que quer dizer :—pedra pintada.

Lá tiveram os exploradores, bem a seo pezar de fazer pouso; por uma estreita e ingreme fenda, aberta na rocha pelas agoas, elevaram-se ao cimo do barranco, não sem alguns incidentes, entre os quaes o seguinte: Um dos indios que subia, carregando um sacco com farinha, tendo-lhe faltado o equilibrio, largou-o pelo barranco abaixo, dando de encontro em outro indio, que tambem a seo turno foi sobre outro, e... lá se foram todos ao rio tomando, sem querer, um banho completo. Na manhan do dia 14 chegaram á foz do ribeiro Itaquarahi, affluente da margem direita, onde prepararam o almoço. Um dos camaradas que tinha um pouco entrado no matto, disse que tinha achado uma abelheira; na occasião de irem extrahil-a, Telemaco e Nestor encontraram as ruinas de uma antiga povoação, construida de paredes de *taipas*; apezar de coberta por frondosa matta, é ainda visivel seo antigo alinhamento e divisisões de suas casas.

Foi talvez alguma reducção jesuitica, abandonada, ou destruida pelos paulistas.

A's 5 horas da tarde fizeram pouso no logar denominado pelos indios *Itaguassú*; forma-se, nesse logar, um dique natural,circumdado por grosso paredão de pedra, tendo, nas agoas baixas, apenas uma entrada pelo lado de cima: é pouso seguro e livre dos ventos.

Nessa noite, já tarde, estando o indio *Avareví*, pescando na canoa menor, foi ali atacado por um jacaré que se lhe aferrou a um joelho; pelos gritos que

dava, foi felizmente soccorrido a tempo, e o jacaré morto a cacetadas.

No dia 15, perto da foz do Iguatemi, encontraram 4 canoas tripoladas por uma cabilda de Caiguás, habitantes dos campos do Iguatemi, que tinham sahido ao Paraná a pescar e caçar. Deram-lhes os exploradores, anzoes e sal, elles falaram em comprar polvora e chumbo, para caçar com espingardas que compram aos paraguaios que vem fazer matte em nossos hervaes do Iguatemi; dos quaes dizem elles, ganham tambem *plata*, em prova do que, mostrava um delles 5 patacões hespanhoes que offerecia a troco de uma lata de polvora e um pouco de chumbo. Estes indios todos falam um pouco o hespanhol, e uma ou outra palavra do portuguez. Um delles, de nome Marcello, era bem claro e ruivo, porem sem barba; tinha uma filha pequena, de cabellos e olhos brancos, como os *Albinos*, que não podia supportar a luz.

Nesse dia acamparam 10 kilometros abaixo da foz do Iguameti, onde, á noite, ouviram já o ruido do salto. A' tarde, ouvindo assoviar de macacos, em uma ilha fronteira ao pouso, Nestor encarregou-se de ir *dar-lhes* caça: embarcou, com dois camaradas, na canoa pequena e lá se foi á ilha. Dahi a pedaço ouviram um tiro, e pouco depois appareceo Nestor arrastando um grande macaco de corpo pardo claro e de cabeça preta; era, como se usa dizer em giria de caçador, um *velho cacique*.

Nestor, atirando o macaco em meio dos camaradas, disse, chacotando:— Eia rapazes! Está acabado o encantamento do salto. Ahi está o seo velho guarda morto e a vossos pés; animo! as difficuldades que este guarda oppunha a nosso intento cahiram como elle, para não mais se levantarem. Avante pois!!— Todos enthusiasticamente applaudiram esta tirada de Nestor; e por voto unanime dos Caiguás e Coroados,

o macaco foi ainda condemnado a ser assado e comido nessa mesma noite.

No dia 16, ás oito horas da manhan, ao dobrar uma ponta de terra, avistaram todos as primeiras columnas de vapor do salto que, do ponto onde estavam, apresentava uma maravilhosa paisagem.

Continuaram a descer até os primeiros recifes, onde acamparam em uma pequena ilha da margem occidental.

Estava vencido o intento dos exploradores, era possivel chegar em canoa até a catarata do Guaira.

Agora que os exploradores são chegados ao fim do seo emprehendimento, emquanto se preparam para visitar as *quedas*, vamos dar uma ligeira vista d'olhos á paragem em que estão.

O Paraná antes de principiar a formar suas quedas, tem a largura de 4,200 metros; que, neste logar, não é interrompida por nenhuma ilha: parece uma grande lagoa de agoas serenas nas quaes se debruçam, balouçadas pela brisa, as bellas palmeiras Bocagi.

Na margem occidental o barranco é baixo, alagadiço e coberto de capim bravio; á distancia de 3 kilometros do barranco, principia a formar-se um espigão coberto de grossos bambús, entremeados de palmeiras, e de algumas frondosas arvores e, de espaço, sobresahe aos *taquaruçús*.

Na margem oriental tudo é differente; o barranco é alto e firme, o espigão que nelle vem findar é coberto por vasta e frondosa floresta virgem. Vamos experimentar se podemos dar ao leitor benigno, ao menos uma pallida idéa topographica do Salto do Guaira. A 200 metros da margem occidental do Paraná, forma-se neste um canal de 30 e poucos metros de largura, aberto pelas agoas na rocha negra e luzidia que forma neste logar o leito do rio; as agoas, já ahi, precipitam-se quasi verticalmente de 8 a 10 metros

de altura; e com tal rapidez vão escavando seo leito que, na distancia de uns 300 metros, correm já por um fundo de 25 a 30 metros; e sobre este canal é já de tal altura que as agoas latteraes vem se precipitar, formando a serie de 11 quedas que ali existem. Na margem direita formam-se apenas 3 quedas, e estas insignificantes em relação ao volume de agoas que despenham.

Na margem esquerda o rio forma uma enseada de 3.000 e tantos metros de largura e talvez uns mil e quinhentos de extensão; nella estão situadas 9 pequenas ilhas, cobertas de fracos arbustos e muitas palmeiras, por entre as quaes vão as agoas precipitar-se verticalmente no grande canal de que acima falámos, e formam as quedas mais interessantes deste salto.

Entre ellas as mais grandiosas são, contadas de baixo para cima: as 4.ª e 6.ª; grandiosas, tanto pelo volume de agoas, como pela altura de que se despenham. Nessas quedas, de 30 metros de altura, as agoas precipitam-se verticalmente, com medonho fragor sobre grandes e asperos rochedos; elevam-se depois como bellas columnas de branco vapor, onde o iris desenha suas lindas cores, a 100 e 200 metros de altura, e tornam a cahir em gottas imperceptiveis; nas immediações das quedas, a terra parece tremer e o rumor ensurdece; este conjuncto de sublimes e agrestes variedades, forma uma das mais phantasticas vistas que se pode imaginar; e no animo de quem contempla quadro tão deslumbrante, produz um religioso terror, que tanto tem de agradavel como de grandioso e terrivel. Em uma pequena gruta, á margem direita do rio, deixaram gravada na rocha, em frente á 4.ª queda esta inscripção: —T. BORBA—16—1.º—1876. Em um grande rochedo em frente á 6.ª queda esta outra:—NESTOR, 1876.

## O REGRESSO

(Continuação—do Jatahi ao salto do Guaira)

No dia 19, depois de terem tirado algumas vistas das paisagens que lhes pareceram mais interessantes, servindo-se, para este fim, de um apparelho de camara escura; deliberaram regressar explorando na subida a margem esquerda do Paraná e Piquiri.

Emprehenderam a travessia do rio, a montante de uma pequena ilha, e a toda força dos remos, gastaram o tempo de uma hora para atravessal-o.

Abicaram na margem esquerda que principiaram a percorrer. Esta margem é assaz elevada, de dois a quatro metros de altura, formada de barrancos de grés vermelho compacto, sobrepostos á rocha bassaltica, encimada por uma espessa camada de terra vermelha arroxada; a vegetação destes terrenos é exhuberante e frondosa, composta em sua maior parte de enormes Perobas, *Aspidos perma peroba*; Cabriuvas ou Oleos, *Mirocarpus frond.*; Cabiunas, *Dalbergia nigra*; Jatahi, *Hymeneasp*; Cannafistulas, *Accacia Cuene*; Ipê, *Tecoma especiosa*; Cedro, *Cedrella Brasilienses*; Louro, *Cordia frondosa*; e outras variadissimas, cuja nomenclatura ignoramos.

Entre as palmeiras notaram: a Jissara, Jaribá, Bocaiuva, Guacuri e Guarirobas, entremeadas de touças de taquaruçús (bambús giganteum?) que attingem em sua altura as arvores mais elevadas. Do espigão descem pequenos regatos de crystallinas agoas, que correndo e serpeando, com doce murmurio, sobre leitos de fina arêa, veem lançar-se no grande rio.

A's 5 horas da tarde chegaram á foz do Piquiri onde desembarcaram para pernoitar.

Emquanto os camaradas preparavam o terreno para o acampamento, Telemaco, munido de um facão

e revolver, principiava a explorar a circumvisinhança. Logo a 30 metros do barranco deparou com ruinas de muros construidos com terra, que, apezar de desmoronados, ainda attingem á altura de 2 metros; procurando local para transpol-o, encontrou um espaço de 5 metros de largura que pareceo ser a porta de entrada desse lado; e de facto não se enganára, pois, transpondo-o achou-se em uma rua formada por paredões de taipas, que percorreo até sahir a uma praça, no centro da qual existem as ruinas de um grande edificio; naturalmente algum templo. Ali encontrou grande quantidade de telhas. A vegetação, sobre as ruinas, é composta de *taquaruçú*, larangeiras, limoeiros, goiabeiras e algumas poucas arvores frondosas, que sobresahem á aquella vegetação de mediocre elevação. Como já fosse escurecendo, voltou ao acampamento, onde narrou aos companheiros que estavam no local em que tinha florescido em outros tempos a importante Cidade Real de Guaira.

No dia 20, depois de tomarem café, dividiram-se em duas turmas para explorar as ruinas; não era esta exploração trabalho de somenos importancia, pois, coberta como estavam por densa vegetação,era necessario, de facão em punho, abrir passo pelo basto e espinhoso *taquaruçuzal*, que o menor mal que produzia, era o de rasgar as roupas, quando não levava de permeio algum pedaço de pelle! Um dos exploradores, ainda tem viva lembrança de um pedaço de pelle que lá deixou : quando andavam explorando as ruinas, os cães, que andavam soltos, formaram uma *acoação* da qual sobresahia, de vez em quando, roncos, e ganidos de dor dos cães; julgando que fosse algum tigre que se debatia com os cães, Telemaco correo em direcção a elles, sem a precaução de abrir picada; já perto da acoação, sentio na cabeça uma grande dor; olhando para traz, vio seo chapeo dependurado de grosso espi-

nho de *taquaruçú*, sentindo ao mesmo tempo o sangue que lhe corria pela testa abaixo; pegou o chapeo e dahi ha momentos estava em frente de um Tamanduá bandeira, *Myrmecophagus Tamanduá*, que tinha entre os formidaveis braços um cão agonisante ; matou-o com um golpe de facão ; mas, dahi a pouco, o pobre cão era tambem cadaver.

Em vista de ter Telemaco ficado com a cabeça ferida, não poderam completar a exploração das ruinas. Pelo que observaram, pereceo-lhes que Guaira tinha sido uma cidade grande, cercada de fossos e muralhas de terra ; edificada no vertice do angulo meridional formado pela foz do Pequiri no Paraná.

Que foi uma cidade grande e populosa, em relação ao tempo de sua fundação, -- deprehende-se da circumstancia de ter sido a capital do celebre Imperio Theocratico dos Jesuitas ; de terem dali os paulistas levado 15.000 indios prisioneiros ; e, de terem ainda escapado com os padres, que os aldearam nas missões Argentinas, cerca de 10.000.

No mesmo dia 20, depois de terem almoçado, fazendo parte do *menú* um assado de bugio preto, (*Estentor Niger*), seguiram explorando o curso do Pequiri.

Este rio tem dois nomes, ambos em Guarani : este pelo qual é conhecido presentemente, é o de *Itatin* cujas etymologias são : *Pequi*, nome de um pequeno peixe, conhecido pelo nome de Alambari, e, *i*, agoa ; significando agoa ou rio dos Alambaris.

O segundo; *Itá* pedra ; *tin*, branca; pedra branca. O Pequiri é um dos rios mais bellos entre os de nosso Estado ; largo, em sua foz e durante o percurso que delle fizeram, de 400 a 500 metros ; fundo constante de 2 a 4 metros, até a corredeira do pari.

Segundo informações, obtidas dos indios habitantes de suas margens, não se presta á navegação, senão

nesta pequena secção,70 a 80 kilometros,tendo o mais de seo percurso frequentemente interrompido por successivos saltos e cachoeiras.

Logo alem da primeira curva do Piquiri, principiaram a divisar frequentes vestigios de indios; rastos, logares onde accendiam fogo e ramos cortados. Os indios que habitam o Pequiri, pertencem á nação ou tribu Kaingangue; eram completamente selvagens. A's 5 horas da tarde acamparam para pernoitar.

No dia 21 continuaram a navegar rio acima; as margens do rio são sufficientemente altas, formadas do mesmo grés vermelho que se vê no Paraná; as mattas são frondosas e compostas das mesmas essencias das já descriptas.

Na parada para o almoço, mataram uma anta, (*Tapirus Americanus*) da qual comeram alguns pedaços. Alguns romancistas europeos, principalmente francezes, consideram a carne da anta como impropria á alimentação, e até de amarga a classificam; entretanto a verdade é em contrario do que pensam esses senhores que talvez estejam convencidos de que seos romances só serão lidos pelos parisienses, geralmente ignorantes nestes assumptos de caçadas, e que só vêm antas nos seos jardins zoologicos. Ao meio dia sorprehenderam, em um barreiro, uma grande manada de porcos do matto, (*Dicotyles labiatus*), dos quaes mataram alguns: por esta circumstancia e a da caçada da anta, acamparam para *moquear* a carne; pescaram alguns dourados, *cariphona* e um Jahú, (*Vastres?*) de trez metros de comprimento, pezando seguramente 150 kilos. No dia 22, desembarcaram para almoçar, na foz de um arroio, onde viram rastos frescos de indios; passados poucos minutos avistaram um indio completamente nú e sem armas, que parecia indeciso; chamaram-o, falando na lingoa Kaingangue, approximou-se um pouco receioso; disse ser o cacique *Joré*

e andar caçando com alguns companheiros; disseram-lhe que os chamasse; a um assovio particular que deo, appareceram mais 8 indios e 4 indias moças e bonitas.

Notaram que estes selvagens eram mais claros de que os que habitavam o Jatahi; as mulheres, principalmente, eram de uma coradura admiravel. Curiosos! Tiveram os exploradores,de passar ás suas mãos, por uma revista quasi completa: apalpavam-lhes as roupas, a pelle, cheiravam a barba e o cabello, abriamlhes as camisas e riam-se da alvura e maciez da pelle; umas verdadeiras filhas de Eva! Quando estavam occupadas nestes exames, appareceo á distancia, um indio armado de arco e frecha, gesticulando desesperadamente; chamaram-o á fala; approximou-se e disse «que não queria brigar; porque se o quizesse já os teria morto de vespera, como fazia ás antas; pois seguia-os ha dois dias.» Responderam-lhe que, *isto de matar*, não era tarefa tão facil como pensava; porque eram valentes e tinham boas espingardas: mostrou-lhes seo arco e frechas, dizendo que com ellas attingia uma anta que estivesse no meio do rio. Perguntaram-lhe se conhecia arma de fogo; respondeo que não; Telemaco pegou uma espingarda que tinha junto a si, e mostrou-a; o indio examinou-a e a entregou com ar de pouco caso. Telemaco apontou a arma para uma grande arvore que estava na margem opposta do rio e fez fogo; com o estampido e vendo a bala ferir a casca da arvore o indio mostrou-se amedrontado e não queria ficar em frente á espingarda; pedio a Telemaco que a largasse e convidou-o a sentarem-se juntos; desarmou seo arco e conversou amigavelmente. Depois do almoço, para o qual convidaram os hospedes de occasião, que muitas caretas fizeram aos temperos dos exploradores, continuaram a viagem levando em companhia dois destes improvisados hos-

pedes. No dia 23, acamparam na foz de um affluente da margem esquerda do Pequiri, a que pozeram o nome de São Nestor; é um ribeirão de 10 metros de largura, bastante fundo.

Na tarde desse dia, mandaram os indios Coroados prevenir seos companheiros que paravam em um toldo proximo. No dia 24, exploraram o chapadão superior ao São Nestor; não encontraram vestigios de ruinas; entretanto, pareceo-lhes o local mais apropriado e melhor para fundação de povoação, do que o da fóz do Pequiri. Ao meio dia avistaram a corredeira do *Pari* que estava completamente cercada por estes artificios de apanhar peixes. Os indios vendo os exploradores luctar com a forte correnteza, lançaram-se á agoa, pegaram as canoas e as foram arrastando até os *Paris*; desembarcados foi-lhes offerecido grande quantidade de peixe assado e bolos de milho assados na cinza; honraram este banquete, regando-o com o *saboroso goiofá*, que tambem lhes foi offerecido em abundancia. Ali tiveram de passar ás mãos das *formosas chocrens*, pelo minucioso exame que já haviam soffrido anteriormente das primeiras que avistaram. Tomaram informações sobre a navegabilidade do Pequiri, que disseram ser impraticavel em vista da frequencia de saltos e cachoeiras que o obstroem em quasi todo seo curso superior.

Disseram que, perto de seos toldos, existiam campinas e campos entremeados de mattas baixas e rachiticas, e que chamavam aquella região, até a foz do Iguassú—*Paequerê*.

Depois de terem brindado esses *hospedes*, com lenços, thezouras, facas e anzoes, recebendo tambem em troca, alguns papagaios e *curús*; delles se despediram.

Os dois que os acompanharam, embarcaram nas canoas, e, perto de seo toldo, saltaram á agoa nadando, e...assim se despediram.

No dia 26, sahiram de novo no Paraná que principiaram a subir. A uns 12 kilometros do Pequiri descobriram um campo, na extremidade inferior do qual desemboca um ribeiro caudaloso, a que pozeram o nome de *Jacarchï*, pela circumstancia seguinte: — Quando se approximaram da foz do ribeiro, viram na praia um grande jacaré, *(Aligator Cynocephalo)*; um camarada arpoou-o; depois de muito lutar, conseguio-se cortar-lhe a cabeça, ficando esta adherida ao tronco apenas pela pelle da parte inferior do pescoço; tiraram-lhe o arpão; os indios abriram-lhe o ventre, examinaram o estomago, onde encontráram um pato, já putrefacto, e muitas pedrinhas redondas. Dahi a meia hora a tripulação da canoa que vinha na retaguarda, já o vio dentro da agoa fazendo movimentos com a cauda.

O jacaré é animal de grande força vital. Os indios Guaranis pretendem que os jacarés engolem diamantes, de envolta com pequenos seixos, e, por essa razão, quando os apanham passam-lhes minuciosa revista ao estomago e comem-lhes a carne da cauda, que dizem ser tenra e saborosa.

No dia 27, continuaram a subir o Paraná, em cujas margens caçaram muitos bugios pretos que curiosos vinham ver a passagem das canoas; são animaes de carne um pouco dura, mas saborosa. A's duas horas da tarde viram uma sucuri (*Boa Anaconda*), que placidamente, na praia arenosa, digeria uma capivara que havia ingerido; mataram-a. E' outro animal de força vital extraordinaria; quando a mataram, pozeram-a na canoa, amarrada pelo pescoço por uma corrente; ao outro dia tiraram-a para terra, e, estirada pelo pescoço e cauda entre duas arvores, na occasião em que um camarada introduzia a ponta da faca na pelle da sucuri, para extrahil-a, fez esta um movimento rapido de lado, batendo nas pernas do camarada

derribando-o e arrebentando ao mesmo tempo o cipó que a prendia pela cauda; foi necessario substituir este por uma corrente de ferro, e mesmo assim muito trabalho custou a extracção da pelle. No dia 27, acamparam, ás 5 horas da tarde, para pernoitar; como Telemaco se dirigisse a umas moutas onde pousavam algumas anhumas, (*Palamedia Cornuta*), deparou com uma bandada de capivaras, (*Hydrochaerus Capibara*), que vinham correndo assustadas; parou para observal-as: dahi a pouco avistou um tigre, (*Felix Onça*), que sorrateiramente seguia o rasto das capivaras. Quando á distancia razoavel, foi attingido na cabeça por uma bala; cahio morto, fazendo apenas fracos movimentos com a cauda. Os tigres são muito communs e numerosos nas margens do Paraná; talvez pela abundancia de capivaras que os habitam, facilitando-lhes a alimentação; nas phases lunares, á tarde, e mudanças de tempo é frequente ouvir-se-lhes os gritos particulares—*ú ú ú*—que geralmente são correspondido de todos os lados. A carne do tigre foi aproveitada para alimentação. E' saborosa, muito semelhante, tanto no gosto, como na côr, á do porco domestico.

No dia 28, acamparam á foz do ribeirão do Veado, nome que deram ao ribeirão, pela circumstancia de terem encontrado ali, uma armadilha feita pelos indios, a qual tinha apanhado um veado (*Cervus Rufos*), que ainda se debatia para rompel-a. Tinham nesse dia ultrapassado o campo do Jacarehi, cuja extensão calculamos em 30 kilometros. As mattas, onde tinham acampado, eram magnificas em vegetação frondosa. Já proximo, talvez 4 kilometros, via-se um espigão a que chamam—Serra dos Dourados. A' noite, quando acampados, o indio Caiguá, Pedro Cadete, filho do cacique Libanio, contou um episodio de sua tribu, occorrido na paragem em que estavam, e ter relação com os costumes de tribus ribeirinhas do

Paraná, para aqni transladamos: «No tempo em que o pae de meo pae era o chefe de minha tribu, eram, meos parentes, continuamente assaltados por nossos inimigos, os Guaicurús, habitantes do curso do rio Imbotetiú, affluente do Paraguai. Com quanto tivessemos nossos toldos nas florestas que margeam o Paraná, os Guaicurús, em suas correrias, sorprehendiam pequenos grupos dos nossos, dos quaes aprisionavam as mulheres e creanças, matando os homens.

Nem sempre sahiam-se bem os Guaicurús, pois, se nos atacavam nas florestas, eram repellidos pelas *Oirapens* e frechas de minha gente, que sempre se considerou melhor frecheira entre os habitantes desta região; mas a verdade é que meos antepassados viviam sobresaltados e não podiam dedicar-se pacificamente á agricultura, caçadas e pescarias.

O Caiguá é pacifico e laborioso. Cultiva a terra e tece o panno com que se veste mas, tambem é zeloso da sua independencia.

Nestas margens existem estas boas terras.

Nunca tinham percebido habitantes nellas, resolveram estabelecer-se aqui, para evitar os assaltos dos Guaicurús.

Na lua das folhas novas, meos antepassados fizeram neste logar uma grande roça na qual plantaram milho, feijão, mandioca, canna e algodão, e retiraram-se a seos toldos.

Passadas quatro luas, mandaram um pequeno grupo examinar se a roça estava madura.

Desembarcados, perceberam que as roças estavam roubadas em grande parte. A' noite foram atacados por gentes, cuja lingoa desconheciam, escapando com vida apenas dois dos nossos que poderam embarcar em uma canoa e atravessar o Paraná. Dada a noticia do morticinio, meo avô mandou reunir todos os guerreiros da tribu, e, com elles, em canoas de cascas de

Jaracatiaseiro, atravessou o Paraná. No porto da roça, que era neste logar em que estamos, encontraram amontoados oito cadaveres dos nossos e 50 cacetes ensanguentados.

Enterraram os mortos.

No dia seguinte tomaram pela picada que se dirigia á roça. Na beira della encontraram uma cabana e nella fazendo um balaio, um indio Coroado. Meo avô dirigio-se a elle dizendo: —Bom dia cunhado—e descarregou-lhe na cabeça um golpe de *oirapen*, dirribando-o.

Na roça encontraram os Coroados comendo milho e aboboras assadas. Atacaram-os, matando-os, á excepção de um que soltaram para prevenir os companheiros.

Quando na volta passaram junto á cabana, onde tinham deixado o primeiro indio que atacaram, não encontraram seo cadaver. Por espaço de 8 dias gozaram pacificamente dos productos da roça.

Já principiavam a cortar madeiras para construcção de cabanas, quando, em uma manhan, ouviram gritos da mulher de meo avô, que tinha ido tomar agoa ao ribeiro. Correram para o lado donde sahiam os gritos, e, perto do ribeiro, foram atacados pelos Kaingangues. Luctaram, conseguindo matar muitos, aprisionar alguns, que no mesmo dia sacrificaram sobre a sepultura dos nossos; mas, não poderam retomar minha avó.

No combate socumbiram 5 dos nossos, ficando muitos feridos, entre elles meo pae que nesse tempo era moço novo, (*Culumiguassú*).

Meo avô, desesperado com o rapto da mulher que amava apaixonadamente, seguio em perseguição de seos raptores. Depois de dias de caminho, em uma madrugada, foi sorprehendido pelo ataque dos Kain-

gangues. Ritirou-se, sempre diariamente luctando, até este logar.

Meo avô fez embarcar o resto de seos guerreiros, entregues á chefia de meo pae e ficou só, dizendo que ou levaria sua mulher, ou morreria onde ella estivesse.

Nunca mais viemos a esta paragem e não sabemos o que aconteceo a meo avô que se chamava *Papahi*.

Foi o chefe mais valente de nossa tribu e conseguio reunir todos os Caiguás sob sua direcção. A mulher de meo avô chamava-se *Jacitin*. Lua-branca. Dizem que era a mulher mais bonita de nossa tribu; roubada em pequena, aos brancos do Paraguai, pelos guerreiros do pae de meo avô.

—Passados annos,nos tendo perdido em uma caçada,já ao escurecer,ouvindo o coaxar das rans,que é signal certo de proximidade de agoas, indo em procura della, sahimos a uma grande lagoa, habitada por innumeros jacarés.

Nas mattas que a bordavam vimos fumaça, ouvindo tambem latidos de cães; d'ahi a pouco, estavamos confabulando em seo rancho com o cacique Coroado *Xak xondére*, que tinha ali feito uma bella caçada. Convidou-nos a tomar parte em seo *banquete*, composto de grandes pedaços de carne de anta e porcos do matto, assados á moda d'elles. Não nos fizemos de rogados. Depois de acabada a refeição, deitados sobre *macias* camas forradas do folhas de palmeira, contámos a *Xak xondére* a narrativa que acabámos de escrever.

«E' verdade disse-me o cacique; agora vou contar-te o resto: N'aquelle tempo eo já era moço; meo pae era o chefe de minha tribu; chama-se *Cóhi*. Era o mais valente de nossos guerreiros. Em uma excursão ao Paraná, deparámos com a roça, e, como já estivesse madura, fomos comendo-a. Vimos os Caiguás desembarcar, occultámo-nos e pela madrugada os

assaltámos, matando a quasi todos. Continuámos a comer a roça, até que em um dia, em que eo estava fazendo am balaio, fui derribado com um golpe na cabeça.

Quando dei accordo de mim, ouvi a luta na roça e tratei de escapar-me. No segundo dia de minha fuga, fui alcançado por um companheiro que os Caiguás tinham soltado. Chegàmos ao nosso toldo, meo pae reunio seos guerreiros e voltámos a vingar os nossos. O mais, tudo se deo como narrou o Caiguá. Agora veja a cicatriz que me ficou na cabeça.

O chefe dos Caiguás, cançado de procurar meio de roubar-nos á mulher, sem poder conseguir seo intento, em um dia de festa nossa appareceo-nos. Parámos de dançar; elle se dirigio ao logar em que estava a mulher, olhando-nos com despreso, atirou para nós sua oirapen, e sentou-se junto a ella. . . Lembrando-me do golpe que delle tinha recebido,peguei a oirapen.

Vendo-me dirigir a elle, crusou os braços sobre o peito, dirigindo-me um olhar tão feroz que, amedrontado, não tive animo para feril-o.

Larguei a *oirapên*; meo pae pegou-a, e dançando ao redor do cacique descarregou-lhe um tremendo golpe, prostrando-o sem vida!

A mulher do cacique pegou a *oirapèn* e acommetteo meo pae que tambem cahio morto.

Um dos nossos derribou-a com uma lançada: enterrámos os tres no mesmo tumulo.»

No dia 29, emprehenderam a marcha ás 6 horas da manhan, ás 8 horas estavam na foz do Ivahi, e já tinham deixado, a tres kilometros, a ponta mais alta, 60 metros, da Serra dos Dourados.

Da foz do Ivahi, em linha obliqua ao Norte, avista-se um outeiro, por cuja base superior desemboca no Paraná o rio Ivinhema.

Da foz do Ivahi, olhando-se para baixo, avista-se o barranco do Itacoatiá e a foz do Maracahi.

Acima do salto do Guaira, é este ponto o unico de onde se pode avistar, sem embaraço de ilhas, a margem occidental do Paraná.

O Ivahi tem na foz 600 metros de largura, na margem direita o barranco é de terra de 5 a 10 metros de altura, na margem esquerda o barranco é composto de grés vermelho de 40 a 60 metros de altura.

O Ivahi já tinha sido percorrido por Telemaco; em 1874, tinha explorado seu curso, subindo-o até a foz do Corumbatahi; em fins de 1875 desde Therezina até a corredeira do Ferro.

Este rio que na foz tem 600 metros de largura, logo a 15 kilometros della se estreita consideravelmente por entre barrancos de terra vermelha, de 20 a 30 metros de altura; seo curso, até a corredeira do Ferro, é sempre muito fundo e pouco correntoso.

No dia 30 continuaram a viagem sem incidente digno de nota, a não ser a caçada de algum bugio preto ou mutum.

Acamparam na ilha do cacique Santigo, que ahi tem seo tumulo junto ao tronco de um grande Jatobaseiro. No dia 31 chegaram ao rio dos Patos, onde fizeram grande estrago nestes palmipedes, que, tendo derribado as penas das azas, não podiam voar, gorpos... Mas, caçaram em tanta quantidade que não puderam aproveitar todos.

No 1.º de Fevereiro, entraram a foz do Paranapanema, cujo curso já tinha percorrido e descripto. Acamparam na ilha do Urucú.

Noite deliciosa, nem mosquito, nem tigre!...

No dia 14 chegaram ao porto do Jatahi, onde foram recebidos pela população com salvas e repiques de sino.

# THEOGONIA DOS INDIOS (1)

Illm. Sr —De ordem do Exm. Sr. Dr. Director, passo às mãos de V.S. o precioso manuscripto, sob a epigraphe—Lenda ou mytho dos indios Coroados, Cayngangpé, Cayrucré e Camé, com que honrou a secção anthropologica deste estabelecimento o nosso distincto e infatigavel comprovinciano, Sr. Telemaco M. Borba, que, como Couto Magalhães e tantos outros, já se vae notabilisando por tal genero de litteretura, tão descurado pelos escriptores paranaenses.

Como, porem, esse notavel trabalho tem de ser enviado por esta Secretaria ao Imperial Instituto Historico e Geographico Brasileiro, suggerio-se-me á idea commental-o, esperando entretanto que seo illustre auctor desculpar-me-ha a ousadia de ir respigar seara tambem rastolhada.

E, conscio de que V.S. dignar-se-ha prestar assim um serviço ás sciencias e lettras, espero que dará publicidade em seo conceituado periodico á utilissima e notavel producção intellectual do—*d'Orbigny Paranaense*.—Deos Guarde a V. S. — Secretaria do Museo Paranaense, em Coritiba, 11 de Abril de 1886.—Illm. Sr. Luiz Coelho, proprietario do *Jornal do Commercio*.—O secretario, *Nivaldo Braga*.

---

(1) A proposito da lenda que se encontra á pag. 20 deste livro.

# EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS

## Estampa 1

Figuras 1, 2, 3, 4 e 5 — Pontas de frechas de quartzo, encontradas no logar denominado — Arêa Preta — na fazenda do Imbaú, Tibagi.

Figuras 6, 7 8, 9 e 10 — Pontas de frechas de quartzo, encontradas em Therezina e suas proximidades, no Ivahi.

Figura 11 — Faca de quartzo, encontrada em Therezina. Objecto rarissimo ; só conhecemos este exemplar.

Figura 12 — Pequeno pilão de pedra ; de Therezina.

Figura 13 — Triangulo de pedra ; de Therezina.

Figura 14 — Triangulo de barro cosido ; de Therezina : (parece-nos que estes dois objectos representam symbolos phalicos femininos).

Figura 15 — Roda de fuzo, de pedra ; de Therezina. Todos os objectos desta estampa, estão representados em tamanho natural.

## Estampa 2

Figura 16 — De pedra polida. Parece-nos que servia de martello. Do logar denominado — Coqueiros — Tibagi.

Figura 17 — Pedaço de mão de pilão, pedra polida ; das immediações do Tibagi.

Figura 18 — Pedra polida, de uso desconhecido ; da mesma procedencia do n. anterior.

Figura 19 — Faca de raspar, pedra polida ; Tibagi.

Figura 20 — Machado de pedra polida, procedente do Jatahi.

Figura 21 — Mão de pilão, pedra polida, do vale do Ivahi ; parece-nos ser um symbolo phalico masculino.

Figura 22 — Machado de pedra polida, dos Coqueiros, Tibagi.

Figura 23 — » » » » » » »

Figura 24 — » » » » » » »

Figura 25 — Pedaço de roda de fuzo, barro cosido, do Jatahi.

Figura 26 — Pedaço de machado, pedra polida, do Tibagi.

## Estampa 3

Figuras 27 e 31 — Machados de pedra polida, da Serra da Prata, Ivahi.
Figuras 28, 29 — Machados de pedra polida, do Amparo, Tibagi.
Figura 30 — Mão de pilão, pedra polida.
Figura 34 — Objecto de uso desconhecido, pedra polida.
Figura 35 — Machado quebrado,pedra polida; as tres dos Coqueiros, Tibagi.
Figura 32 — Mão de pilão, pedra polida.
Figura 33 — Pilão de pedra polida. Ambos de Therezina, Ivahi.

## Estampa 4

Figura 36 — Clava de pedra lascada, do Arroio-Grande, Tibagi.
Figuras 37, 38, 39, 40 e 41 — Pedaços de mãos de pilão, de pedra polida, de varias localidades do Tibagi.
Figuras 42 e 45 — Pedaços de machados de pedra polida do Tibagi.
Figura 43 — Mão de pilão de pedra polida, Coqueiros, Tibagi.
Figura 44 — Objecto de pedra polida, uzo desconhecido, Tibagi.
Figura 46 — Machado de pedra polida, Tibagi.
Figura 47 — Machado de pedra polida do Imbahú, Tibagi.

## Estampa 5

Figuras 48, 49 e 50 — Frechas de Guaranis, Jatahi.
Figuras 51 e 52 — Frechas de Coroados do Estado de Matto Grosso.
Figura 53—Arco de indio Coroado, de Matto Grosso.
Figura 54—Arco de indio Guarani, Jatahi.
Figura 55—Flauta de Kaingangue, Jatahi.
Figuras 56 e 57—Tembetás de rezina, dos Caiguás, Jatahi.
Figura 58—Chifre de boi, com dezenhos feitos pelos indios Kaingangues do Ivahi.
Figura 59—Outros dezenhos do mesmo chifre.

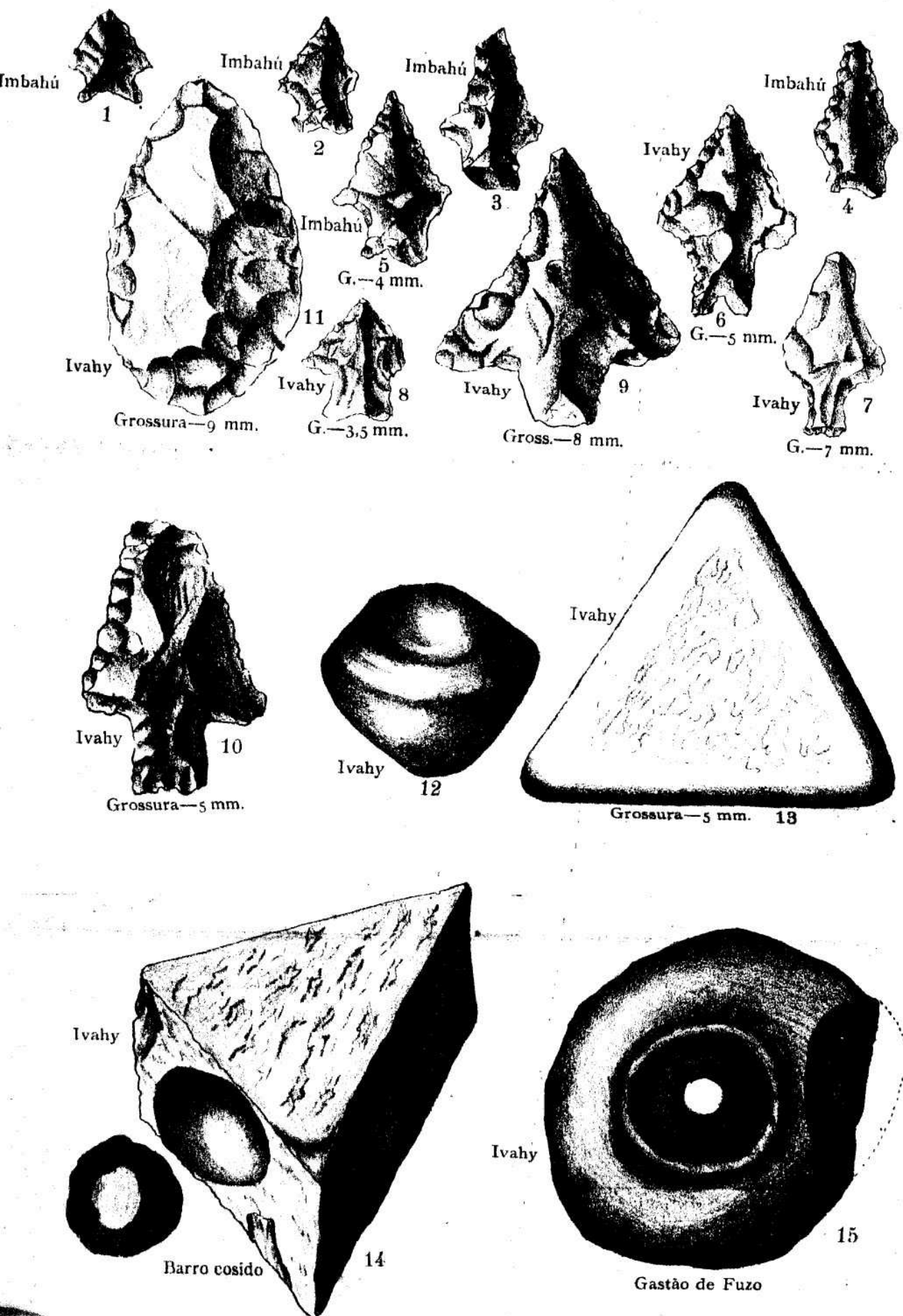
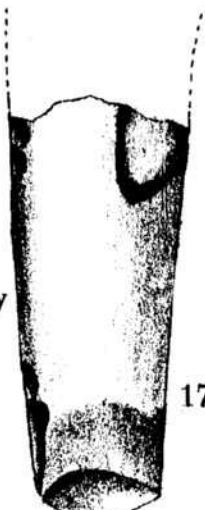
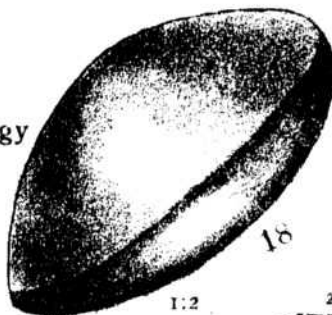
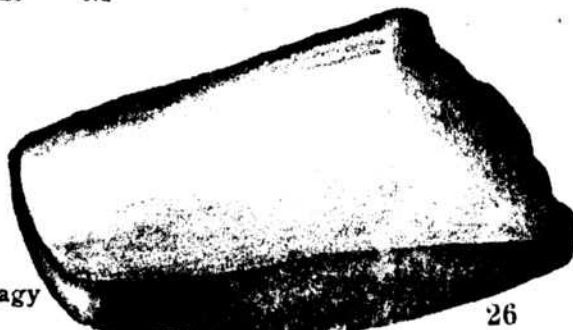
Estes objectos e outros mais que não estão dezenhados, existem em minha pequena collecção.

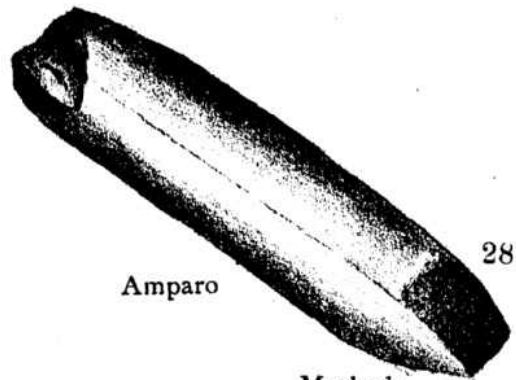
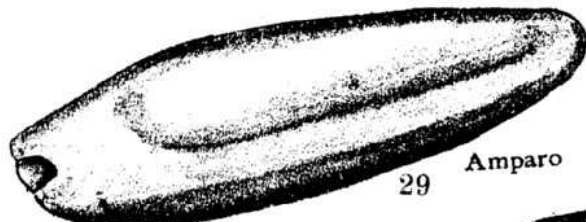
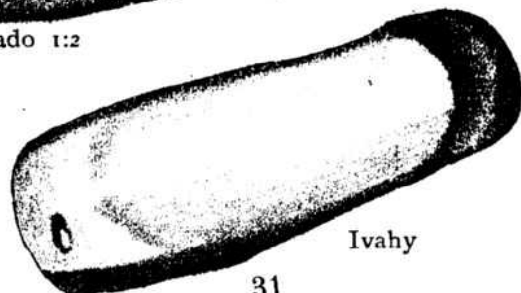
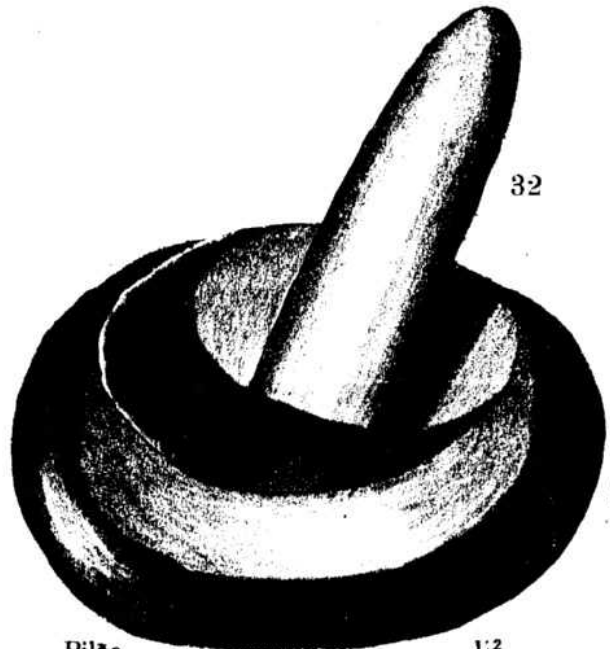
Arroio grande.
Tibagy
1:4
36
Coqueiros
37
1:2
Tibagy
Coqueiros
38
1:2
39
1:2
Tibagy
42
1:2
Tibagy
40
1:2
Tibagy
41
1:2
Tibagy
44
1:3
Tibagy
1:2
45
Coqueiros
Tibagy
46
1:2
43
Imbaú
47
1:2

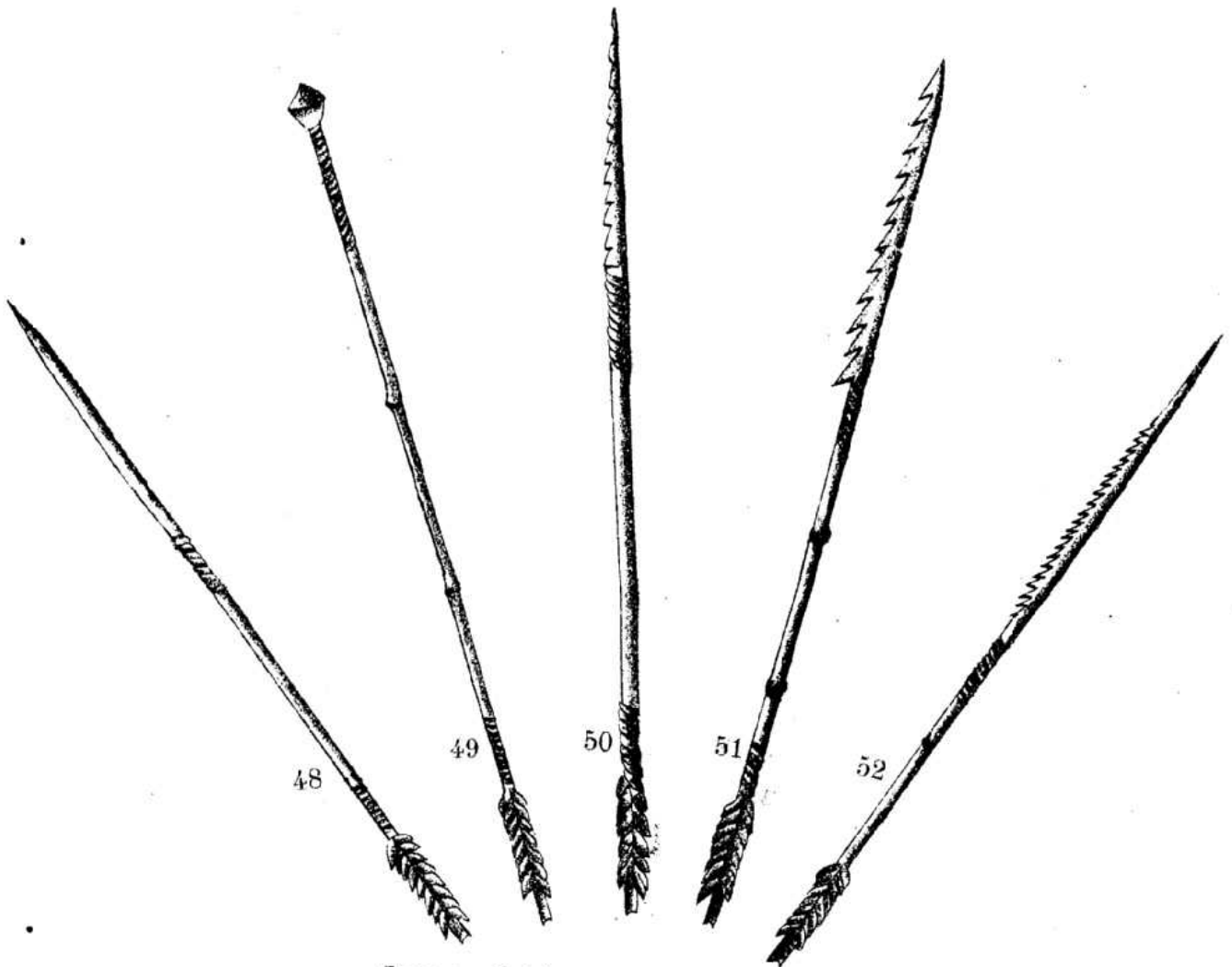
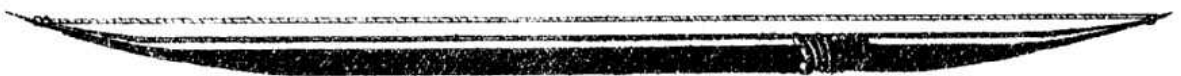
Estampa 4.ª

## Estampa 1.ª

Todos os objectos estão representados em tamanho natural

## Estampa 2.ª

Coqueiros
Martéllo ?
1:2
16
Tibagy
17
1:2
Pedaço de mão de pilão
Tibagy
18
1:2
Uzo desconhecido
Tibagy
19
1:2
Faca de raspar
1
2
Jatahy
20
Machado Tamanho natural
3
Coqueiros
21
Mão de Pilão. Tamanho natural
22
Machado. Tam. natural
Coqueiros
4
23
Machado 1:2
5
Coqueiros
24
Machado 1:2
Jatahy
25
Tam. natural
Gastão de Fuxo
Tibagy
26
Pedaço de
1:2

## Estampa 3.ª

Ivahy.
27
Machado 1:2
Amparo
28
Machado 1:4
Amparo
29
Machado 1:2
Coqueiros
30
Mão de pilão 1:3
Ivahy
31
Machado 1:2
32
Ivahy
33
Pilão 1:2
Coqueiros
34
Tamanho natural
Coqueiros
35
Machado (quebrado) 1:2

# Estampa 5.ª

48 49 50 51 52

Guaranys, Jatahy coroados Matto Grosso

53 coroados Matto Grosso.

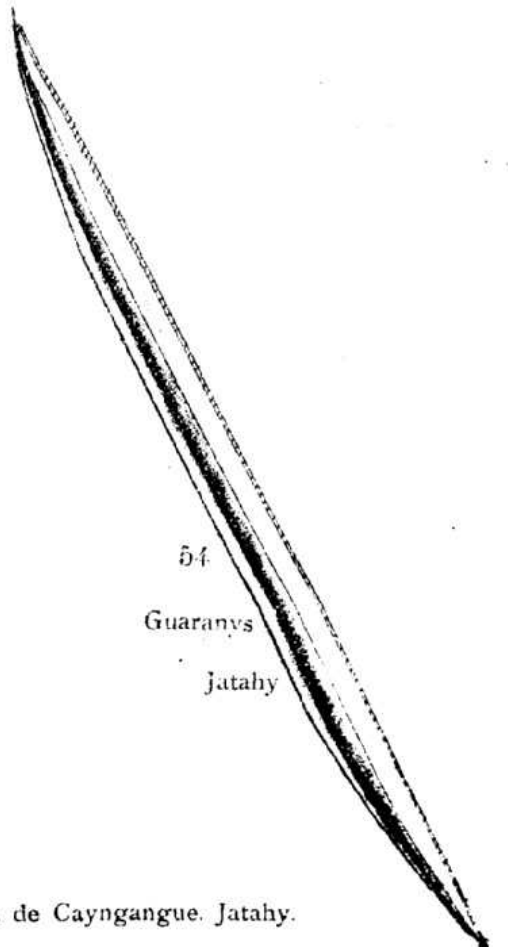
Escala = 1:12

59 58

Chifre com desenhos feitos pelos Cayngangues.

1:2

Tembetá de resina, Cayguás.

56 55

54 Guaranys Jatahy

57

Tembetá de resina, Cayguá. Jatahy.

1:8

Flauta de Cayngangue. Jatahy.

1:10

# ERRATA

Em toda a obra: leia-se: Kaingangue.

| | | | |
|---|---|---|---|
| pagina | 11 : | *carubé* | leia-se *cambé* |
| » | 14 e 15 : | *goifá* | » *goiofá* |
| » | 18 : | *cangire* | » *canigire* |
| » | 23 : | morangos | » morangas |
| » | 26 ; | min-ârân | » Min-ârân |
| » | » : | pedra | » pedra. |
| » | 28 ; | *Tong* | » *Fong* |
| » | » : | *Hefé* | » *Kefé* |
| » | 34 : | em toda obra substitua-se *que* por *kê* nos vocabulos indigenas. | |
| » | 34 : | *eió hó* (etc ) | leia-se : *Cagmá, iengvê, vé oanan* |
| » | 34 ; | *bangus* | leia-se : *bangue* |
| » | » : | eiokang | » *uokang* |
| » | » : | iê | » jê |
| » | 35 : | Feiê | » Teiê |
| » | 36 : | Grumt-xin | » Grumt |
| » | » : | Lecenço | » Leicenço |
| » | » . | Bong | » Bang |
| » | » : | Hei | » Xi |
| » | 37 : | Manque | » Mangue |
| » | » : | Abarambraia | » Mharambroia |
| » | » : | Negrein | » Nigrein |
| » | » : | Haxin | » Xaxin |
| » | » ; | Hin | » Xin |
| » | » ; | Haig | » Xaig |
| » | » : | Coxin | » Caxin |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| pagina | 38 : | Mram mion | leia-se : | Mran mran |
| » | » : | Pondó | » | Pandó |
| » | » | Canéa | » | Cancá |
| » | » : | Faktom | » | Taktom |
| » | 40 : | *Quexá banh* | » | *Quexá bang* |
| » | » : | *Concá* | » | *Cancá* |
| » | » : | Humá-hê ? | » | Hamá-hê ? |
| » | 41 : | 'hangue nanti | » | 'hague nanti |
| » | 42 : | Ueu-ti | » | Uen-ti |
| » | » : | 'hangue | » | 'hague |
| » | 44 : | K mon | » | Keman |
| » | 45 : | Keveu | » | Keven |
| » | 48 : | pulkêcan | » | putkêcan |
| » | » : | Quexá vuvú | » | Quexá-taruro |
| » | » : | Quexá tan ti jura | » | Quexá-xin |
| » | » : | Quexa xatan | » | Quexá ruro keikê |
| » | » : | araniróya | » | aramroya |
| » | » : | Tacópcopkô | » | Tacópcopkê |
| » | » : | meysne | » | Meyene |
| » | 95 : | Cameyóki | » | Caneyóki |
| » | 97 : | Rico | » | Bico |
| » | 98 : | Tárerá | » | Tárerê |
| » | » : | emendo | » | enendo |
| » | 99 . | Eprie | » | Epri |
| » | » : | Nhateã | » | Nhantcá |
| » | » : | Nhum | » | Nhom |
| » | 100 : | Euniucuá (em kaingangue —supprima-se). | | |
| » | » : | calabaça | leia-se : | cabaça |
| » | » : | Copa | » | Prato |
| » | 101 : | Olha pare chicha (supprima se) | | |
| » | 102 : | Vaicurya | leia-se : | Vaicurcya |
| » | 103 e 104 : | Padre | » | Pae |
| » | » » : | Madre | » | Mãe |
| » | » : | Bém | » | Bén |
| » | » : | Jóng | » | Ióng |
| » | 104 : | Jambré | » | Iambré |
| » | 105 : | Capri | » | Copri |
| » | » : | Hopéi | » | Kopéi |
| » | 106 : | Quexang | » | Quexóng |
| » | » : | Oreng | » | Creng |
| » | » : | Canton | » | Cantou |
| » | 107 : | Hói | » | Xói |
| » | 108 : | met fei | » | met fu |
| » | 108 e 109 : | **Paterá** | » | Patcrá |
| » | 108 : | Boopohi | » | Boapohi |



| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| pagina | 109 : | Hé, Hu | leia-se : | Xé, Xu |
| » | 110, 112 e 113 : | Hé | » | Xé |
| » | 111 : | Hai | » | Xai |
| » | 114 : | Anrahet | » | Amahet |
| » | » : | He | » | Xé |
| » | 117 : | nomes. | » | nomes de |
| » | 118 : | canisjuratus | » | canis jubatus |
| » | 123 : | pára, pára. | » | pára |
| » | 127 : | atravessam ? | » | atravessar ? |
| » | 128 : | e devido | » | é devido |
| » | 134 : | Hocrens | » | Xocrens |
| » | 135 : | Guaianás | » | Guaranis |
| » | 136 : | Nadana | » | Maïdana |
| » | » : | Caigrús | » | Caiguás |
| » | » : | Resumindo | » | Resumindo : |
| » | 138 : | Mao | » | Mãe |
| » | 139 : | Pé | » | Fé |

*Nota*.

Quando aqui esteve no Paraná, em 1906, o Dr. Alberto Fric, autorizado pelo auctor, servio-se desta obra, em manuscripto, aproveitando apontamentos.

# Indice